

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**TIAGO FERNANDES RUFO**

**MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NO SUDOESTE PIAUIENSE:**

**Impactos na rede urbana regional, no meio ambiente e nas  
comunidades.**

Brasília – Distrito Federal

Dezembro - 2013

**TIAGO FERNANDES RUFO**

**MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NO SUDOESTE PIAUIENSE:**

**Impactos na rede urbana regional, no meio ambiente e nas comunidades.**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Departamento de Geografia/Universidade de Brasília como exigência final para obtenção do título Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho

Brasília – Distrito Federal

Dezembro – 2013

**TIAGO FERNANDES RUFO**

**MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NO SUDOESTE PIAUIENSE:**

**Impactos na rede urbana regional, no meio ambiente e nas comunidades.**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Departamento de Geografia/Universidade de Brasília como exigência final para obtenção do título Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho

Orientador/ UnB

---

Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Júnior

Docente/ UnB

---

Prof. Dr. João Mendes da Rocha Neto

Geógrafo, Presidência da República.

Brasília- Distrito Federal

Dezembro de 2013

Aos meus pais, João Rufo e Evandia, aos meus irmãos e à minha namorada Halanna.

À memória do meu avô José Fernandes Neto com seus diversos ensinamentos e filosofia de vida que irão ficar marcadas para sempre.

Ao meu querido estado do Piauí, especialmente ao município de Monte Alegre, povoado Jatobá no qual vivi parte da minha infância na zona rural deste município.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao meu abençoado Deus por todas as realizações em minha vida, pela saúde e pela família maravilhosa que ele me concedeu.

Agradeço minha família, aos meus pais, João Rufo e Evandia Fernandes, pelo incentivo e apoio nos momentos mais complicados da vida acadêmica e incentivo ao trabalho final.

Agradeço também ao meu irmão Gabriel Fernandes Rufo e minha namorada Halanna Marques, que sempre me ajudaram nas discussões em relação às transformações no Piauí e no incentivo à produção do trabalho.

Agradeço muito ao amigo Lucas Garcia, estudante do curso de geografia da UnB, que me ajudou bastante na produção dos mapas da área de estudo, contribuindo para a interpretação das dinâmicas emergentes no Sudoeste Piauiense. Além disso, agradeço aos amigos Giuseppe, Douglas Cassimiro, Stênio, Ana Clara, Gabriel Araújo, Leonardo Marans, Thaís Tavares, Juan Orozco, Túlio Venâncio, Rhuan, entre outros.

Agradeço também a minha Supervisora do estágio Shirley dos Santos pela grande oportunidade em relação à experiência profissional, sempre me incentivando e dando oportunidades de estudar quando não havia demanda no CENSIPAM.

Agradeço ao professor Dante Reis pelos ensinamentos na disciplina Metodologia da Geografia, onde houve perfeita instrução quanto à elaboração de anteprojetos de pesquisa. O tema da pesquisa nasce justamente na disciplina oferecida no segundo semestre de 2012, sendo fundamental para o prosseguimento da temática.

E finalmente agradeço ao professor Fernando Luiz Araújo Sobrinho pela orientação no trabalho e também pelas oportunidades concedidas principalmente no grupo de pesquisa do Programa Bolsa Permanência da Universidade de Brasília, onde sempre me incentivou na elaboração dos artigos publicados no decorrer dos quatro anos da graduação.

“O sul do Piauí, localizado nos cerrados nordestinos, participa, nas últimas três décadas, de importantes transformações espaciais. A recente instalação de novos atores, especialmente de empresas hegemônicas e de grandes agricultores agropecuários, confirma aquela sub-região dos cerrados como integrante de uma nova lógica de reprodução do capital. As manifestações de mudanças aparecem tanto no urbano quanto no campo”. (ALVES, 2009, p.74).

## RESUMO

Objetiva-se, nessa pesquisa, analisar o processo de modernização agrícola na Mesorregião Sudoeste Piauiense, identificando quais são as alterações e impactos na rede urbana mesorregional, no meio ambiente e comunidades. Além de caracterizar os processos dicotômicos existentes na área de estudo, com foco no Núcleo de Desertificação de Gilbués. O processo de modernização agrícola das áreas dos cerrados piauiense é iniciado na década de 1970 e intensificado na década de 1990 com forte incentivo do Estado seguido de implementação de infraestruturas necessárias, como de transporte e comunicação, de incentivos e subsídios fiscais. A modernização da agricultura no Sudoeste Piauiense foi efetivada através da migração sulista e se insere na lógica de ocupação do chamado Brasil Central e na mais recente região do agronegócio brasileira denominada MAPITIBA, que representa a junção das siglas iniciais dos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia. O Sudoeste Piauiense pode ser considerado a última fronteira agrícola do Brasil, onde há inúmeros processos de reconfiguração do espaço, evidenciados no campo e nas cidades, além de impactos ambientais, dinamização econômica e impactos sociais. Nas terras altas ou platôs piauienses houve intensa reconfiguração do uso do solo, pois passa de uso comunitário do território para o uso da grande agricultura moderna. Foi necessária a realização de um levantamento bibliográfico da temática da pesquisa, tentando evidenciar e estruturar uma base de ideias e informações referentes ao processo de modernização agrícola no Brasil Central, na região do MAPITIBA e no Sudoeste Piauiense, sendo algumas das ideias desse trabalho resultantes das impressões de diversas viagens realizadas para o município de Monte Alegre do Piauí. Observou-se que o Sudoeste Piauiense é marcado por inúmeras complexidades, pois há um grande crescimento econômico originado com a moderna agricultura contrastando com problemas sociais e ambientais.

## **ABSTRACT**

Objective is, in this research, analyze the process of agricultural modernization in the Greater Region Southwest Piauiense, identifying what are the changes and impacts on mesoregional urban network, the environment and communities. Besides characterizing the existing dichotomous processes in the study area, focusing on core Desertification of Gilbués-PI. The process of agricultural modernization in the areas of Piauí savannas is started in the 1970s and intensified in the 1990s with strong encouragement of the state followed by implementation of the necessary infrastructure, such as transportation and communication, tax incentives and subsidies. The modernization of agriculture in Southwest Piauiense was effected through the southern migration and fits into the logic of occupation called Central Brazil and the recent May region of the Brazilian agribusiness called MAPITOBA, which is the junction of acronyms initial states of Maranhão, Piauí, Tocantins and Bahia. The Southwest Piauiense can be considered the last agricultural frontier in Brazil, where there are numerous cases of reconfiguring the space, evidenced in the countryside and the cities, in addition to environmental impacts, economic dynamism and social impacts. In the highlands or plateaus piauienses was intense reconfiguration of land use, because it passes the shared use of the territory for the use of large modern agriculture. It was necessary to conduct a literature survey of research in the area, trying to show structure and a base of ideas and information relating to the process of agricultural modernization in Central Brazil, in MAPITOBA Piauiense region and the Southwest, with some of the ideas that result from work impressions made several trips to the municipality of Monte Alegre do Piauí. It was observed that the Piauiense Southwest is marked by innumerable complexities because there is a great economic growth originated with modern agriculture contrasted with social and environmental problems.



## LISTA DE FIGURAS

Figura1- Mesorregiões Geográficas do Piauí .....	18
Figura 2- Figura 2: Microrregiões Geográficas do Piauí .....	19
Figura 3- Densidade Demográfica no estado do Piauí .....	21
Figura 4- Biomas Brasileiros .....	24
Figura 5- Região do MAPITOBA- Biomas (IBGE).....	69
Figura 6- Região do MAPITOBA e os municípios do agronegócio de cada estado.....	71
Figura 7- Mapa Hipsométrico da Mesorregião do Sudoeste Piauiense.....	79
Figura 8- As terras altas e os baixões .....	81
Figura 9- Foto 9: Poço jorrante Violeta- Cristino Castro (PI).....	99
Figura 10- Máquinas agrícolas no município de Monte Alegre-PI.....	102
Figura 11- Área de brejos no município de Monte Alegre do Piauí.....	104
Figura 12- Carta Imagem do Sudoeste Piauiense.....	106
Figura 13- Desmatamento das bordas de Chapadas da Serra do Uruçuí.....	107
Figura 14- Sedimentos em suspensão no Rio Contrato- Monte Alegre do Piauí.....	108
Figura 15- Composição colorida com imagens Lansat-TM 5 obtidas em junho de 2010- Bom Jesus-PI.....	110
Figura 16- Áreas dos baixões adquiridas por grandes produtores de terras dos platôs piauienses- Povoado Cedro em Município de Monte Alegre do Piauí.....	111
Figura 17- Composição colorida com imagens de junho de 2005 Landsat-TM- Área de solos expostos e desertificação na região de Gilbués-PI.....	115
Figura 18- Área degradada- Povoado Pua de Pente- Monte Alegre do Piauí.....	116
Figura 19- Trabalho de recuperação no NUPERADE-Gilbués.....	117

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: População residente das Mesorregiões Piauienses.....	20
Tabela 2: População Residente por Situação do Domicílio.....	33
Tabela 3: Municípios mais populosos do Piauí.....	36
Tabela 4: Produção Agrícola de Milho e Soja de Bom Jesus e Uruçuí em 2007.....	96

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1. PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO TERRITORIAL PIAUIENSE E TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA MESORREGIÃO DO SUDOESTE PIAUIENSE.....	15
1.1- Contextualização Histórica e formação territorial do Piauí .....	22
1.2- A ocupação da atual Mesorregião Sudoeste Piauiense.....	26
1.3 A atual rede urbana do Piauí, especialmente da Mesorregião Sudoeste Piauiense.....	33
2. O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NO BRASIL CENTRAL: TENDÊNCIAS, DICOTOMIAS E TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO.....	42
2.1 Influências da moderna agricultura na cidade, no campo, no meio ambiente e comunidades.....	52
2.2 Migração Gaúcha para áreas do Cerrado: lógica, processos e dinâmicas.....	62
2.3 MAPITOBA: nova regionalização da agricultura moderna e principais municípios do agronegócio.....	68
3. O PROCESSO HISTÓRICO DE MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NA MESORREGIÃO SUDOESTE PIAUIENSE E AS IMPLICAÇÕES NO ESPAÇO MESOREGIONAL...	77
3.1 Emergência de nova rede urbana regional no Sudoeste Piauiense, surgimento de novas formas urbanas, equipamentos urbanos, centralidades e contradições, com foco em Bom Jesus-PI e Uruçuí-PI.....	88
3.2 Impactos da modernização agrícola no meio ambiente e nas comunidades e a presença Núcleo de Desertificação de Gilbués: dicotomias e processos contraditórios emergentes no Sudoeste Piauiense.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124

## INTRODUÇÃO

A modernização agrícola na Mesorregião Sudoeste Piauiense é iniciada na década de 1970 e intensificada no fim da década de 1990 depois da migração sulista para a região. São os chamados “gaúchos”, pessoas de origem do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso, etc. Nota-se que o processo de ocupação e modernização agrícola dos cerrados piauienses se assemelha a de outras áreas com o processo já consolidado, como o apoio e incentivo do Estado, instalação de indústrias, desmatamento, modificações na rede urbana, etc.

O processo de transformação da região do Sudoeste Piauiense vem desencadeando mudanças e dinâmicas socioespaciais através da incorporação e surgimento de uma produção agrícola altamente moderna, instalação de indústrias ligadas ao setor e o surgimento de comércio e serviços diferenciados.

Todas essas transformações resultam em nova configuração das áreas rurais e urbanas dos municípios da Mesorregião Sudoeste Piauiense, dando origem a novas realidades espaciais, econômicas e demográficas. Ou seja, o surgimento dessa nova metamorfose acaba dando características de uma região ainda em formação. Destaca-se que essa área de expansão da fronteira agrícola é pouco conhecida e ainda carece de melhor desbravamento dos seus problemas e potenciais econômicos e naturais.

A inserção da região do Sudoeste Piauiense como nova fronteira agrícola brasileira sublinha o aparecimento de novos arranjos espaciais por meio do surgimento de novos agentes, como grandes agricultores e empresas hegemônicas. Ou seja, o melhor conhecimento dessa temática e dessa região do estado do Piauí, permite que haja mais possibilidades para o entendimento e compreensão da nova fronteira agrícola brasileira, que também abrange recortes territoriais dos cerrados do oeste baiano, sul do Maranhão e norte de Tocantins. Destaca-se que há possibilidade do surgimento de uma nova regionalização do território brasileiro ocasionada pela expansão da fronteira agrícola, seguido de inúmeras transformações e impactos diretos na economia, no meio ambiente, na cultura, no urbano e no rural.

O processo de ocupação da área que abriga a modernização agrícola no Sudoeste Piauiense envolveu uma série de fatores, dentre eles os naturais, os políticos, econômicos e culturais. Destacam-se a favorabilidade topográfica do solo e do clima, vegetação menos

densa e de fácil remoção, recursos hídricos suficientes, subsídios e incentivos fiscais governamentais e créditos bancários facilitados, como fatores motivadores da instalação da moderna agricultura nos cerrados piauienses. Dessa maneira, torna-se vital entender algumas consequências diretas e indiretas do processo de modernização agrícola no Sudoeste Piauiense sobre a rede de cidades, no meio ambiente e nas comunidades locais da região, sendo que essas mudanças podem ser singulares e únicas.

O entendimento da emergência de novos processos no contexto piauiense reforça a importância dessa pesquisa. Dessa maneira, é extremamente relevante destacar os aspectos sociais e naturais da região de estudo, englobando as transformações na rede urbana, os impactos ambientais e culturais no Sudoeste Piauiense, dando assim maior consistência à pesquisa. Além disso, é necessário entender a dicotomia existente na realidade do Sudoeste Piauiense, onde há uma rede de municípios com inúmeros problemas, como por exemplo, processos de desertificação em algumas áreas, especialmente no Núcleo de Desertificação de Gilbués.

Sendo assim, a pergunta norteadora da pesquisa pode ser sintetizada da seguinte maneira:

Quais transformações territoriais que o processo de modernização e expansão agrícola vem desencadeando na Mesorregião Sudoeste Piauiense?

O objetivo geral será o de analisar o processo de modernização da agricultura na Mesorregião Sudoeste do Piauiense e seus impactos na rede urbana mesorregional, no meio ambiente e comunidades locais. Sendo necessário o estabelecimento dos seguintes objetivos específicos:

- Identificar as novas formas urbanas e centralidades no contexto da Mesorregião Sudoeste Piauiense, com foco nos municípios Bom Jesus e Uruçuí, localizados respectivamente nas Microrregiões Alto Médio Gurguéia e Alto Parnaíba.
- Avaliar as principais consequências no modo de vida das comunidades locais
- Caracterizar os impactos ambientais juntamente com as dicotomias existentes no Sudoeste Piauiense, focando na dicotomia entre a moderna agricultura e o Núcleo de Desertificação de Gilbués.

A adoção de procedimentos metodológicos foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa, pois está ligado à delineação do que se busca na confecção do trabalho. Primeiramente, foi necessário um levantamento bibliográfico sobre o tema em livros, artigos científicos, dissertações e teses, disponíveis principalmente em meio digital. Além de pesquisa documental e de dados primários. Com isso objetivou-se a construção de uma base de dados e embasamento teórico a respeito da temática.

Inicialmente buscaram-se trabalhos que caracterizavam o processo de modernização da fronteira agrícola no Brasil Central. Logo, busca-se o entendimento da problemática em uma visão mais geral, compreendendo o processo de modernização agrícola como contribuinte para a intensa transformação e engendramento de novas dinâmicas no Brasil Central.

Logo após essa etapa, o próximo passo foi a busca de trabalhos que abordassem o processo de modernização agrícola no sul do Piauí e um maior conhecimento dessa região dos cerrados piauienses, buscando o entendimento e compreensão do surgimento do processo e as diferenciações em relação a outras áreas de agricultura moderna.

Terminada a fase de coleta de dados e trabalhos sobre o tema, adentra-se na fase da análise dos dados e das informações coletadas no levantamento bibliográfico. É nesse momento que serão primordiais o estudo, acompanhado de fichas de leituras dos trabalhos encontrados, pois os mesmos contribuirão para a resposta do objeto da pesquisa e para uma maior possibilidade de caracterização dos impactos na rede urbana regional, no meio ambiente e comunidades em decorrência da modernização agrícola.

Finalmente destaca-se que houve a utilização das impressões resultantes de inúmeras viagens já realizadas para o município de Monte Alegre do Piauí e pequenos levantamentos fotográficos, focados na parte ambiental da pesquisa. Tal município se insere na dicotomia existente entre a agricultura moderna e os processo de desertificação do Núcleo de Desertificação de Gilbués-PI.

Em relação à estrutura do trabalho, o primeiro capítulo caracteriza o contexto histórico que o Sudoeste Piauiense está inserido e uma breve caracterização da atual rede urbana mesorregional, enfatizando os principais municípios e microrregiões, além de destacar previamente algumas transformações recentes emergentes na área de estudo.

No segundo capítulo haverá uma série de considerações dos processos ligados à modernização da agricultura no chamado Brasil Central, destacando região do MAPITOBA como a mais nova fronteira agrícola do país e as devidas transformações no espaço que a moderna agricultura gera nas novas áreas de expansão da fronteira agrícola.

O terceiro capítulo será dedicado à caracterização do processo histórico de ocupação dos cerrados do Sudoeste Piauiense, evidenciando as recentes transformações no meio ambiente, na rede urbana mesorregional, além de destacar alguns processos contraditórios no contexto mesorregional, com foco na existência do Núcleo de Desertificação de Gilbués- PI e nos municípios de Gilbués e Monte Alegre do Piauí.

## **CAPÍTULO 1. PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO TERRITORIAL PIAUIENSE E TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA MESORREGIÃO DO SUDOESTE PIAUIENSE**

Os aprofundamentos de questões em torno de regiões, sub-regiões, mesorregiões e microrregiões são essenciais para o entendimento das especificidades e particularidades, que contribuem para o planejamento, formulação de políticas públicas, observação de impactos futuros e no apoio na tomada de decisões.

Isso possibilita inferir que os estudos regionais estão amplamente ligados ao planejamento e consequentemente à Administração do Estado em virtude da carência de estudos específicos sobre determinadas regiões em suas diferentes escalas. Permitindo assim uma diferenciação entre as diferentes regiões do país e possibilitando a identificação de similaridades e confluências que irão subsidiar o planejamento e a formulação de políticas públicas visando à resolução de problemas ligados ao urbano e ao rural.

Inspirado na maioria dessas questões, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), elaborou a divisão regional brasileira, mostrando preocupações em torno da industrialização e em relação ao desenvolvimento do país. No entanto, como coloca SILVA et. al. (2008, p.3), “*somente em 1989 que o IBGE formulou a Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões, sendo que essa divisão foi realizada em cada um dos estados brasileiros do momento histórico*”. Segundo o IBGE (1990) os termos mesorregiões e microrregiões substituíram as chamadas regiões homogêneas<sup>1</sup> elaboradas em 1970.

O IBGE define mesorregião como

“... uma área individualizada em uma Unidade da Federação que apresenta formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o processo social como determinante o quadro natural como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial”. (IBGE, 1990, p. 8)

A divisão em mesorregiões geográficas respeita os limites político-administrativos nos diferentes estados e municípios em detrimento da organização do espaço, este último definido

---

<sup>1</sup> As regiões homogêneas possuíam uma determinação mais ligada a dados estatísticos, na qual há diferentes parâmetros de classificações sem haver uma abordagem ligada aos fatores sociais.



como “*diferentes estruturas espaciais resultantes da dinâmica da sociedade sobre um suporte territorial*”. IBGE (1990, p.7)

Isso possibilita afirmar que o IBGE utilizou ferramentas geográficas para a identificação das mesorregiões, pois utilizou os conceitos de território, de espaço e também do conceito de trabalho no âmbito do capitalismo como fator de transformação e apropriação espacial. Através disso, há o surgimento de desigualdades de acordo com as diferentes formas de apropriação dos diferentes territórios, gerando assim particularidades e singularidades únicas em diferentes áreas.

Segundo SILVA (2008, p. 3), “*essa divisão buscou a identificação de áreas singulares de individualizadas segundo critérios sociais como vitais, as características naturais, a rede de comunicação e articulação espacial entre determinados espaços diferentes*”. Ou seja, a divisão Mesorregional objetivou basicamente a identificação de áreas que possuíssem similaridades nos aspectos sociais e ambientais e que de alguma forma possuíssem pontos em comum e uma interdependência entre os mesmos.

Podemos identificar então que a determinação de mesorregiões envolveu aspectos sociais, naturais e econômicos por meio das redes de comunicação. A interligação dos três aspectos origina a chamada identidade regional, na qual o IBGE (1990, p.8) define como “*realidade construída ao longo do tempo pela sociedade que aí se formou*”.

A divisão dos estados dos estados em Mesorregiões e Microrregiões auxiliam na formulação de políticas públicas, programas de desenvolvimento econômicos e sociais. Ajudando na determinação, por exemplo, de áreas para implementação de atividades econômicas.

Além disso, a divisão permite que haja um maior conhecimento das estruturas espaciais localizadas no âmbito do urbano e do meio rural, ou seja, a divisão mesorregional e microrregional está em consonância com o planejamento regional e até mesmo nacional, podendo contribuir para solução de empecilhos ao desenvolvimento regional, que, no entanto, são vitais para o crescimento do país nos aspectos quantitativos e qualitativos.

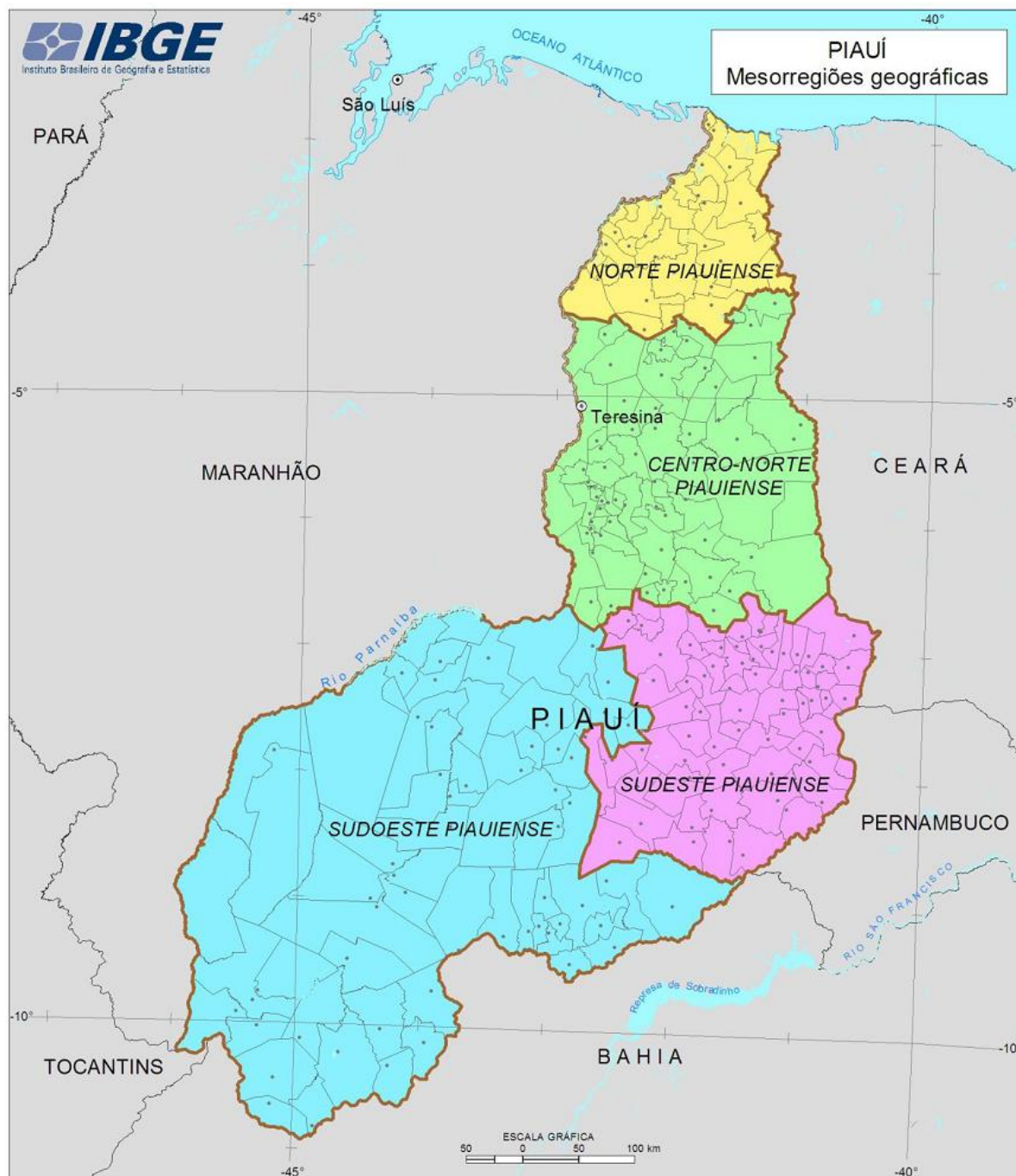
O IBGE (1990, p.8) conceitua microrregião como “*partes das mesorregiões que apresentam especificidades quanto à organização do espaço*”. O mesmo IBGE define ainda que essas particularidades não representam uma autossuficiência, mas sim uma ligação com a

estrutura de produção da agricultura industrial e atividades econômicas em comum, que estão imbricados aos aspectos físicos e sociais. Ou seja, o IBGE observou as interações entre os diferentes municípios e diferentes cidades no que diz respeito à produção, comércio e distribuição.

O Estado do Piauí, segundo a divisão regional do IBGE, possui quatro mesorregiões: Mesorregião Norte Piauiense, Mesorregião Centro Norte Piauiense, Mesorregião Sudeste Piauiense e a Mesorregião Sudoeste Piauiense, conforme pode ser observado na figura 1 a baixo. Além disso, o Piauí ainda possui 15 microrregiões em todo o estado. O foco dessa pesquisa será exatamente no Sudoeste Piauiense, sendo a mesma dividida em seis microrregiões: Alto Médio Gurguéia, Alto Parnaíba Piauiense, Bertolândia, Chapadas do Extremo Sul Piauiense, Floriano e São Raimundo Nonato.

No âmbito piauiense essa divisão torna-se muito importante, pois o estado possui um grande problema relacionado à integração entre as diferentes Mesorregiões do estado, pois a capital Teresina, localizada na mesorregião Centro Norte Piauiense, fica muito distante da mesorregião Sudoeste Piauiense, que, no entanto, atualmente alavanca a economia piauiense através da alta produção e produtividade originada depois da implantação da agricultura moderna nas áreas do cerrado do estado. Os fatores físicos de distanciamento entre as mesorregiões também pode ser observado na figura abaixo:

**Figura 1- Mesorregiões Geográficas do Piauí**



**Fonte:** Censo Demográfico 2010 – Retratos do Brasil e do Piauí.

A área de estudo da pesquisa é a Mesorregião Sudoeste Piauiense, no entanto haverá um maior aprofundamento em torno das duas microrregiões Alto Médio do Gurguéia e Alto Parnaíba Piauiense, até mesmo porque os municípios de Bom Jesus e Uruçuí, os dois maiores produtores de grãos do Piauí, integram respectivamente as duas microrregiões.

Veja a figura abaixo da divisão do estado do Piauí em Microrregiões Geográficas, onde podem ser localizadas as duas microrregiões do Sudoeste Piauiense, Alto Parnaíba Piauiense e Alto Médio Gurguéia:

**Figura 2: Microrregiões Geográficas do Piauí**



**Fonte:** Censo Demográfico 2010 – Retratos do Brasil e do Piauí.

Na tabela a seguir, pode-se observar, basicamente, a distribuição da população piauiense nas Mesorregiões do estado do Piauí:

**Tabela 1: População residente das Mesorregiões Piauienses.**

UF e Mesorregiões	População Residente	
	2000	2010
<b>PIAUÍ</b>	2.843.278	3.118.360
<b>MESORREGIÕES</b>		
<b>Norte Piauiense</b>	576.343	632.883
<b>Centro-Norte Piauiense</b>	1.317.986	1.454.466
<b>Sudoeste Piauiense</b>	469.218	511.616
<b>Sudeste Piauiense</b>	479.731	519.395

**Fonte:** Censo Demográfico 2010 – Retratos do Brasil e do Piauí (adaptada pelo autor)

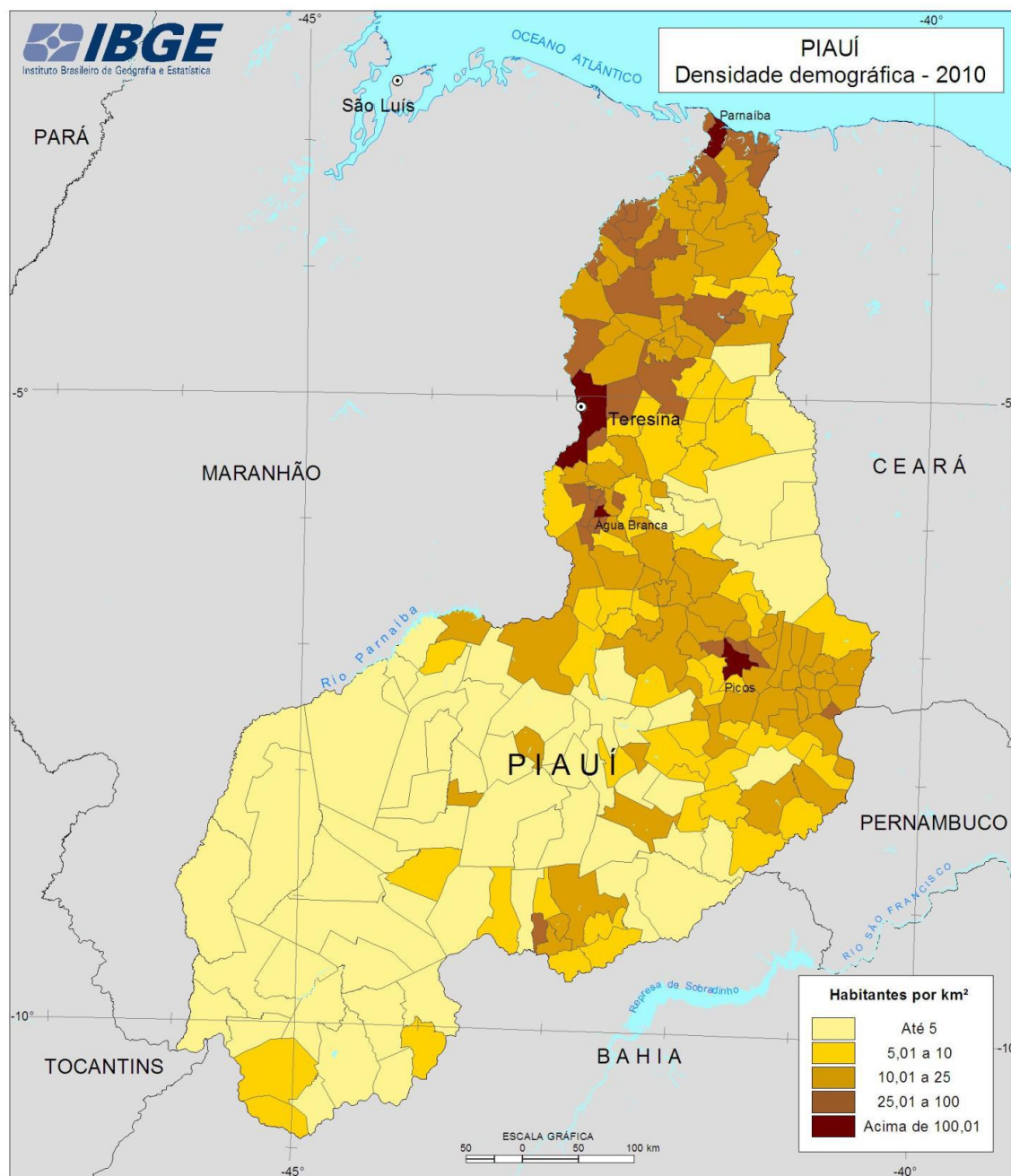
A partir dos dados da Tabela 1- População residente das Mesorregiões Piauienses e da figura 3: Densidade Demográfica no estado do Piauí, localizada na página seguinte, nota-se a grande concentração da população na porção norte do estado, especialmente nas Mesorregiões Centro-Norte Piauiense com uma população de quase um milhão e meio de habitantes no ano de 2010, e também na Mesorregião Norte Piauiense, onde fica localizado o litoral piauiense<sup>2</sup>. Observa-se também que a população residente na porção sul do estado, compreendida pelas Mesorregiões Sudeste Piauiense e Sudoeste Piauiense é bem menor que a população da Mesorregião Centro-Norte Piauiense.

O curioso é que juntas as Mesorregiões Sudeste e Sudoeste Piauiense no ano de 2010 possuem um número total de 1.031.011 habitantes, mesmo assim não há a superação da população da Mesorregião Centro-Norte Piauiense que foi de 1.454.466, que pode ser observado na tabela anterior. O que mostra que há uma grande diferença na questão da densidade demográfica, pois a área das Mesorregiões Sudeste e Sudoeste do estado são muito maiores que a área total da Mesorregião Centro-Norte, caracterizando assim baixas densidades demográficas na porção sul do estado e uma grande densidade demográfica na porção norte do estado. Essa relação pode ser observada na figura abaixo relacionada à densidade demográfica do estado do Piauí:

---

<sup>2</sup> O atual litoral piauiense não pertencia ao Piauí e foi conquistado através da troca estabelecida entre o Piauí e o Ceará, onde o primeiro cedeu o município de Crateús e o segundo cedeu à atual área litorânea piauiense, que é o menor litoral do país, sendo apenas 66 km de extensão.

**Figura 3: Densidade Demográfica no estado do Piauí**



**Fonte:** Censo Demográfico 2010 – Retratos do Brasil e do Piauí.

A partir da figura, nota-se a grande concentração da população piauiense na Mesorregião Centro-Norte, sendo a mesma atrelada à localização geográfica da capital Teresina justamente nessa mesorregião, o que possibilita concentração de pessoas e também à existência de uma vasta área de influência e polarização. A capital piauiense possui uma população de aproximadamente 814.230 habitantes segundo os dados IBGE do ano de 2010, representando assim aproximadamente 56% da população total piauiense residente da



Mesorregião Centro-Norte Piauiense, o que representa mais da metade da população dessa mesorregião residindo na capital do estado e um número bem superior ao número de habitantes residentes nas Mesorregiões Norte Piauiense (632.883 habitantes), Sudoeste Piauiense (511.616 habitantes) e Sudeste Piauiense (519.395 habitantes).

Antes de tudo, é necessário realizar uma contextualização do Estado do Piauí, nos aspectos históricos, sociais, na formação socioespacial e territorial. Também será necessária a realização de uma breve compreensão da rede urbana piauiense, destacando os municípios mais populosos e cidades mais importantes no contexto do estado, com foco maior na Mesorregião Sudoeste Piauiense. Tudo isso vai permitir ao entendimento do atual momento vivido pelo Piauí.

### **1.1 Contextualização Histórica e formação territorial do Piauí**

Atualmente o Piauí passa por inúmeras transformações em seu território que faz com que o estado tenha um dos maiores índices de crescimento do Produto Interno Bruto do país<sup>3</sup> e transformações nas suas bases econômicas, sociais e culturais. Porém o estado ainda possui inúmeros problemas sociais e fragilidades econômicas que fazem com que ainda figure entre as menores economias do país. Essa nova realidade possui a capacidade de afetar diretamente fatores como a educação, saúde, a mobilidade, processos migratórios e na gestão pública.

As características do estado do Piauí relacionadas ao atraso econômico estão em grande parte ligadas à formação histórica do seu território, por isso a compreensão dessas questões são essenciais para o melhor entendimento das atuais dinâmicas e transformações que ocorrem no estado.

É comum a designação e tratamento do Piauí de forma negativa e muitas vezes pejorativa, como um estado marcado pelo atraso, pelo rural e o passado. Ou seja, toda essa caracterização e imagem do Piauí em outras regiões do país são comuns atualmente e podem ser explicadas pelos processos históricos que influenciaram diretamente nas atuais características do estado. (SOUSA, 2008).

---

<sup>3</sup> Segundo dados do IBGE, em 2008 o estado do Piauí obteve um crescimento de 8,8% do seu produto interno bruto, o que valeu a primeira colocação na taxa de crescimento entre todos os estados brasileiros. Em 2009 teve um crescimento de 6,2% perdendo apenas para o estado de Rondônia, mantendo assim as altas taxas de crescimento do PIB.

Além do histórico de ocupação do território, outros fatores também contribuem para o atraso econômico do Piauí, dentre eles pode-se citar os fatores climáticos de parte do estado ligado ao clima do semiárido nordestino, marcado pelas grandes secas e a falta de chuvas que acabam afetando diretamente o modo de vida das populações, a pecuária, a agricultura e a até mesmo o extrativismo vegetal. Além disso, os fatores geográficos e o deslocamento do polo exportador da região Nordeste para a região Centro Sul do país, influenciaram diretamente nos processos migratórios da região Nordeste. (SOUSA, 2008).

Porém, Sousa (2008) também destaca que não se pode cometer o erro de cair em determinismos ambientais e climáticos, pois os processos históricos de ocupação e da economia implantada podem ajudar no entendimento das atuais dinâmicas e tendências estaduais nos aspectos econômicos, políticos e sociais.

Destaca-se que o estado do Piauí possui uma localização bastante estratégica do ponto de vista ambiental, pois está localizado nas áreas de transição entre a Caatinga, o Cerrado e próximo à Amazônia, grandes biomas brasileiros. Isso pode ser verificado abaixo na figura 4. Sendo que essas áreas de transição são importantíssimas para a manutenção da biodiversidade, pois podem ser considerados pontos de início e de contato de diferentes biomas, como pode ser observado na figura a seguir:



**Figura 4: Biomas brasileiros**



**Fonte:** <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomashtml.shtm>.

Modificada em 28 de Novembro de 2013.

Destaca-se também que o Piauí está localizado próximo a região Norte do País <sup>4</sup>, gerando assim uma importância política muito grande, principalmente em decorrência da porção sudoeste e extremo sul do estado do Piauí pertencer ao chamado Brasil Central, que abrange territórios dos estados da região Centro Oeste. Além de recortes territoriais dos estados de Tocantins, localizado na região Norte do país, oeste baiano e sul do Maranhão.

O chamado Brasil Central é caracterizado pela grande presença do bioma cerrado, que desde os anos 1970 é alvo da agricultura moderna e passa por inúmeras transformações e

---

<sup>4</sup> O estado do Piauí faz fronteira com o estado de Tocantins, o município de Barreiras do Piauí faz fronteira com o município de Mateiros-TO, na qual se insere parte do Parque Estadual do Jalapão.

surgimento de novas dinâmicas, caracterizada pela modernização das atividades produtivas em decorrência do agronegócio, produção de energia, mineração e indústria.

O processo de formação histórica do território piauiense é iniciado no final do século XVII quando aventureiros vindos da Bahia, próximos ao Vale do rio São Francisco, chegam ao estado e começaram a fundar as primeiras fazendas de gado. Destaca ainda que a grande ocupação e “inchaço” da Zona da Mata, o sucesso da economia açucareira também contribuiu para a ocupação do estado do Piauí, pois havia naquela época uma grande necessidade da descoberta e ocupação de novas áreas interioranas no país, principalmente no nordeste, para servir de pontos onde houvesse atividades que subsidiassem e complementassem a economia brasileira, baseada na produção do açúcar. (ALVES, 2003)

A pecuária foi uma das atividades complementares à produção do açúcar. A atividade começou a se destacar no estado do Piauí já no início de sua ocupação com a instalação das primeiras fazendas de gado, no sul do estado, próximo à divisa com a Bahia<sup>5</sup>. A pecuária começou a se desenvolver de forma rápida em decorrência das condições favoráveis, dentre elas a presença abundante das pastagens naturais, disponibilidade de terras, presença de um clima subúmido e úmido, portanto diferenciado e com chuvas abundantes e distribuídas (ALVES, 2003). Sendo assim, há grande ligação entre ocupação do território piauiense às características físicas do espaço, objetivando maior facilidade em torno da instalação das primeiras fazendas de gado.

Nessa região próxima à Bahia situa-se na atualidade a cidade de Corrente, que até hoje baseia grande parte da sua economia na atividade agropecuária, estando entre os municípios com os maiores rebanhos de gado do estado do Piauí e se constitui como uma das principais cidades da Mesorregião Sudoeste do estado do Piauí. Destaca-se que normalmente de outubro a março, o gado era deslocado para os chamados Gerais<sup>6</sup>, mais especificamente nos platôs piauienses ou chapadas da região, pois o gado em certas épocas do ano já estava bem magro e debilitado, necessitando assim de outras áreas com comida em abundância e justamente nessas de chapadas dos Gerais havia grande disponibilidade de pastagens naturais.

---

<sup>5</sup> O município baiano de Formosa de Rio Preto faz divisa com o município de Cristalândia-PI e Corrente-PI.

<sup>6</sup> Terras mais elevadas localizadas na Mesorregião Sudoeste Piauiense, conhecidas como Gerais ou Riachão por alguns, também pode ser consideradas como grandes Chapadas ou platôs, com terras planas e o cerrado como vegetação predominante. As duas mais conhecidas são chamadas regionalmente de Serra do Uruçuí e do Quilombo.

A pecuária influenciou o modo de vida de grande parte da zona rural piauiense em vários aspectos, na qual se pode destacar a alimentação baseada no consumo da carne seca assada, consumo de águas das cacimbas<sup>7</sup>, nas vestimentas do homem do campo e dos vaqueiros, nos utensílios advindos do couro animal e até mesmo na caracterização da linguagem. Na atualidade podem-se observar alguns traços dessas heranças nos estilos musicais relacionadas ao homem do campo, no gado, nos vaqueiros e nos patrões. Tal atividade pecuária foi responsável pela ocupação de vastas terras do estado piauiense e em grande parte da região Nordeste.

A pecuária era uma atividade complementar e dependente aos engenhos da Zona da Mata e teve grande sucesso no estado Piauí devido aos fatores propícios e favoráveis à instalação dessa atividade no território piauiense, dentre esses fatores podem ser citados os poucos investimentos de capital e de pessoal necessários para a instalação e funcionamento das fazendas. (ALVES, 2003)

Além disso, essas áreas se caracterizavam em grande parte pela extensão das terras e pelas enormes áreas de pastagens naturais excelentes para o consumo animal, ou seja, não havia a necessidade de grande trabalho para implantar as fazendas de gado, pois já havia pasto natural e o gado podia viver solto. Ou seja, tudo isso permite inferir que a formação histórica e territorial está totalmente ligada à pecuária extensiva, que no momento histórico de ocupação do território piauiense poderia ser considerada uma atividade complementar, portanto secundária, ligada à interiorização do Brasil.

## **1.2 A ocupação da atual Mesorregião Sudoeste Piauiense**

A ocupação do território piauiense foi realizada principalmente por aventureiros e investidores baianos que alcançaram primeiramente o Vale Médio do São Francisco e, logo a seguir, atingindo as Chapadas das Mangabeiras<sup>8</sup> a procura de terras e com o objetivo de aprisionar índios. (ALVES, 2003)

---

<sup>7</sup> Poço de água potável, cavado ou natural, olho d'água ou fonte.

<sup>8</sup> Localizada entre os estados do Piauí, Bahia, Tocantins e Maranhão, possui uma rica fauna. Platôs onde predominam a vegetação dos cerrados e um caráter de transição entre os cerrados e a caatinga e até mesmo matas com características amazônicas. As principais nascentes do rio Parnaíba e do rio Gurguéia estão localizadas nessa área.

A ocupação foi influenciada e condicionada, na grande maioria, aos fatores naturais, pois os aventureiros e vaqueiros instalavam as grandes fazendas ao logo dos cursos d'água existentes, ou seja, a ocupação aconteceu próxima aos rios perenes e intermitentes da região em decorrência da atividade pecuária e também pela maior facilidade ao acesso a água para os vaqueiros da região.

Os primeiros rios em que houve ocupação estão ligados à Bacia do Parnaíba, que possui o Parnaíba com o rio principal e o maior rio genuinamente nordestino, pois as suas nascentes estão dentro dos limites territoriais da região Nordeste do país, localizado na fronteira com o estado do Maranhão.

As primeiras ocupações se concentraram basicamente em torno de alguns afluentes da Bacia do Rio Parnaíba. Como exemplos, pode-se citar o rio Piauí, o rio Canindé, Paraim e o Gurguéia<sup>9</sup>, ou seja, a ocupação baseou-se principalmente na procura por áreas de fundo de vales úmidos, onde praticavam suas principais atividades, a pecuária, a caça e o extrativismo, onde havia também traços da cultura e dos costumes da população como é caso da presença das cacimbas, pequenos sítios e as fazendas de gado.

Destaca-se o papel fundamental da pecuária na ocupação do interior do nordeste como forma de ocupação das áreas da caatinga e dos cerrados nordestinos, estes últimos localizados principalmente nos estados do Piauí e da Bahia. O gado servia como complementação à atividade baseada na produção do açúcar no litoral nordestino. Mesmo com as condições climáticas adversas do semiárido nordestino, houve uma grande expansão da pecuária no nordeste e esse processo é destacado por Prado Júnior

“Apesar das condições desvantajosas — em parte graças a elas porque forçaram uma grande dispersão, as fazendas de gado se multiplicaram rapidamente, estendendo-se, embora numa ocupação muito rala e cheia de vácuos, por grandes áreas. Seu centros de irradiação são a Bahia e Pernambuco. A partir do primeiro, elas se espalham sobretudo para norte e noroeste em direção do rio São Francisco, que já é alcançado em seu curso médio no correr do séc. XVII. De Pernambuco, o movimento também segue uma direção norte e noroeste, indo ocupar o interior dos atuais Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Um núcleo secundário que também deu origem a um certo movimento expansionista de fazendas de gado é o Maranhão: elas se localizam aí ao longo do rio Itapicuru.” (PRADO JÚNIOR, 2006, p. 29)

---

<sup>9</sup> Maior afluente do rio Parnaíba pelo lado direito, suas nascentes estão no município de Corrente, com extensão total de aproximadamente 532 m, entre os seus principais afluentes estão os rios Paraim, Curimatá e Corrente.

Prado Júnior também destaca o grande potencial das terras piauienses para a atividade pecuária, tornando-se um dos principais estados engajados na pecuária, destacando-se como abastecedor de diversos mercados brasileiros e até mesmo de fora dos limites brasileiros. Segundo o autor,

“A outra direção que toma a progressão das fazendas de gado depois de atingido o rio São Francisco, é para o Norte. O rio é transposto, e em fins do séc. XVII começa a ser ocupado o interior do atual Estado do Piauí. As condições naturais já são aí melhores que no setor ocupado anteriormente: pluviosidade mais elevada e melhor distribuída, cursos de água permanentes. Daí também uma forragem natural de melhor qualidade. As fazendas do Piauí tornar se-ão logo as mais importantes de todo o Nordeste, e a maior parte do gado consumido na Bahia provém delas, embora tivesse de percorrer para alcançar seu mercado cerca de mil e mais quilômetros de caminho.” (PRADO JÚNIOR, 2006, p.45)

Pode-se observar o grande potencial do Piauí em relação às outras áreas do Nordeste em decorrência de estações chuvosas mais definidas e distribuídas, além da existência de diversos cursos d'água, especialmente na porção sudoeste do estado, além de grande existência de pastagens naturais provindas das regiões dos cerrados piauienses.

Dessa forma o atual estado do Piauí efetiva suas primeiras ocupações, consolidando assim a ocupação do interior nordestino, que, no entanto, foi realizada de maneira dispersa e isso pode ser verificado no atual estado do Piauí, pois as primeiras fazendas de gado localizavam-se distantes e desconexas umas das outras. Isso influenciará em grande parte a localização das primeiras cidades do Piauí, assim as atuais cidades existentes no Piauí possui essas características de localização próximas aos cursos d'água.

Todas essas características e fatos influenciaram bastante o surgimento das primeiras vilas no estado, locais em que na atualidade está presente grande parte dos municípios piauienses, pois a maioria deles surge próximo preferencialmente e intencionalmente aos pequenos rios, riachos, córregos e nascentes d'água.

A ocupação do território piauiense também foi responsável pelo povoamento das margens do rio Balsas, localizado no sul do Maranhão e que hoje está situado o município de Balsas- MA, que atualmente figura como o maior produtor grãos, advindos da agricultura moderna, do estado do Maranhão e acaba polarizando uma vasta área. Ou seja, a ocupação do território piauiense empreendeu também a chegada de vários aventureiros do outro lado do rio

Parnaíba, no estado do Maranhão, mostrando assim que houve uma influência da ocupação do Piauí na ocupação do território sul Maranhense. (ALVES, 2003)

A ocupação das primeiras áreas do estado do Piauí se concentrou basicamente na porção sul e central do estado, em decorrência da influência e proximidade dos estados da Bahia e Pernambuco, que, no entanto, podem ser considerados os grandes responsáveis e pioneiros pela maior interiorização e aumento das suas áreas de influência. Esse avanço em terras Piauienses foi consequência direta dos investimentos da Casa da Torre (Alves, 2003), instituição baiana relacionada à conquista de terras e aprisionamento de índios. Porém como destaca Alves

“Conforme o primeiro relato da capitania do Piauí não se pode atribuir a conquista daquelas terras a um seletivo grupo de desbravadores, associados à Casa da Torre. Na realidade, tal feito é de quase inteira responsabilidade de pessoas anônimas, especialmente arrendatários e vaqueiros que, correndo riscos de suas vidas, adentram nos sertões em busca de novas terras, as quais posteriormente eram repassadas aos seus tradicionais donatários, ficando em prejuízo os verdadeiros conquistadores”. (ALVES, 2003, p. 60)

Ou seja, os verdadeiros responsáveis pela ocupação piauiense foram pessoas simples, que possuíam um espírito aventureiro e desbravador, pois essas fazendas ficavam sob a guarda dos vaqueiros e os grandes donos das terras moravam nos principais centros urbanos baianos da época. E isso explica em grande parte o atraso econômico e a posição secundária da economia do estado Piauí, pois as práticas sempre foram rudimentares e os lucros com as atividades pecuárias não eram revertidos para o Piauí, não havia assim um reinvestimento dos ganhos nas áreas piauienses na modernização das atividades, na melhoria das técnicas empregadas e na melhoria dos diversos rebanhos de gado existentes.

Inferese assim que não havia preocupação em desenvolver ou modernizar as atividades ali existentes no Piauí e sim uma destinação dos lucros para outras áreas do país, revelando assim o caráter secundário das áreas piauienses na economia nordestina e nacional, pois servia apenas como atividade complementar a produção da cana-de-açúcar e posteriormente à mineração.

Outro grande problema da ocupação do território piauiense foi o isolamento das fazendas de gado em relação à Zona da Mata e o litoral nordestino em si e também o isolamento entre as próprias fazendas piauienses, pois as extensões das mesmas eram muito grandes, havendo assim concentração de terras no poder de poucos. Segundo Alves (2003, p.

62) *“Frequentemente o contato com o mundo fora das fazendas somente ocorria quando passavam por ali os transportadores das boiadas; eram eles que levavam e traziam notícias de outras áreas”*.

Todas essas características de irregularidades das ocupações e alto grau de concentração de terras impossibilitaram a existência de centros urbanos ou até mesmo a constituição das primeiras vilas de uma maneira mais rápida. Ou seja, nesse contexto o Piauí acabava tendo um isolamento político, econômico e até mesmo físico, pois nesse momento a presença de estradas ligando as fazendas era bem reduzida e de difíceis acessos.

Outra questão importante a ser destacada é que a pecuária extensiva, a base da economia piauiense, foi incapaz na questão da criação de uma classe média em consequência da não criação de uma economia interna consolidada em decorrência da destinação dos lucros da pecuária para outras regiões e a extrema dependência a outras capitâneas em outras atividades, como o comércio e na agropecuária. (SOUSA, 2008)

Sendo que a primeira Vila piauiense foi surgir apenas no final do século XVIII, denominada Nossa Senhora da Vitória, que, no entanto mais tarde torna-se a primeira capital da agora então capitania do Piauí, sendo a sede do governo, chamada de Oeiras<sup>10</sup> (SOUSA, 2008). Ou seja, houve uma pequena e lenta expansão dos centros urbanos no Piauí, impossibilitando assim uma maior consolidação e fortalecimento da economia piauiense e mantendo o caráter de dependência a outros centros urbanos de outras áreas urbanas fora do território piauiense.

Nota-se então que as pequenas povoações e vilas no território piauiense eram pouco integradas às demais e havia um total isolamento e dispersão das mesmas. A importância de centros urbanos para o contexto piauiense surge em decorrência da ligação das cidades e vilas ao comércio, pois se houvesse maior consolidação dos primeiros centros urbanos, certamente o Piauí ficaria menos dependente de outras áreas e fortaleceria sua economia.

A pecuária piauiense se desenvolveu bastante no final do século XVIII, em consequência disso, a capitania do Piauí tornou-se um dos maiores e importantes produtores

---

<sup>10</sup> Atualmente é um município piauiense localizado no centro do estado do Piauí, com população de 35.640 habitantes, pertence a Mesorregião Sudeste Piauiense e da Microrregião de Picos.

de gado vacum e com rebanhos cavalari<sup>11</sup> de todo o país naquele momento. Os principais destinos da produção piauiense eram para os estados de Pernambuco e Bahia, sendo que os rebanhos do centro da capitania, onde se localizava Oeiras, eram destinados ao primeiro estado citado anteriormente, já os rebanhos da porção sul do estado, região da Chapada das Mangabeiras, ficava destinada em grande parte para a Bahia devido à maior ligação e proximidade. (ALVES, 2003)

A pecuária piauiense expandiu-se de forma tão impressionante que acabou chegando a outras capitanias e atuais estados do Maranhão, Pará, Minas Gerais, Paraíba, Rio Grande do Norte, o estado do Rio de Janeiro e até mesmo à Guiana Francesa (SOUSA 2008). Ou seja, a economia piauiense baseada na atividade pecuária alcançou diversos locais no Brasil e fora dele, porém o grande problema foi a não reversão dos lucros em investimentos na região, o que dava ao Piauí caráter de dependência aos principais centros, a não consolidação, integração e efetivação da sua unidade política, econômica e até mesmo cultural.

Outra questão contribuinte para o grande fortalecimento da pecuária foi o caráter secundário que agropecuária possuía nas grandes fazendas, pois as melhores terras eram destinadas exclusivamente às pastagens para consumo dos rebanhos de gado. Dessa forma, a atual configuração espacial do Piauí foi influenciada pela atividade criatória, pois as fazendas eram amplamente caracterizadas pelas grandes extensões e pela grande dispersão das fazendas e da população, isso empreende nas características dos limites territoriais atuais do Piauí: caracterizado pelo alargamento ao sul do estado e estreitamente no litoral, isso porque a atividade pecuária na porção central e sul do estado era mais intensa e ocupava mais terras (ALVES, 2003, p. 70-71).

As poucas atividades relacionadas à agricultura eram praticadas apenas para a subsistência pelos moradores que ficavam ao longo das estradas que serviam de caminho para o gado para um eventual comércio baseado na troca da pequena produção por algumas cabeças de gado que não aguentavam mais as grandes viagens e que já estavam magros e fracos. (SOUSA, 2008)

No entanto, a atividade pecuária piauiense começou a declinar já em meados do século XVIII em decorrência em razão das características internas de organização da atividade criatória, pois as grandes fazendas eram concentradas em grandes latifúndios e baseados na

---

<sup>11</sup> Criação de bovinos para comércio da carne e criação e domesticação de cavalos e equinos.



exploração extensiva. Além disso, a desconexão entre as fazendas e inexistência de centros urbanos consolidados no Piauí contribuiu para a crise, impedindo assim que o comércio fosse realizado dentro do território piauiense, o que gerava grande dependência do Piauí aos grandes centros urbanos localizados fora dos seus limites, especialmente nos atuais estados da Bahia e Pernambuco.

Soma-se a tudo isso o caráter rudimentar das atividades baseadas na pecuária, na qual as pastagens eram praticamente apenas naturais, não havia cercamento das propriedades, o que fazia que o gado vivesse basicamente solto nas terras piauienses. Outro fator importante foi que não havia um melhoramento das cabeças de gado das fazendas, sendo que os melhores rebanhos, muitas vezes eram destinados a outros estados em um eventual período de seca, período em muitas vezes morriam muitos gados e havia a necessidade de reposição dos mesmos. (SOUSA, 2008)

Além das características internas que culminaram na crise da atividade pecuária, houve também alguns condicionantes externos que contribuíram a queda da atividade, pois surgiu também grande concorrência no comércio de carne gaúcha que entrou fortemente nessa atividade e suplantou grande parte da freguesia piauiense em outros estados. Os gaúchos possuíam algumas vantagens em relação ao Piauí, pois as atividades foram sendo, aos poucos, sendo modernizadas e melhoradas, além disso, o território do Rio Grande do Sul possuía algumas características naturais mais favoráveis para a atividade pecuária. (ALVES, 2003)

A pecuária gaúcha e sulista influenciou diretamente na queda das atividades criatória do Piauí. Outro fator que contribuiu para a queda da pecuária piauiense foi à decadência de alguns mercados, como o da Zona da Mata onde o comércio de açúcar estava em queda devido à concorrência do açúcar produzidos na Antilhas, pertencentes aos ingleses e holandeses (ALVES, 2003). Ou seja, os mercados consumidores da pecuária piauiense do litoral nordestino já não possuíam as mesmas condições e possibilidades. A crise da atividade pecuária empreendeu redução dos mercados consumidores piauienses e fez com o que o mesmo ficasse mais concentrado no nível interno.

Todas essas características de não reinvestimento dos lucros decorrentes da pecuária, a quase inexistência de modernização das atividades produtivas, o caráter rudimentar das práticas e atividades ligadas à pecuária e a dependência a outras províncias influenciaram bastante o quadro atual do estado do Piauí, onde nota-se grande atraso econômico. No entanto

atualmente destaca-se como um dos estados que mais crescem no país e que passa por inúmeras transformações especialmente na Mesorregião Sudoeste Piauiense em virtude das dinâmicas evidenciadas pela modernização da agricultura.

### 1.3 A atual rede urbana do Piauí, especialmente da Mesorregião Sudoeste Piauiense

Atualmente a rede urbana Piauiense é caracterizada basicamente pelo crescimento dos índices de urbanização, ou seja, mais pessoas estão morando nas cidades e nos centros urbanos e o rural passa por certo “esvaziamento”. Porém, os índices de residentes no campo ainda são elevados e muitos municípios piauienses ainda são essencialmente rurais, pois a grande parte da população está concentrada nessas áreas e isso é mais presente na porção sul do estado do Piauí, mais especificamente nas Mesorregiões Sudeste Piauiense e Sudoeste Piauiense. Não significando que o total da população rural seja capaz de superar a população urbana, mas há uma grande presença de municípios que ainda são caracterizados por intensa ligação ao meio rural.

Tais processos estão amplamente atrelados a fatores empreendidos pela ótica capitalista, que, no entanto, geram uma série de dinâmicas no campo que afetam diretamente as estruturas e características. Observe na tabela 2 a distribuição da população piauiense considerando as Mesorregiões e note os padrões estabelecidos:

**Tabela 2: População Residente por Situação do Domicílio**

UF e Mesorregiões	População Residente	
	Urbana	Rural
PIAUÍ	2.050.959	1.067.401
MESORREGIÕES		
Norte Piauiense	376.672	256.211
Centro-Norte Piauiense	1.129.160	325.306
Sudoeste Piauiense	299.542	212.074
Sudeste Piauiense	245.585	273.810

**Fonte:** IBGE. Censo Demográfico 2010, adaptada pelo autor

Percebe-se que grande parte da população urbana do Piauí está concentrada, basicamente, na Mesorregião Centro-Norte Piauiense. Isso ocorre devido à presença de região de influência da capital Teresina. Outra grande parte concentra-se na Mesorregião Norte Piauiense devido às cidades litorâneas de Parnaíba e Luiz Corrêa. Já nas Mesorregiões Sudeste e Sudoeste há praticamente uma equivalência entre a população urbana e rural, ou seja, quase metade da população reside na zona rural e a outra metade na zona urbana. Destaca-se também que na Mesorregião Sudeste Piauiense a população residente na zona rural acaba superando a população urbana.

Na Mesorregião Sudoeste Piauiense a população residente na zona urbana acaba superando por pouco a população rural, isso ocorre devido à presença de cidades mais populosas que as demais, como por exemplo, a cidade de Floriano, Bom Jesus, Corrente, Uruçuí e São Raimundo Nonato, na qual a maioria da população reside na área urbana desses municípios.

A capital Teresina, localizada na Mesorregião Centro-Norte do Estado, sendo conseqüentemente a cidade mais populosa do estado, com cerca 814.230 habitantes, formando a Região Metropolitana da Grande Teresina, onde há a conurbação entre a capital e a cidade maranhense de Timon. Ela pode ser considerada a segunda RIDE<sup>12</sup> mais populosa do Brasil com cerca de 1.150000 de habitantes, perdendo apenas para a RIDE/DF<sup>13</sup>.

Como já se observou anteriormente, a capital do estado do Piauí ficava na cidade de Oeiras no centro do Estado e só foi transferida para Teresina em 1852. Essa mudança no contexto piauiense teve uma série de objetivos implícitos, pois o Brasil nesse período histórico objetivava se consolidar como fornecedor e exportador de matéria prima e de gêneros alimentícios e realizou uma série de incentivos em diversos pontos do Brasil, dentre essas mudanças se encaixa justamente a transferência da capital do estado do Piauí. (SOUSA, 2008).

---

<sup>12</sup> Região Integrada de Desenvolvimento e Integração, na qual há uma ou mais cidade que polariza e influencia outras cidades ao seu redor. Ocorre também o processo de conurbação, que é a união física entre as diferentes cidades e um caráter de continuidade.

<sup>13</sup> Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno .

A transferência da capital piauiense pode ser explicada pelo claro objetivo de inserir o estado no comércio e escoamento da produção, pois a nova capital Teresina possuía uma posição estratégica em decorrência da sua proximidade aos rios Parnaíba e Poti, ou seja, havia um grande potencial de navegação fluvial através dos rios próximos à capital. (SOUSA, 2008)

Para Sousa (2008, p.18) *“a transferência da capital da Província e o incentivo à navegação fluvial que apontava para a transformação da cidade de Parnaíba no centro comercial, abriam perspectivas de alteração do quadro de dependência e isolamento.”* Ou seja, a transferência da capital para Teresina iria empreender uma série de mudanças no estado e ao mesmo tempo influenciar outras cidades como Parnaíba, pois a mesma localiza-se exatamente no litoral e seria um ponto de comércio e de escoamento da produção.

Mas ao mesmo tempo em que a transferência proporcionou novas realidades, ela acabou prejudicando em certos aspectos a unidade territorial do estado do Piauí, pois a capital do estado ficou muito distante de muitos municípios localizados na porção sul do território piauiense. Na atualidade esse problema é uma das grandes dificuldades do Piauí em decorrência da concentração da estrutura administrativa, da população e dos serviços na capital Teresina. Na tabela abaixo pode ser observado os municípios mais populosos do estado do Piauí:

**Tabela 3: Municípios mais populosos do Piauí**

<b>Municípios mais populosos</b>	<b>População 2000</b>	<b>População 2010</b>	<b>Taxa Geométrica de crescimento<sup>14</sup></b>	<b>Mesorregião correspondente</b>
Teresina	715.360	814.230	1,30	Centro-norte
Parnaíba	132.282	145.705	0,97	Norte
Picos	68.974	73.414	0,63	Sudeste
Piripiri	60.154	61.834	0,28	Norte
Floriano	54.594	57.690	0,55	Sudoeste
Campo Maior	43.126	45.177	0,47	Centro-norte
Barras	40.891	44.850	0,93	Norte
União	39.801	42.654	0,69	Centro-norte
Altos	39.122	38.822	-0,08	Centro-norte
Esperantina	34.094	37.767	1,03	Norte
Pedro II	36.201	37.496	0,35	Centro-norte
José de Freitas	32.858	37.085	1,22	Centro-norte
Oeiras	33.910	35.640	0,50	Sudeste
São Raimundo Nonato	26.890	32.327	1,86	Sudoeste

**Fonte:** IBGE (Adaptado) Censos Demográficos 2000 e 2010.

Pode-se observar que a tabela mostra os 14 municípios mais populosos do estado do Piauí, nota-se também que há grande concentração desses municípios na Mesorregião Centro-Norte Piauiense, pois seis municípios estão localizados justamente nessa Mesorregião que abriga a capital do estado Teresina. Já a Mesorregião Norte Piauiense possui quatro municípios pertencentes e abriga o segundo município mais populoso do estado.

---

<sup>14</sup> Percentual de incremento médio anual da população residente em determinado espaço geográfico, no período considerado. Indica o ritmo de crescimento populacional, influenciada pela dinâmica da natalidade, da mortalidade e das migrações.

Já as Mesorregiões Sudoeste e Sudeste possuem apenas dois municípios cada entre os mais populosos do estado do Piauí. Especialmente na Mesorregião Sudeste está o município de Picos, o terceiro mais populoso do estado e também a ex- capital Oeiras.

A Mesorregião Sudoeste Piauiense possui dois importantes municípios entre os 14 mais populosos: Floriano e São Raimundo Nonato. O primeiro é um município onde há uma grande concentração de estudantes devido à presença de campus da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Estadual do Piauí (UESPI), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), se constituindo assim como o principal polo educacional piauiense. Além disso, esse município uma grande quantidade alunos maranhenses devido à proximidade ao estado. Devido a essa grande influencia do município, ele acaba constituindo e dando nome à Microrregião Floriano, que, no entanto possui 12 municípios.

São Raimundo Nonato é um município conhecido em todo o Brasil e também no âmbito internacional devido ao Parque Nacional da Serra da Capivara<sup>15</sup>. No entanto o parque possui uma escala de abrangência em quatro municípios<sup>16</sup>, porém São Raimundo Nonato acaba recebendo grande número de turistas devido à maior proximidade do parque e também pela maior capacidade de recepção dos turistas. É também o principal municio da Microrregião São Raimundo Nonato, possuindo ao todo um total de 17 municípios integrantes.

Ao todo a Mesorregião do Sudoeste Piauiense possui seis microrregiões: Alto Médio Gurguéia, Alto Paranaíba Piauiense, Bertolândia, Chapadas do Extremo Sul Piauiense, Floriano São Raimundo Nonato (duas últimas já citadas no parágrafo anterior).

A Microrregião Bertolândia possui ao todo nove municípios integrantes, com destaque para o município Bertolândia que dá nome à microrregião, tendo uma população de aproximadamente de 5.319 habitantes (IBGE, 2010). Colônia do Gurguéia é outro município que pode ser destacado, com uma população de aproximadamente 6.035 habitantes.

---

<sup>15</sup> Unidade de conservação do país de proteção integral, criado através do decreto 83.548 de 5 de junho de 1979. É um exímio exemplo de vestígios e evidência do patrimônio pré-histórico do Piauí e do Brasil. O parque é administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO). Está na lista do Patrimônio Mundial da UNESCO.

<sup>16</sup> Além de São Raimundo Nonato, Canto do Buriti, Coronel José Dias e São João do Piauí

A Microrregião Chapadas do Extremo Sul Piauiense possui nove municípios. Dentre os mais populosos está Avelino Lopes com aproximadamente 11.067 habitantes, Curimatá com uma população em torno de 10.765 habitantes.

O município de Parnaguá possui ao todo 10.265 habitantes, se constituindo como um dos municípios mais antigos do estado do Piauí, possuindo a maior e uma das mais belas lagoas do estado do Piauí, a Lagoa de Parnaguá<sup>17</sup>. Porém, o município que ganha maior destaque na microrregião é Corrente, com população aproximada de 25.408 habitantes (IBGE, 2010), se destacando com um dos mais populosos municípios da Mesorregião Sudoeste Piauiense.

Corrente possui também uma forte tradição na agropecuária, especialmente na criação de gado nelore, sendo o maior polo pecuário de todo o estado do Piauí. Além disso, Corrente também é um município que abriga grande quantidade de estudantes devido à presença de campus da Universidade Federal do Piauí (UFPI), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), além da concentração dos serviços, comércio e bancos.

A Microrregião Alto Médio Gurguéia possui ao todo 11 municípios. Bom Jesus (23.642 habitantes), Cristino Castro (9.981 habitantes), Gilbués (10.393 habitantes) e Monte Alegre do Piauí (10.349 habitantes), são os municípios mais populosos. O município de Bom Jesus ganha destaque por ser atualmente o segundo maior produtor de grãos do estado, com uma grande área de agricultura moderna em seu território, consequentemente, abriga muito migrantes, sendo uma grande parte da região sul do país.

Bom Jesus possui grande variedade e diversidade do ponto de vista sua população, pois a cultura dos chamados gaúchos é muito forte e já se nota a presença de novos estabelecimentos ligados ao agronegócio, maior criação de postos de trabalho, mudança na paisagem urbana e rural.

A cidade de Bom Jesus, atualmente, é grande exemplo de que certos centros urbanos são reflexos da modernização do campo. Além disso, a cidade concentra grande parte de serviços necessários para a maioria dos onze municípios integrantes da região, dentre esses

---

<sup>17</sup> Atualmente a lagoa sofre com os períodos de secas e em razão do assoreamento dos principais cursos d'água que deságuam na mesma, devido principalmente ao desmatamento e práticas rudimentares praticadas na sua área de influência.

serviços se destacam os relacionados à educação e saúde, pois a cidade concentra estabelecimentos de ensino da educação básica e principalmente de educação superior.

A Microrregião do Alto Parnaíba Piauiense possui quatro municípios: Baixa Grande do Ribeiro, Ribeiro Gonçalves, Santa Filomena e Uruçuí. Este último é o município mais populoso e que ganha maior destaque, pois atualmente é maior produtor de grãos originados do agronegócio do estado do Piauí. Sua população em 2010 foi de aproximadamente 20.152 habitantes. Baixa Grande do Ribeiro possui uma população de 10.516 habitantes e também é um dos municípios com maior produção de grãos do estado do Piauí. Ou seja, essa região recebe grande influência do município de Uruçuí e possui ampla expansão da fronteira agrícola.

A Mesorregião Sudoeste Piauiense passa por inúmeras transformações em decorrência da expansão e modernização agrícola, o que faz com que vários municípios ganhem uma diversidade muito grande devido aos processos migratórios dos chamados “gaúchos”. Como exemplo pode-se citar o exemplo das cidades de Uruçuí e Bom Jesus. Além disso, esses municípios acabam crescendo consideravelmente a sua rede urbana. (MMA, 2005)

Um dos grandes desafios atuais do Piauí é a preservação da sua integridade política devido à distância da capital Teresina à porção sul do estado, especialmente dos municípios da Mesorregião Sudoeste Piauiense. Havendo inclusive, na atualidade, propostas e pedidos de separação do estado, com a criação de um novo estado: o Gurguéia<sup>18</sup>, com justificativa de que essa região não possui uma total integridade à porção central e norte do Piauí, havendo inclusive maior ligação com a porção central do Brasil. A realidade atual é que existe em certa medida a rede urbana piauiense, principalmente da Mesorregião Sudoeste Piauiense, pouco articulada entre si.

Na atualidade há real necessidade de abertura de novas estradas e rodovias federais e estaduais, assim como a melhoria de muitas rodovias que se encontram em estado precário. O Sudoeste Piauiense, ainda se caracteriza pela presença de imensas áreas vazias, com ausência de transporte, comunicação e integração entre os diversos municípios e cidades existentes nessa Mesorregião.

---

<sup>18</sup> É uma proposta atual de uma nova unidade federativa do Brasil. O estado seria constituído de exatamente da atual área da Mesorregião Sudoeste Piauiense. O nome do estado seria uma alusão ao rio Gurguéia, o maior afluente do Rio Parnaíba, a capital seria a cidade de Alvorada do Gurguéia.



Há também a quase inexistência de saneamento básico, assim como problemas de infraestrutura como deteriorização de rodovias, falta de escoamento das águas, reduzido acesso a educação, saúde precária, além de problemas ambientais evidentes como desertificação, erosões e voçorocas. Outro problema presente está relacionado à grande presença de pequenos municípios, muitos deles, inexpressivos, caracterizados pela falta de autonomia financeira e administrativa, pouca organização da arrecadação tributária, existindo assim um grau de dependência aos repasses da União, impactando diretamente na autonomia financeira das administrações locais.

A maioria desses pequenos municípios desmembrou-se a partir da década de 1980 aos anos iniciais do século XXI, quando antes, em 1988 foi promulgada nova Constituição Federal, que, no entanto se caracterizou por existir “brechas” para o surgimento de novos municípios que atualmente são marcados pela fragilidade econômica e grande dependência ao governo federal (MMA, 2005). São municípios marcados também pelo caráter da informalidade e grande parte das receitas desses municípios é originada do setor primário.

Segundo dados do Zoneamento Ecológico Econômico de 2005, de 1989 a 2011 houve a criação de 116 municípios na área da Bacia do Rio Paranaíba<sup>19</sup>. Em consequência disso, esses municípios são extremamente dependentes do Fundo de Participação dos Municípios<sup>20</sup> e, além disso, apresentam população e comércio local dependente das aposentarias rurais e do funcionalismo público ligado às prefeituras locais.

Olimpio e Monteiro destacam o potencial do Zoneamento Ecológico Econômico (ZEE), conceituando o mesmo como

“... instrumento básico e referencial para o planejamento e gestão do processo de desenvolvimento, identificando as potencialidades de cada região e orientando os investimentos do Governo para que se façam de acordo com a vocação natural de cada sub-região, e para organizar o processo de ocupação sócio- econômica do Estado, cujo objetivo principal é contribuir para a implementação do Desenvolvimento Sustentável.” (OLIMPIO e MONTEIRO, 2005, p.64)

O Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) dessa área do Piauí revela-se importante para determinação de políticas públicas direcionadas para essa região visando o

---

<sup>19</sup> Abrange os estados do Maranhão, Piauí e Ceará, situado em uma região de transição entre o Cerrados, a Caatinga e a Amazônia.

<sup>20</sup> Transferência constitucional (CF, Art. 159, I, b), da União para os Estados e o Distrito Federal, composto de 22,5% da arrecadação do Imposto de Renda (IR) e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

desenvolvimento econômico e em consonância com a proteção do meio ambiente, pois a preservação do meio ambiente não significa um “freio” ao desenvolvimento econômico.

No próximo capítulo haverá breve estudo das características do processo de modernização agrícola evidenciado no Brasil Central, evidenciado as dinâmicas e transformações emergentes empreendidas pela moderna agricultura nas áreas dos cerrados brasileiros, para posteriormente adentrar nas mudanças no espaço socioespacial da Mesorregião Sudoeste Piauiense no capítulo 3.

## **CAPÍTULO 2. O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NO BRASIL CENTRAL: TENDÊNCIAS, DICOTOMIAS E TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO.**

Nesse trabalho a porção territorial brasileira denominada Brasil Central é compreendida pelos territórios de todos os estados da região Centro-Oeste e recortes territoriais dos estados do Tocantins, Bahia, Piauí e Maranhão. Representando assim uma nova possibilidade de regionalização em decorrência de fatores em comum partilhados entre os estados citados anteriormente.

Na atualidade o Brasil Central apresenta intensos processos de transformações e por uma fase de surgimento de novas dinâmicas que acabam afetando diretamente a configuração espacial das diferentes áreas. Dentre as mudanças e similaridades apresentadas nos estados do Brasil Central há presença do processo de modernização das atividades produtivas representada principalmente pelo agronegócio, pela mineração, produção de energia e desenvolvimento seguido de expansão da indústria.

Os processos em surgimento e desenvolvimento no Brasil Central desempenham um papel de transformação do espaço, especialmente na rede urbana, no meio ambiente e nas comunidades tradicionais existentes nas várias porções territoriais afetadas direta e indiretamente. As novas dinâmicas proporcionaram novas transformações econômicas, que, no entanto, se difere das antigas características de esquecimento e estagnação da economia dos estados da porção central brasileira. ALVES considera que

“A denominada hinterlândia brasileira foi durante um longo período da história do país um espaço de pouca expressão econômica e de reduzido povoamento, onde predominavam atividades econômicas associadas a pecuária extensiva, ao extrativismo e a agricultura de subsistência.” ALVES (2012, p.1)

O termo hinterlândia brasileira empregado por Alves (2012) trata justamente sobre a porção territorial brasileira denominada nesse trabalho como Brasil Central. O autor considera que havia, nessa porção territorial do país, uma ligação e dependência muito grande às atividades tradicionais, mais especificamente a pecuária extensiva, o extrativismo e agricultura de subsistência<sup>21</sup>, caracterizadas pela quase ausência do emprego de tecnologia e inovação. Além disso, a produtividade e produção podem ser consideradas baixas e também a

---

<sup>21</sup> As atividades produtivas tradicionais exerceram papel fundamental na configuração do espaço, assim como no modo de vida das populações locais, em seu cotidiano, tradições e ainda hoje influenciam de alguma forma a apropriação do homem no espaço ao qual está inserido nos mais variados aspectos.

questão das deficiências em infraestrutura de transportes e de comunicação como fatores que, de certa forma, limitavam a ocupação humana para eventuais atividades econômicas.

O processo de modernização agrícola foi iniciado no sul do Brasil, mais especificamente nas regiões Sul e Sudeste do país como um projeto de modernidade arquitetado e planejado pelo Estado, que na época se encontrava sob o Regime Militar<sup>22</sup>, iniciado em 1964 e com término em 1985, caracterizado como um período de grandes investimentos nas áreas de infraestrutura no país, caracterizando a modernização conservadora, pois alavancou as desigualdades regionais e sociais presentes no país. (MONTEIRO, 2002)

O fenômeno de modernização, implementado e incentivado pelo Estado, foi iniciado nos anos 1960 na região Sul do país (MATOS e PESSÔA, 2011), sendo rapidamente disseminado para outras áreas do país. Onde houve acentuada elevação da produção e produtividade de commodities<sup>23</sup> de grãos, principalmente os de soja e milho.

Porém Matos e Pessôa (2011) consideram que o aumento da produção e produtividade revela uma grande importância dado pelo Estado aos dados quantitativos e um desprezo dos qualitativos. Pois os dados estatísticos, valorizando a alta produção, passam uma ideia de país desenvolvido. Além disso, os dados quantitativos geram um pensamento de que essa produção pertence ao povo e ao país e, de certa forma, ignora as consequências sociais, ambientais e políticas depois da constituição e consolidação do agronegócio em certas áreas.

Nesse aspecto, há uma clara oposição entre a grande produção/ produtividade de grãos advindos da moderna agricultura e os problemas sociais que o país ainda apresenta, como a fome, desigual distribuição de renda, miséria, preço de alimentos elevados, destruição da biodiversidade e meio ambiente, poluição e diminuição dos recursos hídricos, dentre outras várias problemáticas presentes no país.

No entanto, a produção moderna da agricultura possui um papel significativo na economia do país, representando cerca de um quinto do total do Produto Interno Bruto (PIB)

---

<sup>22</sup> O advento do Regime Militar relaciona-se com uma série de fatores políticos e ideológicos em que o Brasil e o mundo estavam passando no atual momento, na qual se pode destacar a Guerra Fria. Nesse aspecto os Estados Unidos teve participação primordial na efetivação do militarismo no Brasil visando à supressão do regime socialista, que ameaça vigorar no país.

<sup>23</sup> Commodities entendido aqui como sendo produtos de grau mínimo de industrialização, sendo considerada matéria-prima para a indústria vinculada à transformação em produtos com maior valor agregado. São caracterizados também pela grande produção e por integrarem o setor primário da economia.

brasileiro, conforme apresentado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento nos veículos de comunicação como forma de propaganda e valorização do agronegócio no país. Além disso, há necessidade de destacar que a produção moderna da agricultura possui o importante papel de abastecedor do mercado interno, possuindo grande destaque no cenário brasileiro de exportações.

Especialmente da década de 1970 o Brasil passa por inúmeras transformações advindas da modernização das atividades produtivas e que determinou um novo padrão agrícola no país, seguindo ainda da expansão da moderna agricultura para áreas do cerrado brasileiro. Tal processo foi incentivado fortemente pelo Estado através de políticas agrícolas, objetivando a modernização de certas áreas “esquecidas” no território brasileiro (MATOS e PESSÔA, 2011), em especial as áreas do Brasil Central com presença do bioma cerrado.

Depois de 1970 há uma clara intenção do Estado em efetivar a modernização e expansão agrícola nas áreas do cerrado brasileiro, que abrange extensões territoriais de vários estados, com maior presença nos inseridos no chamado Brasil Central. Isso ocorreu por meio dos esforços do Estado e do capital privado externo e interno (MATOS e PESSÔA, 2011). Tinha-se assim, o objetivo de superação da estagnação econômica, isolamento e pobreza em certas áreas consideradas “esquecidas” e condenadas ao abandono através do incentivo à modernização e expansão da moderna agricultura como forma de alavancar o desenvolvimento e impulsionar o crescimento da ocupação da porção central do país.

Sendo assim, o Estado exerceu o papel de grande incentivador da Modernização Agrícola nas áreas do cerrado através das políticas de aumento de créditos agrícola. Como exemplo, pode-se citar a criação em 1960 do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) (ALVES, 2011). Além disso, surgiram pesados investimentos em infraestrutura necessária para instalação dos projetos, dentre eles pode-se destacar a eletrificação de áreas afastadas dos núcleos urbanos, construção e a implementação de rodovias pavimentadas e não pavimentadas e ferrovias.

Ou seja, o Estado através de políticas públicas de facilitação de crédito ao produtor rural e empresas rurais empreendeu uma nova realidade no Brasil devido à grande transformação dos territórios nos estados onde houve a instalação da moderna agricultura. ALVES (2011) destaca alguns programas ligados ao incentivo do estado à produção de grãos: Programa Especial de Desenvolvimento dos Cerrados na Região Centro-Oeste (Polocentro),

do Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (Poloamazônia), do Programa de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste (Polonordeste) e do Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para Desenvolvimento dos Cerrados (Prodecer).

Praticamente todos esses programas e políticas foram baseados no objetivo de expandir a produção através da maior disponibilização de crédito rural e atração de empresas estrangeiras para o aumento da fronteira agrícola no Brasil, visando à consolidação do agronegócio no país e a efetivação do Brasil como um celeiro agrícola e um país focado na exportação de alimentos.

Depois do sucesso e da efetivação da modernização agrícola na área central do país, houve a consolidação das regiões dos cerrados como fronteira agrícola do país e referência na produção de grãos, especialmente com o advento da soja e do milho em substituição às culturas de feijão e arroz, que eram produzidas com maior enfoque antes da efetivação da modernização da agricultura no Brasil Central.

Esse contexto revela uma clara valorização dos grãos para a exportação e maior desvalorização dos alimentos mais tradicionais da alimentação da população brasileira. Constituindo assim como uma das características da moderna agricultura, pois não há uma preocupação com a alimentação da população brasileira, mas sim com o mercado externo e principalmente na geração de lucros gerados pela venda de grãos provindos do agronegócio (MATOS e PESSÔA, 2011). Isso revela uma clara tendência do Brasil à exportação de gêneros de alimentação para o mundo.

Logo após a efetivação da moderna agricultura nas áreas do cerrado, houve um claro surgimento de inúmeros impactos na rede urbana, além disso, houve a formação de novos arranjos territoriais, econômicos e demográficos em razão dos efeitos do processo de modernização das atividades relacionadas à agricultura, gerando assim inúmeros processos que originaram inúmeras consequências e mutações no uso do solo e novas configurações territoriais.

O processo de modernização da agricultura é entendido como a *“incursão cada vez mais intensa das inovações tecnológicas e das metamorfoses da relação capital x trabalho, tem-se propagado, no Brasil, notadamente no Cerrado, como um modelo que altera as condições econômicas contribuindo para aumento da produção agrícola do país”* (MATOS e PESSÔA, 2011, p. 211).

Dessa forma considera-se que o desenvolvimento da ciência e tecnologia foram determinantes para a modernização da agricultura, ou seja, em certa medida as mudanças originadas com a expansão e reprodução do capitalismo representam a lógica da expansão da fronteira agrícola <sup>24</sup> no país. Rocha (2012, p.242) considera que *“A ciência e tecnologia são hoje de fundamental importância para todos os setores da economia, inclusive a agricultura, demandando expressivos recursos e investimentos, o que em países pobres, como o Brasil, torna-se um problema”*.

As inovações tecnológicas surgidas com o processo de modernização agrícola foram várias e desenvolvidas em amplos aspectos do processo produtivo, como nas áreas biológicas, na produção, das estruturas físicas, na irrigação e rotação de culturas. Sendo assim, houve avanços científicos e técnicos na agricultura no país. Além disso, houve claro desenvolvimento e inovações no setor de maquinários e insumos ligados à produção.

Também é importante ressaltar que além da desvalorização dos agricultores familiares, há uma consequente demora na chegada das novas tecnologias ao pequeno produtor, sendo que esse beneficiamento é reduzido a poucos agricultores familiares. Outro ponto a ser destacado é que muitas vezes o pequeno produtor apresenta resistência em relação à utilização das novas técnicas e tecnologias na produção. Isso ocorre por falta de conhecimento por parte do produtor em relação a temas mais abrangentes como a gerência, a capacitação, reciclagem e ausência de uma orientação adequada por meio da assistência técnica e extensão rural. Se isso ocorrer de maneira adequada, haverá maiores possibilidades de o pequeno produtor permanecer no campo (ROCHA, 2012). Ou seja, as inovações no campo inseridas ao pequeno produtor podem colaborar para a fixação do agricultor familiar no campo.

Sobre os processos que transformaram os novos territórios, ROCHA destaca transformações empreendidas na produção de grãos no município de Chapadão do Sul- MS:

“O novo espaço encontrado era propício para o desenvolvimento de técnica, tais como: correção de solo, seleção de sementes, controle de pragas mediante a utilização de defensivos, uso de máquinas para a preparação do solo, tornando a área altamente produtiva, fazendo da região de pouco valor um referencial nacional no setor agroindustrial. Assim a modernização se consolidava nas terras de Chapadão do Sul.” ROCHA (2012, p.237)

---

<sup>24</sup> O termo fronteira agrícola no Brasil é entendido aqui como as áreas onde há a existência e constituição da moderna agricultura, no sentido de que há na atualidade uma forte tendência de expansão agricultura de grãos para demais porções territoriais do país, especialmente para as áreas de cerrado. Ou seja, há potencial de expansão da agricultura moderna.

Nas áreas de cerrado havia forte tendência de concentração das atividades nas proximidades dos vales úmidos para a produção da agricultura familiar<sup>25</sup>, caracterizada pela pouca produção e produtividade, na qual havia uma produção focada para o consumo familiar e não para o comércio em grande escala. (ALVES, 2011, p. 6)

Outra forte característica das áreas do cerrado, que atualmente predomina a agricultura moderna, era a presença da pecuária como atividade econômica principal. *“A Pecuária extensiva era também outra atividade econômica desenvolvida no cerrado, praticada em complementação ou rivalizando com a pequena propriedade”* (ALVES, 2011, p. 6). Ou seja, a pecuária possuía em um dos casos a funcionalidade de uma atividade secundária, destinada à suplementação das atividades cultivadas pelo pequeno produtor.

O gado servia muitas vezes como mais uma possibilidade de alimentação nos períodos de maiores dificuldades nas diferentes áreas do cerrado brasileiro. Exercendo ampla influência diretamente nas mudanças das áreas econômicas, sociais, ambientais e até mesmo na esfera cultural. Podia haver também a possibilidade da pecuária competir com o pequeno agricultor, exercendo papel de atividade de ampla escala, com forte uso da terra e havendo grande concentração das terras.

Outra consequência direta da moderna agricultura nas diferentes porções territoriais está no aumento do preço das terras no campo e nas cidades logo após o aumento da produtividade e o ganho de evidência do município produtor, determinado pela instalação de novas infraestruturas, que estão intimamente ligadas à integração dos municípios e cidades aos mercados consumidores e distribuidores. Ou seja, através de novos equipamentos urbanos implementados com o advento da modernização agrícola, há uma interligação maior dos municípios a novas conjunturas e consequente diminuição do isolamento. Além disso, as áreas produtoras tornam-se extremamente atraentes para determinada mão de obra especializada necessária na agricultura moderna.

Como exemplo, pode-se citar Chapadão do Sul como município em que havia a predominância da pecuária como atividade produtiva. Nesse sentido ROCHA (2012, p.240) destaca que *“Os solos de cerrados, no município, que eram utilizados pelas práticas de*

---

<sup>25</sup> Agricultura familiar é entendida, de uma forma mais simplificada, como uma forma de produção rural realizada em pequena escala, com uma forte ligação com a família na questão da mão de obra. É realizada por pequenos proprietários de terra. Porém a sua discussão envolve uma série de questões e apontamentos que muitas vezes não há assimetria nas ideias.



*pecuária e cultivos tradicionais rudimentares, a partir da década de 1980, se transformaram no grande produtor de alimentos”.*

Nesse contexto, as áreas que eram destinadas à pecuária foram incorporadas nos grandes projetos de agricultura moderna, sendo que muitas dessas terras eram de pastagens. Ou seja, já eram abertas e não houve tanta necessidade da abertura de grandes extensões territoriais, havendo apenas trabalho de adequação das áreas de pastagens e abertura de algumas para o cultivo de arroz, para em seguida haver a produção de grãos, principalmente soja e milho.(ROCHA, 2012).

Percebe-se então novo uso do território, pois a agricultura moderna não é implantada necessariamente em áreas com proximidade de cursos d'água, mas sim em áreas planas e agricultáveis, com uma grande favorabilidade para a mecanização através de máquinas agricultáveis.

A partir dessas características, a agricultura moderna sempre focou áreas planas, com pouca presença de ondulação do terreno. Sendo assim, as áreas de chapadas dos cerrados foram sempre priorizadas em razão das suas características planas, sempre com foco em áreas onde houvesse poucos cursos d'água. Além disso, pode-se considerar que as áreas do cerrado não são tão focadas pelos ambientalistas como as áreas do bioma amazônico e pantanal, sendo assim a região dos cerrados recebem maiores investimentos devido a menores preocupações em torno da questão ambiental. (MONDARDO, 2010).

Inicialmente havia a preocupação quanto à potencialidade dos solos dos cerrados para a agricultura e havia desconfiança em torno da sua produtividade em virtude da grande acidez dos solos e da existência de uma estação seca bem definida durante o ano. Porém, com o advento das inovações na agricultura, surgiram as técnicas de correção do solo, tonando assim os solos dos cerrados altamente produtivos e com alto potencial.

Com exemplo, ROCHA (2012) destaca que a EMBRAPA teve papel decisivo no município de Chapadão do Sul- MS<sup>26</sup> na questão de correção dos solos, localizado em áreas do cerrado e com presença de grandes projetos de agricultura moderna, na qual houve a utilização de técnicas modernas e técnicos da EMPRABA, visando à superação das

---

<sup>26</sup> Município de Mato Grosso do Sul na qual há a presença da agricultura moderna. Localiza-se na região nordeste do estado, no entroncamento da BR-360 E MS-306 e aéreo entre São Paulo-Cuiabá e Campo Grande-Brasília. Fica a 350 Km de Campo Grande, a capital do estado. é um dos maiores produtores de grãos do estado.

deficiências e improdutividade do solo, que, no entanto, era taxado como pobre e incapaz de gerar produção agrícola.

Houve também uma série de fatores internos, externos e momentos econômicos que contribuíram fortemente para a consolidação do Brasil como país exportador de alimentos. Segundo o autor, a crescente urbanização e a crise do petróleo na década de 1970, constituem-se como fatores que ajudaram o desenvolvimento da modernização na agricultura do país em razão da tendência mundial ao consumo de novas mercadorias vinculadas à agricultura, como a soja, a laranja, o trigo, o milho, o café e a cana-de-açúcar. (ALVES, 2011)

Sendo assim, o Estado brasileiro enfatizou a produção de alimentos por meio do incentivo e formulação de políticas públicas fortalecedoras da agricultura moderna. Com o advento da crise do petróleo, o Brasil preocupou-se em diversificar a matriz energética e diminuir a dependência do petróleo através dos incentivos à produção do álcool originado a partir da cana-de-açúcar, visando amenizar a alta no preço do petróleo.

A partir desse momento o país intensificou a produção da agricultura visando à diminuição dos impactos causados pela crise do petróleo e para o prosseguimento do desenvolvimento da indústria no país. A urbanização exigiu que o Estado direcionasse e concentrasse esforços para a agricultura como forma de sustentar as exigências internas de alimentos em razão do grande crescimento populacional e de consumo. (ALVES, 2011)

Atrelado a isso, Mota destaca o papel da agricultura no processo desenvolvimento por meio da modernização das atividades agrícolas e o consequente surgimento de novas áreas de expansão da agricultura moderna, nesse sentido o autor aborda que

“A agricultura teve, historicamente um papel relevante no processo de desenvolvimento do país, servindo de base para o desenvolvimento da indústria e dos serviços, além da criação dos novos territórios, como superação da ideia deste diante da concentração de espaço. A partir de então, surgem novas áreas agrícolas, que podem ser incorporadas à produção e ao consumo agropecuário globalizado”. (MOTA, 2012, p.286)

Ligado ao surgimento e crescimento das novas áreas agrícolas, há a problemática do êxodo rural e o consequente crescimento desordenado das áreas urbanas seguido do surgimento de inúmeros problemas existentes nas cidades e no campo como o subemprego e péssimas condições de trabalho. Porém não se pode negar que as novas áreas agrícolas passam por grandes mudanças nas suas bases econômicas, principalmente no aumento da produção, maiores dinamizações e novas conjunturas que afetam diretamente o meio social,

ambiental e cultural dos diferentes municípios envolvidos no processo de modernização da agricultura.

No processo de modernização agrícola, implementado pelo Estado, há desconsideração das repercussões sociais e ambientais geradas na lógica da moderna agricultura do país, além disso, o processo não leva em consideração toda a estrutura fundiária do país extremamente concentradora e excludente (MATOS e PESSÔA, 2011). Nesse sentido, há clara crítica ao processo de modernização agrícola considerado como um processo conservador.

No entanto, é preciso entender o processo de modernização da agricultura brasileira como uma dinâmica empreendida em nível mundial através da chamada Revolução Verde, caracterizada por Matos e Pessôa (2011) como um fenômeno de desenvolvimento rural, que caracteriza a fase inicial de modernização da agricultura brasileira.

A chamada Revolução Verde inicia-se nos Estados Unidos, na qual houve uma série de inovações nos processos produtivos e o avanço da tecnologia na produção. Matos e Pessôa (2011) consideram que o processo possuía inicialmente ampla ligação com os países do antigo terceiro mundo. O que ainda continua em vigor, pois nota-se clara tendência de concentração da produção de grãos em países em desenvolvimento, como o exemplo do Brasil.

A Revolução Verde foi determinante para a aceleração da produção agrícola, com destaque para a soja, que depois da Segunda Guerra Mundial passou a ser consumida com maior intensidade em âmbito mundial em decorrência dos novos padrões de consumo de proteínas para as pessoas e animais, como o uso da soja para a fabricação de ração animal e a fabricação do óleo da soja misturada com o milho (ALVES, 2011).

Portanto, a Revolução Verde permitiu o surgimento de novas adaptações e adequações de acordo com as particularidades de diferenciados ambientes naturais do mundo. As inovações tecnológicas do pós-guerra foram determinantes para o desenvolvimento da agricultura, pois surgiram as máquinas agrícolas, a aviação adaptada à agricultura, fabricação de tratores, surgimento de inseticidas e produtos químicos utilizados ao combate de pragas, entre outras inovações. (ALVES, 2011).

No processo de modernização agrícola das novas áreas há clara tendência de concentração das terras, afetando diretamente a estrutura fundiária dos estados e municípios.

Nesse sentido, qualquer iniciativa e pretensão de reforma agrária são ignoradas e amplamente esquecidas.

A partir dessas questões, Matos e Pessôa (2011) consideram a modernização da agricultura como conservadora, pois houve ampliação das contradições e desigualdades sociais e principalmente porque houve um claro beneficiamento de um pequeno grupo de produtores. Sendo assim, surge uma série de processos de beneficiamento de determinados grupos de pessoas e uma clara desvalorização do pequeno produtor, o que muitas vezes acaba intensificando os processos migratórios do campo para as cidades.

De acordo com Graziano da Silva, citado por Matos e Pessôa (2011), o processo de modernização da agricultura no Brasil é dividido em três fases:

A primeira fase foi a de transformação das técnicas empregadas na agricultura com o incentivo do Estado. Além disso, pode-se considerar também que nesse período houve advento da modernização das atividades produtivas e substituição às práticas tradicionais e rudimentares.

A Segunda fase é caracterizada pela industrialização da produção e implantação dos setores industriais de bens de produção.

A terceira fase é caracterizada pela integração das relações estabelecidas entre a agricultura e a indústria.

Na terceira fase houve o surgimento da agroindústria brasileira. Esse fato atualmente influencia diretamente a localização dos projetos de agricultura moderna, exigindo também que haja uma integração das lavouras de soja, milho e arroz aos complexos agroindustriais por meio de infraestruturas de transportes.

Sobre essa questão da interligação e transportes ALVES (2011) considera que nas áreas de moderna agricultura há *“formação de um sistema de infraestrutura até as fábricas de beneficiamento e aos portos exportadores”*. Ou seja, há a necessidade de circulação da produção, tanto para o mercado interno e externo através dos portos.

Infer-se então que nesse período houve também o surgimento e fortalecimento de empresas rurais ligadas à agricultura moderna que começaram a controlar o comércio, a distribuição e armazenamento da produção de grãos no país. Nesse aspecto, a integração exige

uma série de transformações do espaço ligadas ao setor de transportes. Foi nesse período que houve também o fortalecimento dos bancos, do capital financeiro, das indústrias e de produtores rurais.

Matos e Pessoa (2011) reforçam o incentivo da mídia, do governo e de pesquisadores à modernização da agricultura e uma consequente expansão da moderna agricultura pelo território brasileiro. Na qual houve o surgimento da expressão agronegócio<sup>27</sup>, que de acordo com as autoras representaram claramente a tentativa de repassar uma visão moderna da agricultura em face das antigas características de práticas rudimentares, baixa produção e produtividade. A imagem do agronegócio, nessa perspectiva, surge então como algo ideal para o país, dominando inclusive novos territórios, tecnologias e políticas públicas.

## **2.1 Influências da moderna agricultura na cidade, no campo, no meio ambiente e comunidades**

A modernização da agricultura enquanto processo de transformação espacial possui potencial de modificação das cidades e do campo em decorrência das novas dinâmicas e processos que emergem após a instalação dos grandes projetos de agricultura moderna baseada na produção de grãos. As mudanças atravessam o âmbito do campo e chegam até as cidades em razão da interdependência entre as diferentes realidades.

No aspecto de consolidação da fronteira agrícola nas áreas do cerrado, há um rearranjo das cidades em virtude do processo de modernização da agricultura, aumento da produção e produtividade. O urbano ganha novas características provindas do meio rural. Sobre essas questões Alves destaca que

“Nesse novo tecido urbano em formação as funções estão cada vez mais voltadas para as demandas produtivas da moderna produção agrícola, que além de provocarem a ampliação das redes de comércio e serviços, conduzem ao adensamento populacional que implica diretamente em desigualdades socioespaciais, efeitos característicos do sistema capitalista.” (ALVES, 2011, p.6)

Nesse sentido surgem cidades extremamente ligadas ao campo, na qual há articulação entre as dinâmicas presentes nas redes de cidades, onde há presença da moderna agricultura. Além disso, as cidades adaptam as suas características visando suprir as necessidades dos

---

<sup>27</sup> Designação da moderna agricultura caracterizada pela produção de grãos, caracterizando assim monoculturas com emprego de tecnologia, reduzida mão de obra uma grande concentração de terras. A produção é voltada para o mercado externo e interno.

novos agentes envolvidos no processo modernizador da agricultura, como grandes empresas agrícolas, grandes donos de terras, comércio e serviços focados na agricultura e em razão da dinâmica de transporte e comunicação potencializados.

Pode-se perceber que Alves, no apontamento anteriormente citado, faz uma breve crítica ao processo de intensificação das desigualdades sociais desencadeadas pelas novas atividades produtivas e atribuem esses fatores excludentes como características do capitalismo. Sendo assim, a cidade ganha novas formas e funções, alterando inclusive a sua paisagem. Além disso, há o aparecimento de novos elementos que alteram consideravelmente a cultura e cotidiano da população local. (ALVES, 2011).

Outra questão evidente abordada por Alves (2011) é a instalação de empresas voltadas para a área de serviços direcionados ao atendimento das novas necessidades que surgem nas cidades e no campo. Assim, os setores de comércio e de serviços alteram consideravelmente o modo de vida e afetam diretamente os antigos hábitos e costumes da população urbana e também do campo, em certa medida. Surgem então novas formas de organização do espaço, organização das paisagens.

No entanto, Alves (2011) também destaca que a expansão do comércio, ampliação dos serviços, em especial saúde e educação, afeta positivamente a população local e proporcionam mudanças significativas, mostrando assim que o processo de modernização agrícola possui impactos positivos e negativos.

Como exemplo de pontos positivos e novas transformações provocadas pelo processo de modernização agrícola, Rocha destaca uma série de mudanças ocorridas no município de Chapadão do Sul- MS:

“Na década de 1980, o município de Chapadão do Sul era, basicamente, habitado por proprietários rurais e trabalhadores que residiam nas fazendas, no entanto, com a inserção do processo de modernização agrícola, o município recebeu equipamentos técnicos, comércios agrícolas, escolas particulares, escolas de língua estrangeira, agências bancárias e clubes, que, no decorrer do tempo, foram ampliados, de foram a possibilitar uma nova dinâmica de fluidez de informações, de mercadorias, serviços e capital de que a economia agrícola moderna necessita. Dessa forma, a instalação de equipamentos, principalmente os de circulação, comunicação e financeiros ilustram alguns dos passos da inserção do município na economia capitalista globalizada.” (ROCHA, 2012, p.251)

Percebe-se então que as mudanças ocorridas em Chapadão do Sul- MS foram determinantes para a inserção do município em uma nova ótica pautada em uma economia moderna ligada aos vários agentes atuantes no processo da moderna agricultura. Todos esses novos agentes possibilitaram um avanço significativo no setor de transportes, na comunicação, na saúde e educação do município.

Nesse aspecto de transformações de Chapadão do Sul pode-se enfatizar a ligação existente entre o setor produtivo ao sistema bancário-financeiro destacado por Sousa (2003), onde o mesmo destaca que existe mútua relação e dependência do setor produtivo às grandes corporações financeiras, especialmente dos bancos, que irão subsidiar a produção agrícola através de créditos concedidos aos grandes proprietários rurais.

Os fatores envolvidos nos aspectos educacionais são um dos pontos mais positivos e beneficiados pelas mudanças originadas pelo processo de modernização agrícola. Isso porque há uma tendência da população local ter maior acesso aos cursos oferecidos pelas universidades e faculdades que surgem no município. Destaca-se que grande parte das universidades focam em cursos ligados aos processos produtivos, como na formação de agrônomos, engenheiros florestais, técnicos agrícolas, mecânica, segurança do trabalho, etc.

Portanto, um dos grandes potenciais de desenvolvimento da educação é gerado e há necessidade de parcerias entre os governos das esferas municipais, estaduais e federal para a efetivação e consolidação de programas relacionados ao desenvolvimento da educação como forma de beneficiar a população local de forma direta e indireta.

Além disso, um número considerável de pessoas é inserido no mercado de trabalho, inicialmente em profissões que não exigem formação ou grandes conhecimentos para serem desenvolvidas, como borracheiros, motoristas, mecânicos, caseiros das sedes das fazendas e catadores de raízes. Com a inserção de universidades e escolas focadas no ensino técnico, há o surgimento de uma parcela de jovens formados em cursos direcionados ao mercado da agricultura moderna. Posteriormente, há o surgimento de profissionais mais qualificados, com nível superior.

Porém, grande parte da população não vai conseguir ter acesso aos benefícios diretos da moderna agricultura, especialmente aqueles ligados ao mercado de trabalho, em razão das poucas qualificações para exercer os cargos mais carentes nos grandes projetos de agricultura moderna. Segundo Alves (2011, p.7) *“esses moradores não somente sofrem com os preços*

*inflacionados das mercadorias que nos últimos anos são praticados, como também são “empurrados” para a periferia das, ainda, pequenas e médias cidades*”. O que permite inferir que o pequeno produtor, de certa forma, se vê obrigado a sair do campo rumo às pequenas, médias e grandes cidades.

Nesse aspecto tornam-se necessárias políticas públicas focadas no objetivo de manutenção do trabalhador rural no campo. Essas políticas devem ser atentar à transferência de conhecimento, de suporte, orientação e recursos para investimentos na pequena agricultura, gerando assim mais possibilidades do trabalhador rural manter-se no campo. Há no momento, uma grande necessidade de incorporação do pequeno trabalhador rural nos processos produtivos de forma mais competitiva e eficiente.

No âmbito do urbano, torna-se necessário o incremento cada vez maior da educação na vida população local, focando em cursos que gerem de alguma forma mercado de trabalho dentro do seu próprio município, possibilitando assim a existência de maiores chances de retorno à sua comunidade de forma a possibilitar a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos na sua comunidade, na cidade e no município de sua origem.

Com o advento da instalação dos grandes projetos de cultivo de grãos, surgem algumas necessidades ligadas ao mercado de trabalho relacionado aos processos produtivos e tecnológicos da produção. Dentre as principais profissões que se destacam pode-se citar a de tratoristas, técnicos agrícolas, agrônomos, mecânicos, motoristas, entre outros. Essas profissões citadas, normalmente são exercidas por pessoas de outros locais porque grande parte da população local não possui os atributos necessários para ocupar o cargo, ou seja, não há uma qualificação que o trabalho necessita.

Sobre essa questão, pode-se novamente usar o exemplo do Município de Chapadão do Sul- MS, nesse caso Rocha destaca que

“No município de Chapadão do Sul, o avanço da modernização nas propriedades agrícolas substitui, em grande parte, a mão de obra humana desqualificada por profissionais qualificados, oriundos das regiões de onde vieram os migrantes.” (ROCHA, 2012, p.254).

No âmbito do campo e das cidades surgem novas infraestruturas e modificações nas bases físicas do território em razão do surgimento de novas necessidades de circulação de pessoas, da produção e de mercadorias. Nesse caso, há a necessidade de destacar que esses processos de circulação e comunicação envolvem diferentes cidades como destaca Sousa



“... algumas se articulam muito forte e diretamente entre si (mediante meios de comunicação e transporte, permitindo fluxos de informação, bens e pessoas), mas outras se articulam apenas indiretamente, por meio de outras cidades.” (SOUSA, 2003, p. 50)

Tudo isso permite afirmar que as diferentes cidades envolvidas com a agricultura moderna podem desempenhar diferentes funções, sendo que até mesmo aquelas que não estão diretamente envolvidas com a produção, de alguma forma participam indiretamente por meio de outras cidades, formando assim uma rede urbana regional ligada à moderna agricultura e consequentemente ao setor de serviços e comércio das mesmas.

Balsas- MA é outro município inserido na agricultura moderna e pode servir de exemplo na questão das novas relações estabelecidas entre o rural e o urbano, pois assim como aborda Mota

“... relação que se criou entre os espaços urbanos e rurais, relação esta oriunda de uma agricultura globalizada e que fez com que os espaços urbanos e rurais do município de Balsas/MA passassem por uma total reestruturação das suas bases sociais e econômicas, tornando-se a ser, a partir desse momento, espaços urbanos com traços rurais, como também áreas rurais com características urbanas.” (MOTA, 2012, p. 280)

Pode-se observar, através da passagem do autor, que as relações entre o rural e o urbano se complementam, havendo inclusive uma interdependência entre ambos em múltiplas questões, pois os diferentes espaços estão amplamente articulados e interligados de uma forma que haja sintonia entre as atividades produtivas desenvolvidas no campo e os serviços oferecidos na cidade, sendo que esses últimos são focados nas novas dinâmicas empreendidas pela agricultura moderna.

Também é interessante destacar que as empresas agrícolas, inclusive multinacionais, desempenham importantes papéis de articulação entre as diferentes áreas e proporcionam o surgimento de certas características partilhadas em comum nos diferentes territórios. Pois grande parte das empresas multinacionais se articula de alguma forma com empresas locais. Isso pode ser aplicado também às corporações bancárias, pois os grandes bancos existentes no país e no mundo passam a se articular de alguma forma com as agências de menor expressão das pequenas cidades.

Rede urbana regional é entendida como

“uma região com uma forte coerência de identidade sócio espacial e de fluxos de internos; contudo ela sempre será, ao mesmo tempo, um

subconjunto de uma rede urbana maioria, nacional, a qual, por sua vez, estará menos ou mais fortemente articulada no interior de uma rede urbana global.” (SOUSA, 2003, p.50)

Pode-se entender então que as diferentes cidades com presença da agricultura moderna estão ligadas a um contexto maior e à lógica de interligação entre as economias, assim como na questão da circulação, contanto, comércio e articulação entre as cidades. Nesse contexto, há presença de cidades com importâncias sub-regionais ou regionais, exercendo influência sobre as demais e centralizando áreas como educação, saúde e comércio.

As diferentes cidades presentes no contexto da modernização agrícola estão presentes nas dinâmicas de estocagem e comercialização da produção. Nesse sentido, alguns gêneros agropecuários e extrativistas produzidos no campo dos diferentes municípios não são apenas nele consumidos, mas também armazenados em uma lógica de distribuição e comercialização. (SOUSA, 2003)

Em razão de algumas mudanças nos setores produtivos dos territórios de agricultura moderna, há uma série de transformações na área de serviços da cidade, pois há uma forte tendência de alteração das necessidades em virtude da agricultura moderna. Nesse sentido surge um comércio mais especializado e direcionado ao campo. Dentre essas mudanças no setor de serviços e comércio, há o surgimento de lojas especializadas em máquinas e insumos agrícolas.

Dentre algumas mudanças originadas, pode-se citar como exemplo o aparecimento de máquinas agrícolas no comércio, tratores e caminhões, além de revendedoras de marcas de produtos e serviços que, de alguma forma, estão intimamente ligados à agricultura moderna das áreas de efetivação e expansão da agricultura moderna (ROCHA, 2012). Ou seja, as mudanças são várias e há consequentes transformações nos hábitos existentes e, além disso, há o aparecimento de uma nova cultura urbana bastante focada e atrelada ao campo.

Nessa nova relação observa-se a cidade como um ponto de apoio à agricultura moderna, pois é na mesma que serão adquiridos certos elementos importantes para a produção de grãos, como insumos e máquinas agrícolas. Nesse sentido, há presente nesse contexto uma nova relação entre o campo e a cidade. Em que o campo mostra-se em certa medida atrelado à cidade, pois a agricultura moderna irá necessitar dos seus principais equipamentos e serviços urbanos, como comércio, universidades, laboratórios, comércio especializado em agricultura, na qual há presença de agrotóxicos, insumos, sementes selecionadas para produção e

fertilizantes, assim como toda a rede de sistema bancário. Sobre as mudanças geradas nas diferentes cidades, podem-se apresentar as ideias de Mota, na qual o mesmo destaca que

“... as cidades em emergência recebem tal contingente populacional e tem um crescimento vertiginoso. Tanto no que se refere aos novos arranjos produtivos, como de meios de acumulação de capital e de reprodução de um modo de vida específico, ligado ao trabalho assalariado e ao consumo”. (MOTA, 2012, p.279)

Sendo assim, a cidade passa a possuir uma série de características que anteriormente eram pouco frequentes na sua realidade, ou seja, as cidades passam por grandes metamorfoses em suas características, originadas a partir da modernização agrícola com o advento do avanço do capitalismo e da produção industrial pelo mundo.

As mudanças também ocorrem no âmbito do rural configura uma nova tendência atual, pois segundo o autor “*presenciamos, cada vez mais, nos espaços rurais, os efeitos globalizantes, ou seja, espaços rurais cada vez mais carregados de novos fenômenos, na sua maioria, heterogêneos, diversificados e não exclusivamente agrícolas*”. (MOTA, 2012, p. 282).

Percebe-se claramente que o rural adquire cada vez mais características do urbano, incorporando traços das áreas de agricultura moderna, apresentando atividades agropecuárias, mas também características marcantes do meio urbano como crescimento do setor habitacional, instalação de empresas e serviços diferenciados.

Outra característica presente na agricultura moderna é que grande parte dos proprietários das grandes plantações, muitas vezes nem moram no município e nem mesmo no estado onde se localizam os grandes projetos. Caracterizando assim os proprietários como *absenteístas*<sup>28</sup>. Porém, o grande problema é que não há um reinvestimento do lucro gerado no campo. Sendo assim, os recursos são destinados ao consumo pessoal e familiar, como em compras de imóveis, automóveis, investimentos em áreas urbanas. (SOUSA, 2003)

Os proprietários *absenteístas* exercem papéis de influência na política local e regional dos municípios de agricultura moderna e muitos deles comandam os processos políticos devido aos interesses presentes, determinando assim uma relação de influência direta sobre a cidade e o campo.

---

<sup>28</sup> Proprietário ausente da produção, normalmente mora distante e pouco tem contato com as grandes plantações, apenas delegando funções de confiança para efetivação dos projetos.

O campo e o urbano passam então por inúmeras metamorfoses em múltiplos aspectos, mudando inclusive a questão das articulações entre os diferentes municípios, alterando muitas vezes as relações de importância e de centralidade das cidades (MMA, 2005). Ou seja, com a instalação da moderna agricultura, há o aparecimento de novas centralidades no âmbito do urbano.

Sendo assim, há uma grande tendência de modificação das hierarquias existentes nos centros urbanos regionais e das suas devidas áreas de influência. Nesse sentido, vale reassertar que havendo mudanças no âmbito regional, há clara tendência de modificação e rearticulação das relações com outras escalas (macrorregional, nacional e internacional).

Sousa destaca algumas questões sobre o processo de desconcentração industrial<sup>29</sup> no Brasil, na qual ressalta que a busca por novos espaços para a instalação de indústrias surge em razão da grande escassez de terra, gerando também:

“... elevação do preço do solo, congestionamento, poluição, criminalidade violeta começam a desestimular a localização em um grande centro que já começa a apresentar sinais de saturação e a estimular a localização em cidades menos problematizadas, mas que apresentam boa infra-estrutura e outros requisitos. Muitas vezes, essas médias (e pequenas) cidades irão crescer rapidamente, tornando-se ” grandes e tendendo, elas próprias, a apresentar certos problemas como se percebe no Brasil, hoje em dia abrigando o núcleo de uma metrópole.(SOUSA, 2003, p.59)

Apesar da desconcentração da indústria, há uma forte tendência da gestão continuar centralizada nos principais centros de produção. Dessa forma,

“... A produção, fisicamente, se desconcentra, mas não necessariamente o poder (não raro, a centralização do poder de gestão territorial até sofre um incremento), o que está associado à permanência, nos centros urbanos mais importantes, de atividades econômicas de ponta, ligadas ao setor financeiro e a serviços sofisticados.” (SOUSA, 2003, p.59).

Isso significa a certo modo que pode haver uma aplicabilidade dessa teoria à temática da modernização agrícola, pois há no Brasil clara tendência de expansão da agricultura moderna, que dinamiza e transforma diversas áreas do país, em especial as do cerrado no Brasil Central, configurando assim uma grande desconcentração da produção, pois antes a mesma era extremamente concentrada nas regiões Sul e Sudeste do país.

---

<sup>29</sup> Originada a partir do momento em que uma saturação das possibilidades de desenvolvimento de expansão em razão da grande concentração de indústrias e principalmente em razão dos grandes problemas urbanos, como a violência, a especulação imobiliária, a poluição e congestionamentos.

Porém mesmo com a grande desconcentração das atividades produtivas, ainda há grande concentração do poder e das atividades mais sofisticadas ligadas à importação nos grandes centros urbanos onde a produção é mais antiga e onde normalmente há presença de grandes cidades, portos marítimo, aeroportos, agências financeiras, bancos, multinacionais, etc.

Na questão ambiental, há uma série de problemáticas relacionadas à agricultura moderna que precisam ser ressaltadas como forma de revisão para prevenção de impactos ambientais. Essa grande preocupação surge em razão da ameaça que o meio ambiente em detrimento da intensificação da erosão, contaminação do solo e do ar, diminuição da biodiversidade e assoreamento de corpos d'água. Além disso, há uma série de ameaças relacionadas à utilização da pulverização aérea, fertilizantes químicos, defensivos agrícolas e agrotóxicos.

Surge então a necessidade de investimentos em inovações tecnológicas que possuam potencial de diminuição dos impactos negativos ao meio ambiente originadas com a implantação dos grandes projetos de agricultura nas diferentes regiões. Dentre uma das possibilidades de contenção dos efeitos negativos, Rocha (2012) cita o plantio direto<sup>30</sup> como uma das novas formas de plantio em que há reduzidos ao solo, pois o plantio é feito diretamente sobre as sobras de vegetais do plantio anterior (resíduos), contribuindo substancialmente para a diminuição das erosões do solo.

Outra questão atrelada ao meio ambiente são as mudanças nas paisagens dos municípios onde há presença da moderna agricultura, pois com a consolidação dos grandes projetos de grãos, há o aparecimento de uma paisagem mais homogênea ligada ao desmatamento da vegetação. O mesmo envolve a destruição da floresta, comprometimento da biodiversidade e destruição do habitat das diferentes espécies. Sendo assim, a agricultura moderna possui grande potencial para a degradação ambiental nas áreas do cerrado brasileiro, necessitando assim revisões nas bases do planejamento econômico do país visando maior consideração dos aspectos ambientais envolvidos na produção da agricultura moderna.

---

<sup>30</sup> Forma diferente de utilização e manejo do solo, na qual o plantio é realizado sobre os restos da última lavoura (palha, e restos vegetais). No plantio, há a abertura de um sulco para o depósito das sementes e fertilizantes. É um sistema de plantio que diminui significativamente os impactos gerados nas plantações modernas da agricultura.

Dessa forma, percebe-se que os impactos ambientais são alguns pontos negativos da moderna agricultura e se contrapõe aos pontos positivos relacionados ao surgimento de novos equipamentos urbanos e avanços nas áreas de educação e saúde. Portanto, há a necessidade de revisão de alguns pontos negativos e incorporação de algumas mudanças visando à diminuição dos impactos ambientais e dos efeitos sociais negativos, como a intensificação das desigualdades, substituição da mão de obra e precarização da agricultura familiar.

## **2.2 Migração Gaúcha para áreas do Cerrado: lógica, processos e dinâmicas**

Sabe-se que o processo de modernização agrícola transformou inúmeras áreas do Brasil Central, mais recentemente nas áreas dos estados da região Centro-Oeste, do estado de Tocantins, região norte do país, e também nos estados do Piauí, Bahia e Maranhão, região Nordeste. Alves (2011) denomina essa região como o Centro-Norte do Brasil.

A ocupação dessas novas áreas pelos “sulistas” do país, também denominados nas novas áreas de agricultura moderna como os “gaúchos”, que, no entanto, podem compreender pessoas originadas principalmente do Rio Grande do Sul, mas também originados de outros estados como Santa Catarina, Paraná e até mesmo paulistas e de Mato Grosso.

A corrente migratória foi muito intensa no território nacional, extrapolando as fronteiras nacionais e se efetivando em outros países vizinhos sul-americanos como Paraguai, Uruguai, Argentina e Bolívia, sempre buscando novas áreas para a incorporação da agricultura moderna, onde há a utilização de grandes extensões de terras voltadas para a produção (ALVES, 2011).

Haesbaert<sup>31</sup> (1998) utiliza a palavra diáspora<sup>32</sup> para destacar a complexidade e a força do processo migratório em direção principalmente ao Nordeste brasileiro, na qual afirma que a lógica de migração “gaúcha” possui uma ligação muito grande aos fatores ligados às

---

<sup>31</sup> Geógrafo brasileiro, formado na Universidade Federal Fluminense. Trabalha com conceitos de região, globalização, territórios, identidades e tem se dedicado a analisar o processo de migração gaúcha para o interior do Brasil, em especial nas áreas da região Nordeste do país, analisando a questão das identidades regionais, fatores regionais e redes urbanas regionais, associados ao processo de globalização e surgimentos de novas territorialidades, regionalizações, e regionalidades.

<sup>32</sup> Deve ser entendida aqui como o processo de deslocamento e processos migratórios, que, no entanto, foram incentivados pelo Estado, abrangendo grande número de migrantes originários do sul do país e descendentes de europeus.

identidades culturais, na qual estão inseridos processos históricos, políticos, sociais e geográficos.

Isso possibilita afirmar que o processo de migração gaúcha, primeiramente em direção às áreas da região Centro-Oeste e posteriormente para as áreas do Oeste Baiano, sudoeste e sul do Piauí, sul do Maranhão e região centro-norte de Tocantins possuiu uma série de fatores lógicos, motivados por ideais políticos e econômicos com objetivos claros e intencionais.

Ou seja, a modernização da agricultura iniciada na década de 1970 e intensificada da década de 1980 ao começo do século XXI, propositalmente incentivada pelo Estado brasileiro, foi expandida da região sul do país para outras áreas do país, em especial para as áreas da região Centro Oeste, com destaque para o estado de Mato Grosso e Goiás.

O processo de migração sulista para o interior do país foi incentivado pelo Estado e se diferencia do projeto de incentivo à vinda de imigrantes europeus ocorrido no século XIX depois do fim da escravidão no país. Isso porque o novo projeto do Estado de incentivo à migração sulista teve certo aproveitamento de pessoas originárias do próprio país, porém descendentes de imigrantes estrangeiros, com destaque para descendentes de alemães e italianos (ALVES, 2005). Além disso, Alves também considera que

“Não foi aleatória, entretanto, a escolha de tal grupo para comandar a ocupação das terras do que viria a ser a fronteira agrícola, mas fazia parte da estratégia de reforçar um modelo econômico sustentado na produção de *commodities* agrícolas para exportação. Tal modelo se tornaria viável adotando dois conjuntos de diretrizes em articulação: a) incorporação de novas áreas, a serem ocupadas mantendo o sentido de produzir para o mercado externo; b) concentração da propriedade da terra nas antigas áreas de ocupação, na própria região Sul do Brasil, para começar por lá o processo de modernização agropecuária”. (ALVES, 2005, p.49)

No entanto, Haesbaert (1998, p. 57) considera que

“Essa migração sulista na verdade remonta ao início do século, quando se consolida o processo de privatização das terras no Rio Grande do Sul e os “colonos” descendentes de imigrantes (especialmente italianos e alemães) começam a deslocar-se para novas áreas, inicialmente áreas de mata (como nos seus espaços de origem, já que no século XIX lhes foram destinadas as áreas de mata ainda desocupadas do Sul do país), no oeste de Santa Catarina e oeste do Paraná. Somente mais tarde é que, naquele que alguns supõem ser uma confirmação da “índole naturalmente desbravada” dos sulistas (na verdade referindo-se a um grupo bem definido: pequenos agricultores e capitalistas ligados à atividade rural, descendentes de imigrantes), passa-se a “colonizar” também áreas de campo e cerrados”.

Mostrando assim que o processo migratório para as áreas da porção central do país foi promovido por pessoas de origem sulista com claro objetivo de buscar áreas mais baratas e com potencial para a produção. Isso ocorreu principalmente em decorrência do esgotamento das terras agricultáveis da região sul do país e um consequente aumento do preço das terras e esgotamento do solo, necessitando assim de novas áreas para produção agrícola. Intensificando assim os processos migratórios dos sulistas para outras áreas do país, especialmente para a região Centro-Oeste, Nordeste e Norte, com a ajuda do Estado através de políticas de facilitação de crédito, doação de vastas terras e políticas incentivadoras da modernização agrícola do país.

O Estado agiu através da EMBRAPA e da SUDENE visando à impulsão dos processos de ocupação de novas áreas, na qual empreenderam inúmeros investimentos em tecnologia e descobertas de novas tendências modernas, como a seleção de sementes em razão dos solos dos cerrados. (HAESBAERT, 1998)

Com isso, Haesbaert (1998, p.55-56) defende que para a análise desse processo migratório estabelecido nessa grande área do país, há a necessidade de consideração da preposição “rede regional” que segundo o autor é *“imbricada de complexa, em diferentes níveis, a várias outras redes, é um dos componentes fundamentais dos processos de construção e reconstrução de territórios (ou de dê-re-territorialização) no espaço brasileiro contemporâneo”*.

Ou seja, os processos migratórios estabelecem novas realidades nessas novas áreas alvo de migrações sulistas, necessitando de conceitos mais abrangentes e análises mais criteriosas das consequências e dinâmicas presentes nos processos de consolidação das migrações. No entanto, Haesbaert destaca uma importante ideia sobre a rede regional “gaúcha”, pois segundo o autor

“apesar da manutenção de vários traços identitários comuns, ela adquire feições diferentes de acordo com a área de destino (por exemplo, os gaúchos” que estão no Nordeste não reproduzem sua identidade da mesma forma que aqueles que estão no Triângulo Mineiro, na Amazônia mato-grossense ou em Roraima).” (HAESBAERT, 1998, p. 66)

A rede regional estabelece intensa ligação das novas áreas às origens dos sulistas, pois há nas novas áreas de agricultura moderna uma demanda alta de mão de obra especializada provinda do sul do país e também aos laços estabelecidos com empresas e cooperativas dessas



regiões com sede no sul do país (HAESBAERT, 1998). No entanto as redes também excluem certos territórios em detrimento dos interesses e objetivos estabelecidos.

As redes regionais de ligação entre as diferentes regiões estabelecem processos particulares que proporcionam novas significações aos novos territórios e regiões. Haesbaert enfatiza o caráter transformador e inovador que as redes acabam proporcionando, em especial a rede regional “gaúcha”, pois segundo o autor

“Quando a intensidade dos contatos a distancia provoca a manutenção ou mesmo o fortalecimento de algum tipo de elo “regional”, seja por mobilidade física e/ou por contatos virtuais, temos a construção de um outro tipo de espaço regional. Nesse caso, como para is migrantes sulistas (percebidos sempre como “gaúchos”) no interior do Brasil, trata-se não mais de uma “região” em sentido estrito- pela não consolidação de um espaço regional em sentido tradicional-, mas de uma “rede urbana” em que, ainda que a materialidade da região como tal esteja evidenciada, a maioria dos traços de uma “regionalidade” encontra-se reproduzidos.” (HAESBAERT, 2010, p.22)

Os migrantes sulistas carregam características e identidades dos povos europeus dos quais, na sua grande maioria, são descendentes, carregando tendências e características semelhantes de desbravadores e impulsores do “descobrimento” de novas áreas, na qual imprimem suas características, ideias e intenções (HAESBAERT, 1998).

As heranças culturais revelam certas características marcantes na determinação das identidades sulistas. Sendo que alguns deles se consideram distintos do restante dos brasileiros, com características do tradicionalismo, na qual a grande maioria é pertencente às classes com rendas mais elevadas (classe média e alta).

Em concordância com as ideias de Haesbaert (1988), Alves defende que os sulistas carregam algumas características próprias como:

“a ideologia da posituação do trabalho, advinda da cultura europeia trazida pelos imigrantes; o pioneirismo na ocupação dos cerrados para o desenvolvimento da agricultura moderna; os hábitos alimentares originários principalmente do Rio Grande do Sul, como o chimarrão e churrasco; as instalações dos Centros de Tradições Gaúchas (CGTs) nas áreas onde fixa o grupo”. (ALVES, 2005, p.44)

Entende-se então que o Estado brasileiro buscou identificar e escolher um grupo ligado à produção rural e também com certas características presentes, como o otimismo, a perseverança e coragem. Assim como Alves (2005, p.50) destacou que *“o agricultor escolhido seria o colono sulista, pois ele melhor personificaria o perfil procurado.”* Através

disso, o Estado objetivou difundir o ideal da migração para outras áreas do país, incentivando o grupo de agricultores sulistas, muito ligados à imagem de um produtor que aceite inovações no campo visando à expansão da fronteira agrícola.

Através desse incentivo, o Estado obteve êxito nos seus objetivos, pois grande número de migrantes gaúchos se direcionou para o interior do país, especialmente em áreas antigamente isoladas e esquecidas no Brasil Central. Estabelecendo assim novas possibilidades e dinâmicas nos novos territórios. Destaca-se ainda que muitos dos sulistas migrantes enfrentaram duras realidades na chegada às novas terras, além disso, certas famílias mostravam-se desconfiadas e incertas quanto ao futuro e sucesso nas novas moradias e localidades.

Além disso, muitos dos migrantes sulistas enfrentaram verdadeiras excursões pelo Brasil até chegar aos destinos finais. Destaca-se ainda que muitos deles vendiam suas pequenas propriedades no sul do país e adquiriram extensas terras nas áreas dos cerrado, devido ao pequeno preço do hectare das terras. Porém, é interessante resaltar que em vários locais houve grilagem de terras e conseqüentemente acentuação da concentração de terras e de segregação socioespacial.

Em Barreiras- BA e Balsas no Maranhão e os processos migratórios de sulistas são responsáveis pelo surgimento de novos bairros urbanos “gaúchos”. Além disso, na atualidade há grande ligação dessas novas áreas às origens dos sulistas e isso pode ser verificado no quantitativo de linhas de ônibus que transportam e ligam passageiros de Santa Maria- RS à Barreiras- BA (HAESBAERT, 1998).

Nota-se então a importância das redes de ligações, na qual há tanto redes físicas (estradas, rodovias e linhas aéreas) e também redes imateriais que ligam certos territórios, pois *“territórios são marcados sobretudo pela horizontalidade espacial e, especialmente fragmentados, necessitam de redes (ainda que imateriais) para sua articulação”*. (HAESBAERT 1998, p. 62).

Nesse sentido as redes possuem a função de ligar territórios fragmentados e desarticulados, como é o caso da maioria das novas áreas de ocupação do Brasil Central. Nesse mesmo contexto das redes como forma de integração e articulação, pode existir a atuação de múltiplos agentes capazes de influenciar e determinar novos processos e de possíveis novas regionalizações e territorialidades, nesse sentido destaca-se o papel de

instituições financeiras, multinacionais, empresas agrícolas, grandes empresários e representantes do Estado, agindo de acordo com seus interesses e prioridades.

Ou seja, as redes de articulação exercem importante papel na ligação entre as diferentes regiões, estabelecendo assim continuidades, pois quando se analisa mais criteriosamente, percebe-se que as novas áreas de agricultura moderna sob influência de sulistas são, de certa forma, uma continuidade das suas origens, pois esses agentes acabam imprimindo sua cultura e transformando o espaço. Estabelecendo assim novas particularidades e especificidades.

No entanto as redes nunca conseguem preencher de forma contínua os diferentes espaços geográficos, pois se as redes fossem capazes de preencher todo um espaço, as mesmas deixariam de se constituir como redes (HAESBAERT, 1998).

Os processos migratórios sulistas e a consequente instalação dos “gaúchos” nos diferentes estados provocam uma série de consequências políticas. Como destaque pode-se citar as claras tentativas e os incentivos às emancipações político-administrativas de novos estados como o de Araguaia, no Mato Grosso, e o do São Francisco, no estado da Bahia.

Além desses, pode-se citar também a intenção de emancipação política-administrativa do estado do Piauí e do Maranhão, na qual seriam constituídos os novos estados do Gurguéia e o Maranhão do Sul, motivados por fatores e questões econômicas, políticas e culturais.

Os migrantes sulistas tentam ao máximo novas emancipações de distritos, como exemplo tem-se Mimoso do Oeste, o atual município de Luiz Eduardo Magalhães-BA, hoje a “capital” do agronegócio do estado da Bahia, que consegue sua emancipação do município de Barreiras- BA motivado por interesses dos migrantes sulistas.

Há no Brasil, dois tipos principais e mais intensos de migração: a migração nordestina e sulista. Nas quais ambas se diferenciam nos fatores motivacionais. A migração nordestina foi motivada pela queda da produção da cultura da cana-de-açúcar na metade do século XVIII, onde os nordestinos buscaram novas áreas em busca de emprego e oportunidades, especialmente na região Sudeste do país. A migração gaúcha pautou o seu deslocamento de forma inversa da lógica da migração nordestina (do Sul para o Nordeste). (ALVES, 2005)

A migração nordestina possuiu uma ligação maior ao urbano, pois era direcionada para os principais centros urbanos, especialmente São Paulo. Já a migração sulista é mais focada no ambiente rural, pois há a busca de novas áreas no interior do país (cerrados).

Nesse sentido, pode-se considerar que a migração sulista possui um caráter mais transformador do espaço, pois os migrantes acabam empreendendo uma ampla modificação nos municípios alvo da agricultura moderna, alterando as relações entre o urbano e o rural.

A diferença fundamental no processo de migração sulista em relação à migração nordestina era de que

“esses migrantes não eram pessoas sem qualificação profissional, à procura de emprego, como costuma acontecer nesses movimentos,, e sim fazendeiros de outros estados, como Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, que se dispunham de dinheiro suficiente para colocar a agricultura local em andamento.” (ROCHA, 2012, p.241)

Observa-se também que as comunidades locais mais tradicionais, depois da chegada de sulistas agricultores, vivenciam novas realidades nos diferentes espaços, pois o ambiente rural de agricultura moderna tende a adquirir cada vez mais novas características de modernização das atividades produtivas e substituição das práticas tradicionais, como a instalação de empresas agrícolas multinacionais e também modificações no âmbito do trabalho, pois há uma tendência da agricultura moderna absorver parte da mão de obra principalmente dos jovens, porém o quantitativo de postos de trabalho gerados pela agricultura moderna é considerado reduzido face ao tamanho dos projetos.

Há também uma grande mudança na concepção de ocupação do espaço, pois grande parte dos novos proprietários sulistas visam terras com características propícias à utilização de maquinários, ou seja, há uma clara meta de ocupação e uso das terras de topografia plana onde há a possibilidade de efetivação de uma agricultura mecanizada e moderna.

Já as comunidades locais possuem tendência de ocupação próxima a cursos d'água, habitando terras não necessariamente planas. Havendo nesses espaços terras úmidas próximas a rios intermitentes e perenes, riachos, córregos, lagoas e baixões. Além disso, verificam-se atividades produtivas onde há grande utilização de práticas rudimentares e tradicionais.

Houve clara mudança no uso das terras de chapadas dos cerrados, pois havia um grande uso das terras principalmente para a pastagem para o gado que vivia solto nos

grandes chapadões com pastagens naturais e também para a caça. O novo uso está vinculado à agricultura moderna com destaque para a produção de grãos, que acabam alterando intensamente a paisagem das antigas áreas de pastagens naturais.

### **2.3 MAPITOBA: nova regionalização da agricultura moderna e principais municípios do agronegócio**

Como advento da migração sulista para outras áreas do país observa-se grande ocupação de porções territoriais dos estados do Brasil Central, que abrange todos os estados da região Centro-Oeste, além de porções territoriais dos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia.

Nota-se que a ocupação dos quatro estados, citados a cima, foi mais tardia em relação aos estados da região Centro-Oeste, no entanto, verifica-se uma grande atenção voltada para essa área conhecida atualmente como a região MAPITOBA, que é a junção das siglas dos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia (MOTA, 2012). Ou seja, nota-se um novo tipo de regionalização advinda do agronegócio no país.

A região formada pelos recortes territoriais do sul do Maranhão, do sudoeste piauiense, centro-norte de Tocantins e oeste baiano é marcada pela expansão do agronegócio e verifica-se certa continuidade nos projetos de agricultura moderna nas áreas de fronteira entre os estados.

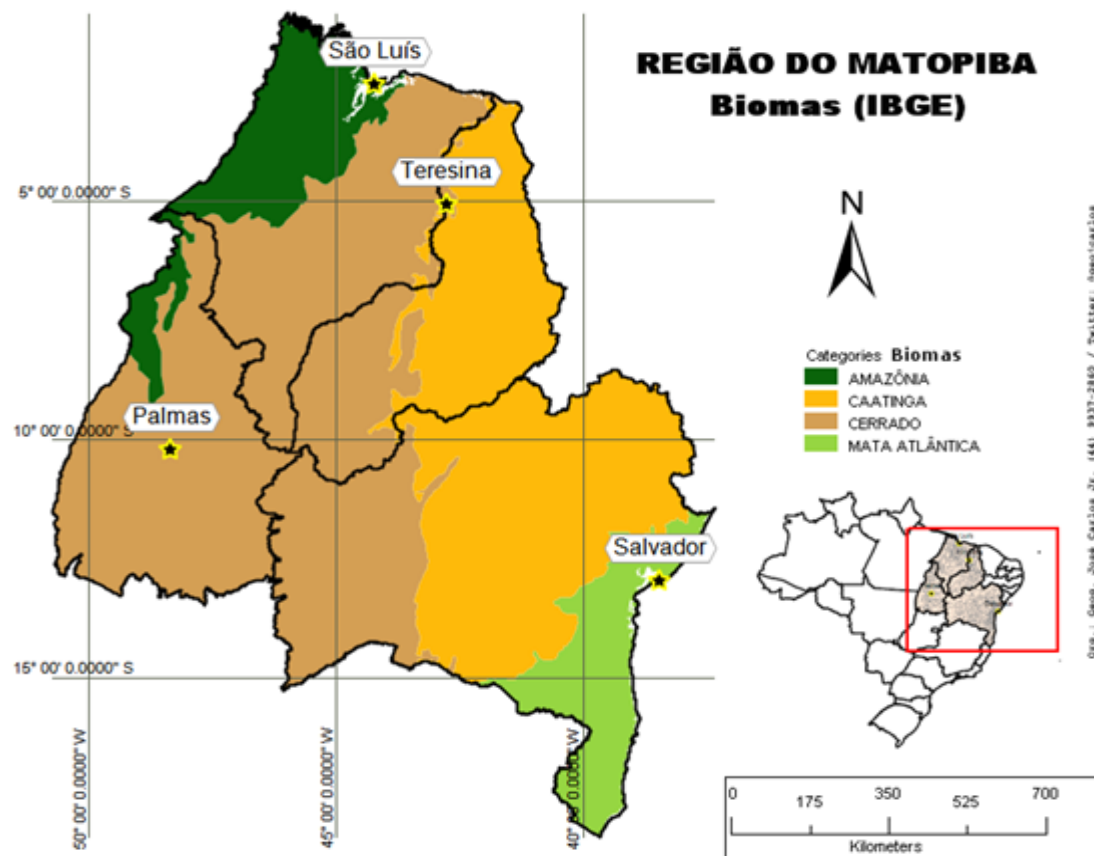
O processo de modernização da agricultura nas áreas da região do MAPITOBA apresenta as mesmas características de outras áreas onde também foi efetivada, porém surgem particularidades e especificidades (MOTA, 2012). Dessa forma, percebe-se que o processo de modernização da agricultura apresenta diferenciações de acordo com os espaços de efetivação, ou seja, as características locais possuem influência sobre o processo modernizador das atividades produtivas, muito ligado aos aspectos do processo de globalização e reprodução do sistema capitalista. Infere-se então que o processo de modernização e expansão agrícola não possui a capacidade de efetuar por completo uma homogeneização nas diferentes áreas.

Atualmente os estados da região do MAPITOBA recebem grandes investimentos e ganham cada vez mais atenção dos migrantes sulistas, principalmente do Rio Grande do Sul e Paraná, além de investidores e empresas estrangeiras em decorrência do baixo preço das

terras, se comparado com os outros estados de agricultura moderna como Mato Grosso e Goiás.

Além disso, o clima favorece o plantio de grãos na região, pois há presença de um regime chuvoso relativamente equilibrado nas áreas dos cerrados, que possuem duas estações definidas, uma seca, geralmente de março/abril a setembro e uma chuvosa, geralmente de outubro a março. Fica localizada em uma área interessante do ponto de vista geográfico como pode ser observada na figura abaixo, com ênfase nos biomas do IBGE:

**Figura 5: Região do MAPITOBA- Biomas (IBGE)**



**Fonte:** Blog Carta Geográfica, Geografia, Meio Ambiente e Sociedade (2011).

Pode-se observar pela figura que há a presença de quatro biomas (IBGE) na região dos estados integrantes do MAPITOBA, sendo o cerrado o bioma predominante, e também onde há maior foco na produção de grãos de agricultura moderna.

A região do MAPITOBA é reconhecida atualmente como a última fronteira agrícola do país e novo “Eldorado brasileiro”. Verifica-se então uma nova visão do Nordeste e Norte brasileiro, pois as áreas dos quatro estados que englobam a região Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia eram áreas condenadas à estagnação econômica e que surgem com enorme potencialidade no cenário nacional. MOTA destaca que

“Uma das características que perdurou por muito tempo no contexto da agricultura brasileira é que a que sustenta que a região Nordeste do Brasil tem uma expressão econômica insignificante, mantida quase que exclusivamente pelas atividades da pecuária extensiva e na agricultura. Mais tarde, já na década de 1970, essa região passou a configurar-se como uma nova região produtiva, graças à inserção do Cerrado como produtor de mercadorias agrícolas, principalmente aquelas ligadas diretamente à produção de grão, com destaque para a soja, que, além de ocupar áreas da região Centro-Oeste, passou, também, a ocupar as áreas do Nordeste e Norte brasileiro.” (MOTA, 2012, p. 287)

As áreas dos cerrados nordestinos merecem atenção maior devido à grande transformação e grande potencial produtivo, especialmente nas porções territoriais do sul do Maranhão, sudoeste do Piauí e oeste da Bahia. Anteriormente essas áreas não eram atrativas do ponto de vista econômico, onde a pecuária extensiva era a atividade com predominância, inclusive com a utilização de pastagens naturais das grandes áreas de chapadas dos cerrados e transição cerrado-caatinga.

A ocupação dos cerrados da região do MAPITOBA está atrelada à construção de Brasília e com a construção de rodovias, dentre as quais destaca a BR 153-Belém-Brasília, BR 020, BR 242-Brasília/Salvador e BR 020/BR 135-Picos (PI)/Barreiras (BA)/Brasília (MONTEIRO, 2005) . Dessa forma, pode-se afirmar que a ocupação da nova região do MAPITOBA está amplamente associada a questões maiores capitaneadas pelo Estado, com o objetivo de interiorizar a ocupação do território brasileiro e proporcionar novos usos da terra em novas áreas tradicionalmente esquecidas no país.

A região do MAPITOBA possui alguns municípios com destaque no cenário de produção de grãos da agricultura moderna. Os mesmos acabam exercendo influência sobre os demais municípios vizinhos, formando assim uma espécie de rede de municípios do agronegócio. A área de maior intensidade de produção da agricultura moderna pode ser observada na figura a seguir:

**Figura 6: Região do MAPITOBA e os municípios do agronegócio de cada estado**



**Fonte:** blogspot “O Extensionista” (2013)

Verifica-se então que no Maranhão o maior produtor é o município de Balsas, no Piauí o maior produtor é o município de Uruçuí, em Tocantins destaca-se o município de Araguaína e na Bahia destaca-se o município de Luiz Eduardo Magalhães.

Apreende-se a partir da figura que existe um recorte territorial englobando a rede de municípios ligados ao agronegócio, abrangendo uma área total de 414.381 km². Configurando assim uma possível nova regionalização com foco na moderna agricultura como elemento identificador, além de certas características geográficas espaciais comuns como presença do bioma cerrado, grande extensões de terras, densidade demográfica baixa, existência de pequenos municípios, além de fragilidades no âmbito social e problemáticas ambientais emergentes.

Porém é necessário entender que nesses estados existe uma série de com alta produção agrícola, que formam uma rede de grandes produtores, representada em vermelho na figura anterior, com intensos processos de transformações no ambiente rural, mas também nos ambientes urbanos e nas comunidades locais dessas áreas.



Sobre os principais municípios do agronegócio dos quatro estados e processo de ganho de centralidade urbana, Alves considera que

“Ocorre, nesse sentido, a transformação de um conjunto de cidades nos cerrados nordestinos, cujo papel passa a ser o de atender às novas demandas dos agricultores. Elas ganham centralidade diante do crescimento da agricultura produtivista. Trata-se das cidades de Barreiras e Luiz Eduardo – BA, Balsas- MA, e Uruçuí e Bom Jesus-PI: esses núcleos urbanos se expandiram velozmente nos últimos anos e tornaram-se referências como lugares de acontecimento do agronegócio.” (ALVES, 2006, p. 63-64).

Os municípios de Luiz Eduardo-BA, Balsas-MA, Uruçuí e Bom Jesus-PI exercem papel de centralidade urbana sobre os demais municípios vizinhos e constituem uma extensa área de influência dos municípios de agricultura moderna.

Alves também reforça a intensa ligação que o norte de Tocantins possui com a região dos cerrados nordestinos, destacando que

“a região dos cerrados nordestinos abrange o oeste baiano e o sul dos estados do Maranhão e do Piauí, mas pode ser estendida como área de influência ao leste de Tocantins, que vive uma situação de modernização contemporânea semelhante e possui fortes vínculos econômicos com a parte nordestina dos cerrados, principalmente por que se tornou uma importante fornecedora de grãos de soja para as plantas esmagadoras da Bunge Alimentos de Luiz Eduardo Magalhães- BA e Uruçuí- PI.” (ALVES, 2006, p. 67).

Nessa linha de pensamento, pode-se reforçar aqui o papel desempenhado pelo município de Araguaína, o maior produtor do estado do Tocantins e que exerce centralidade sobre os demais municípios do nordeste de Tocantins. Além disso, observa-se também o papel desempenhado por grandes empresas ligadas à agricultura moderna, como o exemplo da Bunge Alimentos.

É necessário destacar também que o processo de modernização agrícola é mais intenso nas áreas do este Baiano, especialmente nos municípios de Luiz Eduardo Magalhães e Barreiras, que acabam exercendo centralidade urbana em outros municípios como, por exemplo, o de Formosa do Rio Preto e São Desidério, que também se destacam na produção agrícola no estado da Bahia. Nesse sentido, Alves (2006) considera que o crescimento econômico dos quatro estados do MAPITOBA não acontece de forma homogênea, sendo mais intenso no estado da Bahia.

No estado da Bahia há grande concentração da produção da agricultura moderna em três municípios: Barreiras, Luiz Eduardo e São Desidério. Segundo Pina e Mondardo

“dentre os 23 municípios que compõem a região Oeste da Bahia, os destaques são as cidades de Barreiras, São Desidério e Luis Eduardo Magalhães responsáveis por aproximadamente 70% da produção de grãos e algodão do Oeste Baiano, uma vez que essa gritante expansão do capital, provoca uma hierarquia de relações econômicas e sociais que pouco contribui para o desenvolvimento social da região” (PINA e MONDARDO2013, p. 1550)

Percebe-se então uma visão muito crítica em relação ao processo de modernização da agricultura, porém é interessante ressaltar que além dos impactos negativos emergentes, há também aspectos positivos, pois houve grande dinamização econômica nessa porção territorial do oeste baiano, havendo inclusive maior integração dessa região ao restante do país através da implementação de rodovias em boas condições. Isso não significa que os processos negativos devam ser relevados, mas sim revisados e compreendidos de forma mais objetiva.

O intenso processo de modernização da agricultura do oeste baiano podem ser evidenciados nas margens da BR-020, onde nota-se clara homogeneização da paisagem desde a divisa de Goiás com a Bahia, que fica localizada no distrito de Rosário pertencente ao município de Correntina- BA.<sup>33</sup>

A efetivação do agronegócio nessa região da Bahia proporciona uma série de mudanças, pois acaba exigindo maior qualificação da mão de obra, disponibilizando em menor número, postos de trabalho com reduzida qualificação profissional (QUEIROZ, 2012). Além disso, a autora destaca que os pequenos agricultores locais ficam desfavorecidos e incapazes de concorrer com os grandes produtores modernos, intensificando assim aspectos ligados a concentração fundiária e disputas por terras e o êxodo rural.

Houve também o processo de mudança de centralidade urbana da cidade de Barreiras-BA para a cidade de Luiz Eduardo Magalhães, que pertencia ao primeiro, sendo conhecido anteriormente como o povoado de Mimoso do Oeste, onde funcionava um posto de combustíveis na rota do agronegócio de Barreiras, logo depois em 1997 o povoado torna-se distrito de Barreiras e se emancipa em 2000 com o atual nome de Luiz Eduardo Magalhães

---

<sup>33</sup> Este parágrafo foi construído a partir das impressões das viagens que realizo todo ano para o estado do Piauí, onde nota-se a grandiosidade dos projetos de grãos da agricultura moderna no oeste baiano. Luiz Eduardo Magalhães destaca-se cada vez mais pelas mudanças a cada ano em virtude da expansão da agricultura e consequentemente uma expansão da área urbana do município.

(QUEIROZ, 2012), que significou um aumento muito grande da migração sulista para município.

Outro fator determinante para o aumento da população da área urbana é o processo de migração sulista e a busca de novas oportunidades por parte de vários “aventureiros” que chegam à cidade do agronegócio do oeste baiano. Segundo o Censo IBGE 2010 a população do município de Luis Eduardo Magalhães era de 60.105 habitantes e no atual ano de 2013 está em 73.061 habitantes (população estimada). Sendo que a população do município no ano 2000, ano da emancipação, girava em torno de 20.000 habitantes, o que representa um grande crescimento populacional em decorrência do intenso processo de modernização agrícola e suas dinâmicas.

Luiz Eduardo Magalhães passa por intensas mudanças de centralidade e o grande avanço econômico, demográfico e urbano do município. Queiroz aborda o processo de mudança de centralidade, mudanças demográficas e o papel de empresas hegemônicas ligadas à produção da agricultura moderna, destacando que

“Assim, o crescimento populacional veio acompanhado de um importante crescimento econômico conduzido pela presença da agricultura moderna, mas também por serviços e comércios distintos e pela instalação de empresas hegemônicas associadas ao processamento de soja e, mais recentemente, de algodão. Esses fatores vêm conduzindo Luis Eduardo Magalhães a assumir o papel de centralidade urbana no oeste da Bahia, retirando a liderança regional de Barreiras, a qual, embora ainda continue exercendo uma polarização regional, já apresenta evidências de perda de poder e influência política e econômica a respeito do agronegócio da região diante do dinamismo de Luis Eduardo Magalhães.” (QUEIROZ, 2012, p. 28).

Porém não se deve relevar a atual influência que Barreiras exerce no contexto do oeste baiano, como Luiz Eduardo Magalhães ganhando cada vez mais importância e centralidade urbana devido a presença e concentração de empresas agrícolas nacionais e multinacionais, presença de sulistas e comércio e serviços diferenciados, muito focados na agricultura, consolidando assim o município como a verdadeira capital do agronegócio do estado da Bahia. A importância de Luis Eduardo Magalhães é tão grande que se houvesse a criação do estado do São Francisco<sup>34</sup> em detrimento da separação da Bahia, a cidade seria a mais forte candidata a tornar-se capital do possível novo estado.

---

<sup>34</sup> Fruto de propostas onde o novo estado compreenderia exatamente a porção territorial do oeste baiano, onde há predominância da agricultura moderna. Percebe-se grande influência dos sulistas na intenção da criação de novos estados, como já foi abordado anteriormente neste trabalho.

No Maranhão o maior produtor de grãos de agricultura moderna no estado é o município de Balsas- MA, que ganha centralidade e expressão no contexto da região do MAPITOBÁ na década de 1990, sendo que a chegada dos primeiros migrantes sulistas havia ocorrido já em 1970 (ALVES, 2005). O ganho de centralização regional surge após a chegada e instalação de empresas agrícolas e migrantes sulistas.

Em 2010 o município de Balsas- MA possuía 83.528 habitantes (IBGE, 2010), sendo que no ano 2000 a população era de 60.163, o que pode ser considerado elevado para o contexto de pouca densidade demográfica na região do MAPITOBÁ.

Mota destaca o município de Balsas no Maranhão como sendo o grande destaque das transformações recentes nas áreas de abrangência do MAPITOBÁ, enfatizando que

“O processo de transformação econômica do Estado do Maranhão, apoiado nas atividades primárias para uma economia, agora alicerçada em alguns pilares da globalização, vem promovendo profundas transformações nas suas estruturas não só econômicas, mas também políticas, sociais e territoriais. Nesse cenário destaca-se o município de Balsas” (MOTA, 2012, p. 288)

Mota e Pessoa destacam os condicionantes que foram determinantes para Balsas tornar-se um dos grandes produtores de grãos de agricultura moderna do Brasil, enfatizando que

“O surgimento desse novo território, oriundo da modernização da agricultura na cidade de Balsas e no espaço regional do Centro-Sul do Maranhão, está associado a diversos fatores, entre os quais podemos destacar a presença da agricultura moderna e de agentes sociais distintos oriundos principalmente do Centro-Sul do país que passaram, a partir da década de 1970, a dinamizar estes espaços. No conjunto destes elementos pode-se enfatizar a presença de terras baratas, em geral, com preços bem inferiores àqueles verificadas no Centro-Sul do país, mão-de-obra barata e os incentivos fiscais.” (MOTA E PESSOA, 2012, p. 8).

O município de Balsas- MA ganha grande centralidade no contexto maranhense e também piauiense devido às novas instalações de equipamentos econômicos ligados à produção agrícola (ALVES, 2005). Sendo assim, Balsas passa por grandes transformações e começa a abrigar grande contingente de pessoas de outros municípios vizinhos e também de migrantes sulistas, cada vez mais empenhados nos projetos de agricultura moderna.

A centralidade de Balsas- MA exerce forte influência no cenário sul piauiense, pois acaba empreendendo novas características às áreas de cerrados piauienses, intensificando a relação com o município de Uruçuí- PI, que na atualidade é o maior produtor de grãos de

agricultura moderna do estado do Piauí, seguido do município de Bom Jesus. Destaca-se que esses municípios serão abordados no capítulo seguinte, enfatizando a modernização da agricultura nos cerrados piauienses e as transformações no meio urbano, no meio ambiente e nas comunidades locais dessa porção territorial que faz parte da Mesorregião Sudoeste piauiense.

### **CAPÍTULO 3. O PROCESSO HISTÓRICO DE MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NA MESORREGIÃO SUDOESTE PIAUIENSE E AS IMPLICAÇÕES NO ESPAÇO MESORREGIONAL**

O estado do Piauí atualmente, com maior destaque para a Mesorregião do Sudoeste Piauiense, passa por inúmeras transformações nas bases econômicas, sociais, políticas, demográficas e até mesmo culturais em decorrência da expansão e consolidação da modernização da agricultura implantado por volta da década de 1970 e intensificada entre os anos 1990 e início do século XXI.

A inserção do Sudoeste Piauiense como nova fronteira agrícola juntamente com outros recortes dos estados do MAPITOBA, enquadra-se no objetivo da incorporação de novas áreas nos cenários da produção moderna da agricultura visando o aumento da produção do país na área de *commodities* de grãos, especialmente a soja e o milho.

Além disso, é importante destacar que o Estado foi um dos grandes responsáveis por essas novas ocupações, efetivando novas áreas na fronteira agrícola da agricultura moderna, utilizando como justificativa o argumento de que a expansão do agronegócio propicia o desenvolvimento econômico dessas novas áreas agricultáveis dos cerrados.

Os cerrados piauienses vêm passando por grandes transformações nas diversas escalas e possibilidades, integrando uma lógica nacional de inserção de novas áreas para a agricultura moderna. Houve transformação do espaço natural piauiense para um espaço construído através da ação estatal, investimentos do capital privado e pelos avanços técnicos (ARAÚJO e MORAES, 2006).

O processo de transformação do espaço natural em espaço construído no Sudoeste Piauiense envolveu relações de poder, processos de fortalecimento econômico, exclusão e atuação de diversos agentes, com foco nas Microrregiões Alto Médio Gurguéia Piauiense escolhida aqui como recorte territorial para evidenciar e destacar a efetivação do processo de modernização da agricultura, especialmente no município de Bom Jesus e Uruçuí-PI.

De acordo com a EMBRAPA (2002) citado por OLÍMPIO e MONTEIRO (2005) há no Piauí cerca de 11,5 milhões de hectares de Cerrado, desse total há aproximadamente 70% de áreas de domínio do bioma cerrado e 30% de áreas de transição do cerrado com a caatinga com existência também de áreas de buritizais e brejos presentes. Tudo isso leva o estado do

Piauí a ocupar a quarta posição no âmbito nacional e a primeira do Nordeste medindo-se a quantidade de extensões de terras com presença dos cerrados.

No Estado do Piauí, verificam-se grandes mudanças nas bases históricas de ocupação do território na Mesorregião do Sudoeste Piauiense, efetivando assim uma mutação e reconfiguração das bases produtivas locais, com grande destaque para a produção de grãos de agricultura moderna, em especial a soja, o milho, o arroz e algodão.

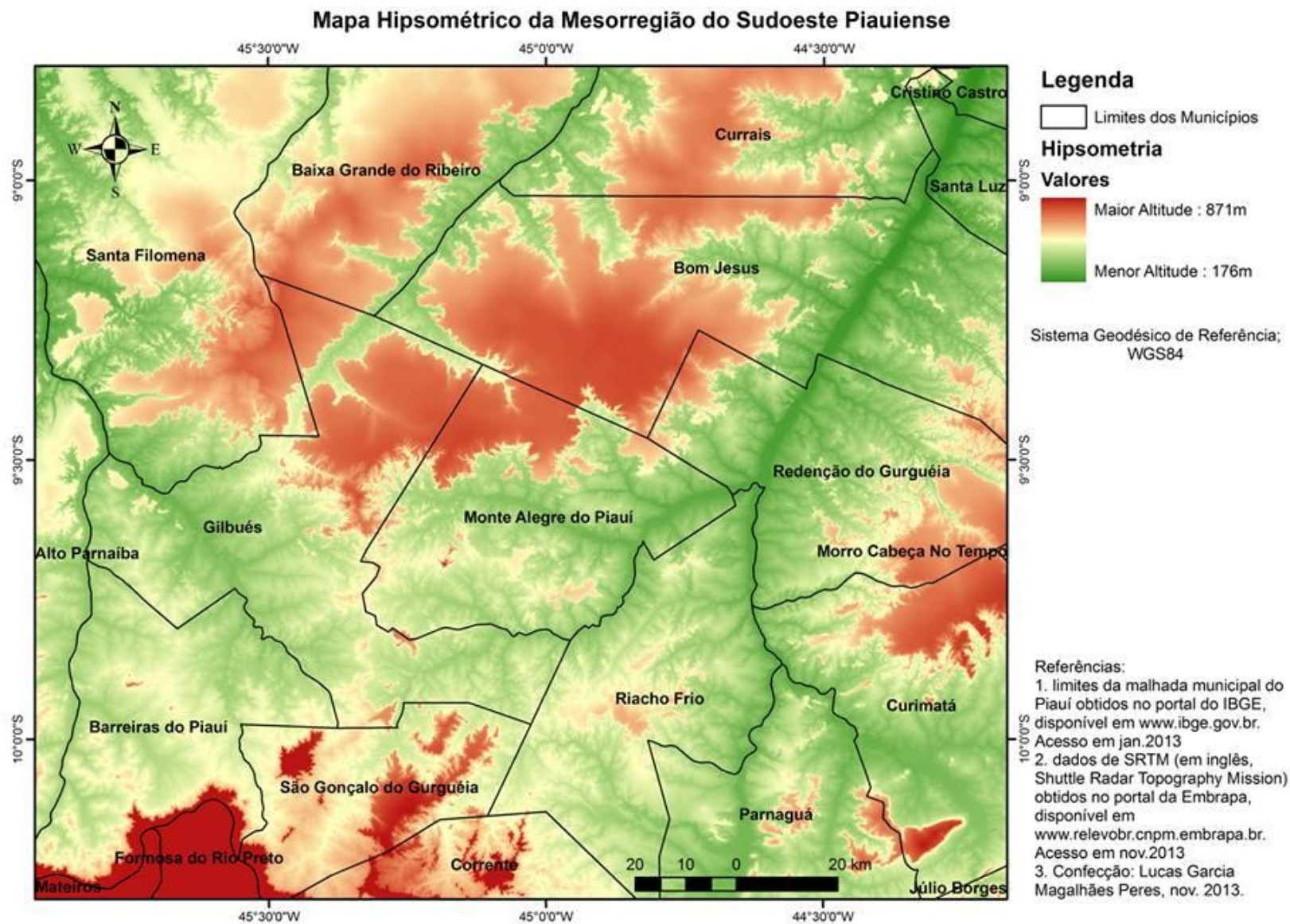
Pode-se destacar que o processo de modernização da agricultura na Mesorregião Sudoeste Piauiense está incluso na tendência nacional e internacional de modernização das atividades produtivas como consequência do processo de globalização e do capitalismo. Ambos os processos influenciam diretamente na efetivação da homogeneização entre os diferentes espaços, porém os processos homogeneizadores também esbarram nas especificidades locais, mostrando assim a lógica de pensamento atual no âmbito geográfico de que o global está presente no local e o local presente no global.

No Piauí destacam-se as especificidades no relevo, que, no entanto serão enfatizadas na figura a seguir, além das especificidades culturais da região, do quadro natural (vegetação cerrado predominante, com áreas de transição, cursos d'água, regime pluviométrico e solos, etc), além disso, as características sociais e culturais das populações exercem influência no grande processo de modernização agrícola.

No capítulo 1 deste trabalho foi realizada análise dos processos históricos de ocupação do território piauiense, com ênfase na Mesorregião Sudoeste Piauiense. Através disso, percebeu-se que a ocupação da atual mesorregião em destaque foi totalmente atrelada à pecuária extensiva, com a prevalência de práticas tradicionais e rudimentares. Em consonância com essas ideias Monteiro (2002, p. 73) caracteriza as primeiras ocupações no território piauiense enfatizando que *“o Piauí se caracteriza pela ocupação através de grandes propriedades, com ênfase na economia pecuária e extrativista seu cerrado, praticamente pelo vazio demográfico e econômico”*.

Além disso, é necessário destacar que a ocupação territorial piauiense foi focada nas regiões dos baixões, onde havia a existência de cursos d'água intermitentes e perenes. Observe o mapa da página seguinte da caracterização hipsométrica do Sudoeste Piauiense:

**Figura 7: Mapa Hipsométrico da Mesorregião do Sudoeste Piauiense**





Nota-se a partir da figura a existência de dois domínios característicos do relevo: as chamadas terras baixas e os platôs<sup>35</sup>. Sendo o primeiro (em coloração verde) caracterizado pela maior existência de corpos d'água, assim como uma maior umidade e dissecação do relevo, além disso, esse domínio é caracterizado pela maior ocupação e índices mais elevados de densidade demográfica em razão da localização das cidades próximas aos rios existentes na região. Sendo assim, esse domínio possui um número maior de habitantes com a predominância das sedes municipais.

Além disso, em decorrência da proximidade dos cursos d'água, os solos desse domínio são mais férteis e recebe maior atenção da agricultura familiar ou tradicional da região, o que explica a grande atenção das ocupações focadas com maior intensidade nessas áreas. O que acarretou em um modo de vida singular muito direcionado às áreas de solos férteis e de “terra frescas”<sup>36</sup> com presença de recurso hídrico em abundância.

Nas áreas dos baixões são desenvolvidos vários tipos de uso do solo, tais como pecuária e pequenas plantações em pequenas roças focadas para a subsistência das famílias. Nesse aspecto, nota-se clara preocupação em relação às secas, pois as moradias foram implantadas nos lugares onde houvesse disponibilidade de água para o consumo humano e animal.

O domínio de terras altas (platôs piauienses), na coloração vermelha na figura anterior, é caracterizado pela presença de maior uniformidade no relevo e o cerrado como vegetação predominante, constituindo assim áreas de chapadas com vales encaixados que dão origem aos principais cursos d'água das áreas de terras baixas. Além disso, são também caracterizadas pela quase extinta presença de cursos d'água, não havendo anteriormente divisões de terras por cercamentos e existindo limitadas regularizações fundiárias, com baixa pressão e disputas por terras, configurando o uso da terra comunitário. O uso para a ocupação humana não era tão frequente devido a pouca existência de água nessas áreas e, além disso, a

---

<sup>35</sup> Essa classificação foi baseada no trabalho de Zoneamento Ecológico Econômico da Bacia do Rio Parnaíba, elaborado pelo IBGE com participação de alguns Ministérios do Governo Federal na qual foi inspirado no trabalho do geógrafo Vicente Eudes Lemos Alves.

<sup>36</sup> Muitos moradores locais do sul do Piauí denominam como vazantes as áreas de solos férteis, de maior umidade e com presença de água em seu interior. Além dessa denominação, essas áreas também são conhecidas como riachões, boqueirões, que, no entanto, eram destinadas às práticas tradicionais como criação de gado, pequenas lavouras e também para caça e moradias.

integração dessas áreas às principais cidades do Sudoeste Piauiense também dificultava a instalação de moradias.

Observe na figura a seguir os dois domínios do relevo de uma área do município de Monte Alegre do Piauí, pertencente à Microrregião Alto Médio Gurguéia:

**Figura 8: As terras altas e os baixões**



**Fonte:** Google Earth, município de Monte Alegre do Piauí, modificado em 24 de outubro de 2013.

Essa configuração do relevo é predominante na Mesorregião Sudoeste Piauiense, caracterizando assim a existência de uma diversidade muito grande nessas áreas dos cerrados piauienses. Pois se trata de uma área de contato entre o cerrado a caatinga. Existindo também áreas de brejos, além das matas de galeria e matas ciliares próximas às áreas com presença de água.

Os cerrados piauienses ficam localizadas na Mesorregião Sudoeste Piauiense, na qual predomina o clima subúmido, com estações de chuvas e secas bem definidas, além de

apresentarem solos profundos, ácidos e álicos e distróficos, apresentando características gerais de pouca retenção das águas e predominância de planaltos de topografia plana, onde há extensos chapadões. (MMA, 2005)

As terras altas atualmente estão nos centros das atenções dos agricultores modernos e verifica-se um intenso processo de transformação em grandes extensões de projetos de grãos de agricultura mecanizada, em especial a soja e o milho. Onde há inclusive diversas sedes de fazendas com mansões modernas e luxuosas, onde residem alguns dos seus donos e gerentes/administradores das grandes propriedades.

Porém é necessário entender que isso foi resultado de um histórico projeto de ocupação dessas áreas onde houve uma mudança no uso da terra, pois essas áreas eram destinadas anteriormente para a pecuária extensiva com a utilização das pastagens naturais como fonte de alimentação para as diversas cabeças de gado que os pequenos agricultores, residentes das terras baixas, traziam principalmente na época das secas no Sudoeste Piauiense, além do uso para a caça, extrativismo, colheita de frutos, etc.

Outro ponto a ser destacado é que não havia uma ocupação de fato dessas terras altas, sendo que os pequenos produtores e donos de gado das terras baixas denominam essas áreas como Gerais ou Chapadas. O uso dessas terras era destinado principalmente para a engorda do gado em certos períodos como forma de aliviar o consumo das pastagens das suas fazendas e esperar o rebrotamento das roças destinadas ao gado. Os bovinos eram levados para as áreas dos Gerais onde existiam cursos d'água próximos, especialmente nas áreas mais rebaixadas próximas às serras do Uruçuí, onde a comunidade conhece como a área do Riachão<sup>37</sup>,

Geralmente os pequenos criadores de gado dessa época enfrentavam verdadeiras jornadas para deslocar o seu rebanho de gado para as áreas dos gerais, na qual havia inclusive a perda de algumas cabeças de gado em decorrência do cansaço e da sede em virtude das grandes distâncias e também do enfrentamento das grandes subidas das serras. O deslocamento do gado para os gerais era realizado com o auxílio de animais domesticados como o cavalo e o burro, onde muitos deles enfrentavam distâncias inacreditáveis em busca

---

<sup>37</sup> A área do Riachão é aquela destinada para o gado localizado depois da Serra do Uruçuí, onde há a existência de várias nascentes dos principais rios da região, como o Rio Gurguéia, rio Uruçuí Vermelho e o Uruçuí Preto. Em alguns locais como em povoados do município de Monte Alegre, é necessário subir as serras com o gado para deixá-los no riachão. Em alguns casos, depois da subida com o gado, era necessário descer para localizar áreas mais “frescas” com existência de cursos d'água, pois nas áreas de platôs havia pouca disponibilidade de água para o consumo animal.

de pastagens naturais do cerrado. Sendo assim, verifica-se um modo de vida totalmente associado ao campo, com características de atividades tradicionais, na qual havia uma vida ligada ao gado.

No entanto, atualmente essas áreas vêm passando por intensos processos de ocupação e expansão das áreas de agricultura moderna do estado Piauí, o que revela uma lógica de ocupação da área conhecida nesse trabalho como a região do MAPITIBA, havendo certa continuidade e simetria nos grandes projetos de soja e existência de municípios ligados ao agronegócio.

Atualmente a agricultura moderna vem impondo uma série de mudanças e novos contextos na realidade piauiense, dentre elas destaca-se a dinamização econômica, surgimento de novas centralidades urbanas, assim como o desenvolvimento de novos equipamentos e serviços rurais urbanos. Porém o processo de modernização revela-se contraditório, pois ao mesmo tempo em que proporciona a dinamização econômica da região e um eventual ganho das atenções em âmbito nacional e mundial, também impacta negativamente as cidades e principalmente o meio ambiente e as comunidades locais.

Porém é necessário destacar que se infere que o agronegócio, de maneira mais geral, não é visto de forma negativa pela população sul piauiense. Além disso, esse trabalho não possui o intuito apenas de criticar o agronegócio, mas sim de levar o conhecimento sobre a região para o debate nas diversas esferas do conhecimento, propondo assim novas possibilidades de superação dos problemas e diminuição dos impactos

Para conhecer e aprofundar nas transformações geradas pela modernização da agricultura é necessário entender primeiramente o processo histórico de ocupação pela agricultura moderna das terras dos platôs piauienses, especialmente com o advento da chegada de migrantes sulistas na região e instalação dos primeiros projetos de soja.

Alguns autores possuem trabalhos com foco na modernização agrícola no sul do Piauí, onde analisam os processos históricos de ocupação dessas áreas segundo a ótica da agricultura moderna, dentre eles destacam-se Vicente Eudes Alves Lemos e Maria do Socorro Lira Monteiro<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup>Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), mestrado em Economia Rural (UFPB) e doutorado pela Universidade de Campinas. Na atualidade é professora associada da UFPI. Foca

A ocupação dos cerrados piauienses está diretamente relacionada ao processo migratório sulista no início dos anos 1970. Porém é importante ressaltar que o processo migratório sulista para o Piauí teve maior destaque e intensidade no final da década de 1990 e início dos anos 2000 (ALVES, 2006).

A ocupação dos platôs piauienses revela um importante marco na transformação da atual Mesorregião Sudoeste Piauiense com a incorporação de novas áreas dos cerrados na moderna agricultura. Além disso, as terras piauienses incorporadas à moderna agricultura podem ser consideradas as mais recentes do ponto de vista da ocupação e revelam grande potencial de produção e de produtividade em decorrência de características únicas do solo, inclusive com a existência de solos mais férteis e diferenciados do que os demais estados da região do MAPITOBA.

Além disso, pode destacar que o processo de ocupação do oeste baiano possui estreita relação com a ocupação do sudoeste piauiense, pois os novos migrantes “gaúchos” intensificaram a ocupação do oeste baiano e mais tarde buscaram novas áreas para a efetivação da moderna agricultura e incorporação de novas terras ao circuito do agronegócio. (ALVES, 2006)

Os migrantes sulistas que se direcionaram para o Sudoeste Piauiense são originários de diferentes estados e regiões do país, onde se destaca principalmente os do Rio Grande do Sul, Paraná, dos estados da região Centro-Oeste e de alguns estados da região Norte do país, especialmente de Tocantins e do estado do Pará, assim como do oeste baiano. Além desses, destacam-se também proprietários sulistas vindos do Paraguai, revelando assim a grande escala de abrangência de expansão da rede sulista em outros territórios. (ALVES, 2006)

Os movimentos migratórios sulistas para o estado do Piauí enquadra-se na lógica de ocupação da porção territorial denominada Brasil Central, na qual houve grande incentivo do Estado e também do capital estrangeiro em decorrência da instalação de empresas agrícolas multinacionais. Os migrantes sulistas realizam associações de produtores rurais visando uma maior união dos proprietários de terras para a consolidação do agronegócio nessas áreas do sudoeste piauiense, além disso, tentam manter os seus traços característicos da cultura da região sul do país.

---

seus trabalhos nas áreas de economia agrária, recursos ambientais, cerrado e desenvolvimento sustentável, rio Parnaíba e mercado de terras. (Currículo Lattes-CNPq). O seu trabalho de doutoramento foi intitulado “Ocupação do Cerrado piauiense: estratégia empresarial e especulação imobiliária”.

Os diferentes governos piauienses “associados” a instituições privadas objetivavam a incorporação das áreas do cerrado piauiense no cenário de modernização das atividades produtivas visando estimular o crescimento econômico, a sustentabilidade e competitividade das atividades econômicas do estado piauiense (MONTEIRO, 2002).

Alves (2006) cita alguns programas e políticas criadas pelo Estado visando à consolidação e incorporação de novas áreas na agricultura moderna, dentre eles o autor destaca “o *PONORDESTE*, o *Projeto Sertanejo* e o *Programa de Irrigação do Nordeste*”. Além desses, o autor destaca também as políticas de crédito da SUDENE e do Banco do Nordeste de incentivo ao reflorestamento e de melhoramento da agropecuária.

No entanto, no estado do Piauí verifica-se um foco na disponibilização de créditos para grandes agricultores modernos através do POLONORDESTE, o que revela clara intenção de customizar o tempo dos investimentos, pois os grandes agricultores possuíam maiores condições de acelerar o processo de modernização agrícola. O que de certa forma, respondia aos anseios do Estado brasileiro, pois havia a clara intenção de aumentar a produção nacional para o mercado mundial e abastecimento do mercado interno em detrimento do grande avanço na urbanização brasileira. (ALVES, 2006)

Outra lógica presente no estado do Piauí foi a disponibilização de créditos para o setor privado através do FINOR<sup>39</sup> agropecuário (ALVES, 2006), na qual houve um foco maior na pecuária para melhoramento dos rebanhos e modernização das fazendas, mostrando assim que além de uma modernização da agricultura piauiense, há também a intenção de se modernizar a pecuária da região, configurando assim a modernização agropecuária. No entanto, atualmente tem predominado os investimentos na moderna agricultura.

Além desses programas e políticas de incentivo no Piauí, Alves destaca-se também o grande incentivo a projetos de reflorestamento no estado do Piauí, com grande destaque para o reflorestamento baseado na plantação de caju através do programa Fundo de Investimentos Setoriais (FISSET) (ALVES, 2006). No entanto, pode-se considerar essa política como segregacionista, pois houve uma maior disponibilização dos créditos para empresas de outros estados brasileiros, incentivando assim a grande migração de sulistas e empresas agrícolas para as cidades e o campo do Sudoeste Piauiense.

---

<sup>39</sup> Fundo de Investimentos do Nordeste (FINOR), na qual predominava a política de incentivos fiscais para o setor privado.

Essa política de reflorestamento não significou sucesso e grande parte das plantações de caju foi abandonada durante o transcorrer dos anos. Alves (2006) destaca que os diferentes governos piauienses, de certa forma, incentivaram a grande concentração de terras na região dos cerrados através da cessão de grandes lavas de terras a grandes agricultores da época a preços irrisórios, não gerando assim ganhos na venda das terras dos cerrados piauienses.

Pode-se considerar também que os diferentes governos existentes no estado do Piauí tentaram a todo custo consolidar a ocupação das áreas dos platôs piauienses através dos incentivos fiscais visando atração de novos investidores, além disso, os diferentes governos também tentaram passar a ideia para os agricultores modernos de que o Piauí possui grande potencial agrícola nas áreas dos cerrados. Há o interesse de repassar a imagem de um estado na qual havia a possibilidade de desenvolvimento e crescimento econômico promovido pela agricultura nas áreas dos cerrados, além disso, houve também a instalação de infraestrutura necessária visando à atração do agronegócio para o estado. (ALVES, 2006).

Atualmente destaca-se a política de disponibilização de crédito do Banco Nordeste em Políticas de Desenvolvimento Territorial (ARAÚJO e MORAIS, 2006), além disso, pode-se destacar as obras da política de desenvolvimento do governo federal, especialmente com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Deste último destacam-se as obras de construção da rodovia BR-235/PI que liga o município de Gilbués e Monte Alegre do Piauí ao município Santa Filomena- PI na fronteira com o estado do Maranhão, região de grande produção de grãos, com uma parte da rodovia ligando a região dos baixões, onde estão instaladas as sedes municipais, aos platôs/chapadas onde estão instalados os projetos de agricultura moderna.

A construção da rodovia BR-235/PI insere-se na lógica de instalação de novas infraestruturas e equipamentos na nova fronteira agrícola do MAPITOBA, pois vai ligar a porção sudoeste do Piauí ao extremo sul do Maranhão, região de grande expansão da fronteira agrícola e também de atividades de exploração de calcário e criação de gado. Isso possibilita a crescente atração de grandes agricultores e de empresas agrícolas e de serviços e comércio para a região dos cerrados piauienses e maranhenses em decorrência da melhoria das condições de transporte e integração.

Outra grande obra presente na região do Sudoeste Piauiense atualmente é a construção da Rodovia Transcerrados interligada à BR-235/PI, pois vai ligar o município de Sebastião

Leal até a nova rodovia que está em fase de obras e conclusão, além disso, a nova rodovia ligará também municípios como Currais, Colônia do Gurguéia e Bom Jesus. A Transcerrados também ligará a comunidade de Nova Santa Rosa à rodovia visando à ligação de um dos principais polos de produção do Sudoeste Piauiense no município de Uruçuí. (Reportagem G1, em 11 de dezembro de 2012).

A Transcerrados também prevê a ligação dos cerrados piauiense à Transnordestina e também ao porto de Pecém, nos estados e o de Suape no estado de Pernambuco, além disso, se ligará também ao porto de Luis Correio no litoral piauiense (Reportagem G1, em 11 de dezembro de 2012). Pode-se inferir então que a obra a construção da rodovia Transcerrados insere-se na lógica da retirada dos cerrados piauienses do isolamento físico visando o melhoramento do escoamento da produção.

Pode-se afirmar que as políticas de incentivo à ocupação do cerrado intensificaram os processos de concentração de terras, além disso, “alimentou” ainda mais os conflitos por terras na região. Pois as terras dos platôs piauienses anteriormente eram alvo do uso comunitário, não havendo disputas por terras nessas áreas devido ao interesse que se tinha dessas áreas de chapadas piauienses por parte dos pequenos produtores e pecuaristas das áreas dos baixões. A grilagem de terras foi outro ponto característico da ocupação das áreas dos Gerais, o que ainda existe nas áreas de platôs.

Atualmente as áreas dos Gerais (terras altas) abriga a agricultura moderna, o que configura uma total transformação no uso do solo, pois agora predomina um uso essencialmente capitalista, com a efetivação de mão de obra assalariada nos grandes projetos de agricultura moderna, além disso, pode-se destacar que o Sudoeste Piauiense passa a se integrar cada vez mais ao mercado nacional e também mundial. Alves destaca algumas mudanças verificadas nessas áreas de agricultura moderna no sudoeste piauiense, abordando que



Os sistemas técnicos tornam-se os principais elementos presentes e auxiliam o ritmo da produção de mercadorias agrícolas: pivôs de irrigação; máquinas agrícolas fiscalizadas via satélites; grandes galpões capazes de armazenar milhares de toneladas de grãos monitorados sob rígido controle de qualidade; escritórios controlando em tempo real o preço das *commodities* nas principais bolsas mundiais; unidades de recebimento de grãos das grandes empresas instaladas em pontos estratégicos, e próximo delas um movimento intenso de caminhões despejando ou retirando produtos para as fábricas esmagadoras ou para portos exportadores. Esse movimento torna-se esclarecedor da insurgência de novos tempos vividos nos gerais dos cerrados piauienses. (ALVES, 2006, p. 178)

A partir dessa passagem, pode-se observar a complexidade existente atualmente no contexto piauiense, pois há a existência de uma gama de agentes atuando no Sudoeste Piauiense, motivados por inúmeros fatores, dentre eles os econômicos e políticos. Isso gera novas realidades nas diversas esferas de atuação dos diferentes agentes e proporciona o aparecimento de novas configurações no território, influenciado fortemente na transformação do espaço.

As transformações nas áreas dos Gerais são intensas e atualmente há o surgimento de um novo tipo de ocupação dessas áreas promovido por migrantes sulistas que possuem projetos de agricultura moderna nessas áreas. Há emergência de formas de ocupação do solo direcionado para a moradia, como exemplo pode-se citar o advento da comunidade Nova Santa Rosa<sup>40</sup> no município de Uruçuí-PI nas áreas dos gerais.

Dessa forma as transformações em curso no Sudoeste Piauiense vêm proporcionando a existência de novos processos emergentes que afetam diretamente a rede urbana da mesorregião, além de impactar diretamente o meio ambiente em decorrência das novas tendências de ocupação do solo, além disso, acarreta uma série de mudanças no estilo de vida da comunidade locais, afetando a agricultura familiar e intensificando o êxodo rural.

---

<sup>40</sup> A comunidade surge com essa denominação em alusão município de Santa Rosa-RS, na qual onde muitos migrantes gaúchos instalados no Piauí vieram para o estado. O município sulista destaca-se também na produção de grãos, sendo área de agricultura moderna de grande destaque e inclusive é conhecido como o berço da soja no país. O município gaúcho também destaca-se pela grande presença de imigrantes europeus e descendentes, especialmente alemães.

### **3.1 Emergência de nova rede urbana regional no Sudoeste Piauiense, surgimento de novas formas urbanas, equipamentos urbanos, centralidades e contradições, com foco em Bom Jesus-PI e Uruçuí-PI**

O processo de modernização da agricultura no Sudoeste Piauiense vem proporcionado amplas transformações e reconfigurações na rede urbana mesorregional, com mais intensidade nas microrregiões Alto Médio Gurguéia e Alto Parnaíba. Sendo Bom Jesus, pertencente à primeira microrregião citada e Uruçuí pertencente à segunda microrregião. Sendo os dois municípios que ganham maior destaque no âmbito mesorregional e estadual em virtude da grande modernização das atividades produtivas e um rearranjo das cidades. Ambos são considerados os municípios do agronegócio do estado do Piauí, ganhando destaque na produção de grãos e adquirindo uma projeção nacional na atração de investimentos.

Anteriormente à instalação da moderna agricultura na Mesorregião Sudoeste Piauiense, verificava-se maior centralidade no contexto mesorregional da cidade de Floriano, que centralizava os fluxos de pessoas, de bens e serviços nessa porção territorial do estado, se articulando mais com Recife- PE e Salvador do que com a própria capital do estado Teresina em virtude principalmente das condições precárias das estradas e rodovias. (MMA, 2005).

Uruçuí e Bom Jesus já possuíam importância sub-regional antes da efetivação do crescimento vertiginoso do agronegócio dos últimos anos, porém atraía e polarizava apenas uma pequena quantidade de cidades. Uruçuí oferecia quantidades maiores de serviços e bens do que Balsas no Maranhão, porém devido à localização geográfica próxima a Floriano, acabava não atraindo tantos consumidores de outras áreas fora do município, mas apenas cidades que o mesmo polarizava. (MMA, 2005).

No entanto essa relação vai sendo modificada de acordo com as novas aberturas de novas rodovias no estado do Piauí, especialmente na década de 1970, intensificados pelo Governo Federal visando à integração do Centro-Sul do país à região Amazônica, objetivando também a incorporação de novas áreas no agronegócio. Nesse sentido a cidade de Floriano começa a se articular mais fortemente com Teresina em virtude das novas rodovias implantadas pelo Estado. Essas modificações no contexto da rede urbana do Sudoeste do Piauí foram primordiais para a inserção dos cerrados piauienses no cenário da migração sulista e introdução do agronegócio nesses municípios.

Destaca-se que o município de Floriano, atualmente é uma das cidades mais populosas do estado do Piauí, com cerca de 57.690 habitantes (IBGE, 2010), pertencente à Microrregião de Floriano, se estabelece no cenário atual como polo de educação do estado do Piauí, atraindo inúmeros estudantes de outras áreas do estado e do Maranhão, pois fica localizado exatamente na fronteira com o estado do Maranhão, próximo ao rio Parnaíba. Localiza-se relativamente próxima a Teresina, com cerca de 240 Km de distância.

A atual rede urbana do Sudoeste Piauiense se caracteriza cada vez mais como resultado do avanço da fronteira agrícola e em grande medida às ações do Estado visando à incorporação de novas áreas na moderna agricultura, seguido de novas infraestruturas como rodovias, estradas, comunicações e créditos facilitados aos grandes produtores. O que caracteriza a ótica das relações de transporte e comunicação como fatores de “anulação do espaço pelo tempo” (HARVEY, 2005). O que afeta diretamente os espaços urbanos e rurais na realidade do Sudoeste Piauiense, pois envolve a aceleração da velocidade de circulação de bens, mercadorias e pessoas no espaço e dessa forma a distância ganha papel secundário em relação à velocidade de circulação.

Além disso, pode-se destacar o caráter importante das políticas públicas, pois pode reorganizar diferentes redes urbanas em determinados territórios em decorrência do surgimento de novas centralidades e evidências no âmbito urbano, como no caso do Sudoeste Piauiense. Nesse sentido novas políticas públicas podem retirar ou colocar em evidência determinados municípios e cidades de rotas de circulação e concentração de dinâmicas ligadas à grande produção.

Dessa forma, atualmente não apenas Floriano exerce papel de centralidade no contexto mesorregional em decorrência dos ganhos de centralidades das cidades de Bom Jesus e Uruçuí na rede urbana do Sudoeste Piauiense. Além dessas, a cidade de Corrente também se destaca como centralidade urbana mesorregional, se articulando fortemente também com o oeste baiano em virtude da maior proximidade. Bom Jesus e Uruçuí estão amplamente ligados ao agronegócio, a centros difusores de informações e bens, centralizando também as áreas de saúde e educação nessa porção territorial do estado.

As três principais cidades do Sudoeste Piauiense, Uruçuí, Bom Jesus e Corrente, acabam articulando a rede urbana mesorregional à nova região do MAPITOBA, sendo que no Maranhão a cidade de Balsas exerce centralidade, em Tocantins a cidade de Araguaína e no

oeste baiano destacam-se Barreiras e Luiz Eduardo Magalhães. Estabelecendo assim uma rede urbana regional ligada à modernização das atividades ligadas à agricultura e também, no caso de Corrente e outros municípios, à pecuária moderna.

Verificam-se em certa medida alterações nas relações econômicas do Sudoeste Piauiense em virtude da modernização da agricultura nessa porção territorial do estado do Piauí. Nesse contexto de transformações socioespaciais no urbano, verifica-se maiores circulações de pessoas e de fluxos financeiros, e ainda, expansão dos mercados e de comércios ligados à produção da agricultura moderna, principalmente nos municípios onde a produção de grãos é maior. Além disso, há também o aparecimento de novas formas urbanas e novos equipamentos urbanos, como a construção de estabelecimentos de ensino de educação superior e escolas técnicas com cursos vinculados à produção da agricultura moderna, com grande destaque para as cidades de Bom Jesus e Uruçuí.

O estado do Piauí, no contexto geral, ainda assim se caracteriza pela fragmentação territorial em decorrência da localização da capital Teresina, pois a mesma localiza-se distante, principalmente, dos municípios da Mesorregião Sudoeste Piauiense. Essa última apresenta forte diferenciação do restante do estado em virtude das características ambientais e também à maior aproximação ao chamado Brasil Central. Nesse sentido verifica-se, no contexto geral, pouca articulação entre a rede urbana do Sudoeste Piauiense à capital Teresina nas áreas de serviços, de informações e fluxos de bens.

O estado do Piauí apresenta sub-regiões com características de estagnação e pobreza, sendo algumas delas marcadas pelo isolamento e desintegração ao restante do estado (MMA, 2005). Nesse sentido é necessário destacar que a integridade política do estado do Piauí e a integração entre as diferentes mesorregiões são desafios crescentes no estado a serem superados. Porém nota-se nos últimos anos certa amenização dessas problemáticas em decorrência do ganho de centralidade de algumas cidades do Sudoeste Piauiense.

Nota-se no atual momento uma modificação da hierarquia dos centros urbanos regionais do Sudoeste Piauiense, pois os municípios do agronegócio ganham cada vez mais destaque no cenário mesorregional, havendo alterações consideráveis em torno das áreas de influências das cidades, especialmente de Bom Jesus e Uruçuí. Isso surge em virtude principalmente das novas configurações no urbano e modificações em diversos setores como

nas áreas de serviços e comércio, pois surgem novas conjunturas ligadas à agricultura moderna.

A modernização da agricultura no estado do Piauí revela-se também como um processo contraditório em razão da exclusão de certas áreas em decorrência da pouca acessibilidade às redes de comunicação e a novas infraestruturas urbanas. Porém ao mesmo tempo, as áreas mais isoladas e menos povoadas do Sudoeste Piauiense estão sendo cada vez mais incorporadas no novo cenário que surge nesse recorte territorial do estado do Piauí.

Verifica-se a existência do crescimento das cidades sem o planejamento adequado, caracterizando assim um crescimento desordenado. Porém notam-se o surgimento de escolas, de universidades, hospitais, estradas e rodovias no contexto do Sudoeste Piauiense visando à integração dessas áreas às demais áreas produtoras como forma de escoamento da produção e também, associadas à educação, no qual objetiva-se associar com a qualificação da mão de obra.

Nessa relação nota-se que as grandes empresas do agronegócio se beneficiam em virtude das novas infraestruturas e novos equipamentos urbanos oferecidos e implementados pelo Estado. Os cursos oferecidos nas universidades dos municípios do agronegócio possuem estreita ligação com as atividades produtivas, tais como Agronomia, Engenharia Florestal, Zootecnia, Medicina Veterinária e cursos técnicos na área de agricultura.

No entanto, as diferentes cidades das duas microrregiões em evidência ainda apresentam amplos problemas relacionados principalmente à infraestrutura, além de características de forte presença de informalidade e uma intensa ligação do comércio e das atividades urbanas às prefeituras municipais, caracterizando assim a existência de forte dependência dos recursos do funcionalismo público municipal. Além de tudo apresentam forte dependência do Fundo de Participação Municipal (FPM), assim como aos recursos financeiros das aposentadorias existentes.

Nesse aspecto pode-se enfatizar que os alguns municípios vem crescendo sua área urbana em decorrência da expansão da agricultura moderna e mudanças no campo. Uruçuí, Bom Jesus e Corrente são os municípios que se destacam no cenário da Mesorregião Sudoeste Piauiense em decorrência de inúmeros fatores como o crescimento cada vez maior de migrantes “gaúchos”, empresas agrícolas, comércio diferenciado, além de novos arranjos no urbano na área de serviços.

Destaca-se, entretanto que o município de Corrente, pertencente à Microrregião Chapadas do Extremo Sul Piauiense, se destaca com maior intensidade na incorporação de atividades pecuárias modernas, sendo um dos municípios com grande quantidade de rebanhos de bovinos no estado do Piauí. Além disso, a cidade de Corrente pode ser considerada como um polo de educação do Sudoeste Piauiense, abrigando campus da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e também campus da Universidade Federal do Piauí (UFPI), além do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). Sendo assim, a cidade abriga grande quantidade de universitários e estudantes de outros municípios do Sudoeste Piauiense, de outras mesorregiões do Piauí e até mesmo de outros estados do Brasil.

Pode-se inferir então que esses municípios possuem uma ligação muito grande atualmente às atividades agropecuárias modernas e isso é verificado tanto no campo como nas cidades. Nesse sentido, Bom Jesus e Uruçuí destacam-se como os maiores produtores de grãos da Mesorregião Sudoeste Piauiense, impactando diretamente nas relações entre a rede de cidades do contexto, pois essas duas cidades passam por inúmeras transformações no urbano, gerando assim centralização no Sudoeste Piauiense.

Essas modificações no âmbito das cidades podem ser verificadas quando se identifica o grande aparecimento de novos tipos de comércio ligados à agricultura, aos sulistas e também ao grande capital, pois começam a surgir comércio de insumos e máquinas agrícolas, surgem mais agropecuárias, lojas de eletrodomésticos, restaurantes, empresas imobiliárias, além da tendência do surgimento de concessionárias e revendedoras de motocicletas e carros, especialmente caminhonetes (MMA, 2005). Além disso, surgem também churrascarias, supermercados, padarias, pousadas e hotéis, todos tendo uma ligação com o crescimento do número de migrantes “gaúchos” nas novas áreas produtoras do Piauí.

Essas transformações influenciam diretamente na atração de novos migrantes para os municípios que ganham destaque com o desenvolvimento do agronegócio. Nesse sentido a atração de novos migrantes surge em decorrência da busca de trabalho ou até mesmo como forma de investimento em detrimento das oportunidades no comércio e serviços ligados ao agronegócio emergentes, o que acarreta uma dificuldade na questão do planejamento da urbanização nessas áreas (ALVES, 2006).

No entanto, grande parcela da população do Sudoeste Piauiense não vai ter contanto com as novas modificações do novo cenário emergente em virtude das baixas condições de

renda disponíveis para esses novos tipos de comércio, revelando assim as grandes fragilidades presentes nos municípios localizados nos baixões piauienses em contraposição aos grandes agricultores e migrantes sulistas nas áreas dos platôs piauienses e nas cidades.

Em relação ao município de Uruçuí- PI, com 20.152 habitantes (IBGE, 2010) a cerca de 450 km de distância da capital Teresina, verifica-se amplas transformações no espaço urbano em decorrência do crescimento vertiginoso do município muito influenciado pela modernização das atividades produtivas, à migração de sulistas para a cidade e o campo e instalação de grandes empresas ligadas ao agronegócio. Destaca-se também que a cidade sofreu grande influência do crescimento da cidade de Balsas- MA, que atualmente se destaca no cenário da nova região do MAPITOBA como a centralidade urbana do sul do Maranhão, além de ser o maior produtor do estado.

O município de Uruçuí, nome derivado do rio que atravessa o município, atualmente se destaca no contexto piauiense muito apoiado também pelas transformações no meio rural em decorrência da instalação de algumas empresas multinacionais, como por exemplo, pode-se citar a Bunge Alimentos em 2002, que foca seu trabalho no esmagamento de grãos. Dessa forma o município cada vez mais recebe investimentos e conseqüentemente tem adquirido centralidade na rede urbana mesorregional, diferenciando o seu comércio e serviços nas áreas das cidades. Verificando-se inclusive o aparecimento de inúmeros bairros no âmbito urbano e rural no município, onde os migrantes “gaúchos” e seus familiares concentram os locais de moradias, alterando completamente a realidade da cidade e do município no geral.

No município de Uruçuí, antes da moderna agricultura, predominava a produção de cana-de-açúcar visando o abastecimento da cidade de Floriano, além da predominância de atividades ligadas à pecuária extensiva, especialmente com a criação de gado e caprinos soltos (ALVES, 2006). Além disso, o município já se destacava no cenário econômico devido ao surgimento da navegação fluvial, pois fica próximo aos rios Parnaíba e Balsas, já se articulando com o Sudoeste Piauiense, com o sul do Maranhão e também ao norte de Tocantins, que antes pertencia ao estado de Goiás. (MONTEIRO, 2002)

O município de Uruçuí passa por inúmeras transformações em decorrência da migração gaúcha iniciada em 1970 e com mais intensidade no fim da década de 1990, se constituindo atualmente como o maior produtor de grãos do estado do Piauí.

A Bunge Alimentos, empresa multinacional, focada na produção de alimentos e na área de bioenergia, sendo considerada uma das maiores exportadoras do país e com maior intensidade no agronegócio (soja, milho e trigo). No Piauí acaba articulando com as outras plantas existentes em Balsas- MA e em Luiz Eduardo Magalhães no oeste baiano, além disso, a empresa possui uma série de municípios com unidades da empresa presentes.

A atração de novas empresas impacta diretamente na reconfiguração das áreas urbanas da rede urbana do Sudoeste Piauiense e revela uma lógica da região do MAPITOBA, na qual há grande número de empresas multinacionais do agronegócio se instalando nessas áreas em virtude do grande crescimento da produção da agricultura e pecuária moderna na nova fronteira agrícola.

A instalação da Bunge Alimentos no Sudoeste Piauiense foi muito influenciada pela política de disponibilização de créditos, de incentivos fiscais e de implantação de infraestrutura necessária dos governos estaduais e municipais do estado do Piauí. A multinacional começou a atuar fortemente, a partir de 2002, no esmagamento da soja produzida principalmente nos municípios de Uruçuí e Bom Jesus (ALVES, 2012). No entanto a empresa não emprega grande número de trabalhadores devido ao potencial tecnológico e grande emprego de máquinas agrícolas no processo de produção.

Dessa maneira os municípios do Uruçuí e Bom Jesus passam a convier com novas realidades como grande fluxo de caminhões, comércio focado na agricultura e um fluxo maior de máquinas e insumos agrícolas. Nesse sentido, o mercado imobiliário cresce fortemente nos municípios, principalmente nas cidades, potencializando assim a expansão das mesmas. Além disso, Uruçuí e Bom Jesus ganham crescentes destaques no aumento da arrecadação de impostos e na atração de novos agentes.

Em reportagem do Globo rural exibida em 29 de maio de 2011 um empresário dono de posto de gasolina no município de Uruçuí comenta sobre a migração de empresas de fora para o município e perdas de oportunidades da população e de empresários piauienses, destacando o seguinte: *“Eu acho que a gente tá perdendo muita oportunidade. Hoje a gente tem construtoras que vem de fora e prestadores de serviços que vem de fora, hotelaria que vem de fora e realmente gente do Piauí e empresário do Piauí a gente acredita que tem um espaço muito grande perdendo oportunidade”*.



Bom Jesus, pertencente à Microrregião Alto Médio Gurguéia e com 22.629 habitantes (IBGE, 2010), passa atualmente por rápidas e emergentes transformações em decorrência do desenvolvimento econômico promovido pelo agronegócio e consequentemente o aumento populacional em decorrência da atração que a cidade propicia para a população nas áreas de educação (escolas, universidades, faculdades), na saúde (hospitais), além da busca de oportunidades de trabalho no comércio local das cidades potencializado pela agricultura moderna municipal.

Percebe-se na cidade de Bom Jesus uma ligação muito das atividades ao campo, que se encontra em eminente processo de mecanização agrícola e incorporação de grandes projetos de soja, milho, arroz e algodão. Acompanhado disso, a cidade de Bom Jesus e de Uruçuí cada vez mais passam a integrar o processo produtivo global da moderna agricultura, estabelecendo assim relações econômicas e financeiras diferenciadas. A cidade de Bom Jesus passa por um momento de total reconstrução da sua paisagem urbana, além disso, verifica-se um grande crescimento no número de loteamentos e novas construções. Reis e Cunha (2009) consideram que

O município de Bom Jesus passa a se adaptar ao ritmo dos novos moradores e das novas exigências produzidas para atender as necessidades do capital. O novo comportamento do município subordina-se a essas novas exigências, organizando seu espaço, sua vida econômica e social ao ritmo e às vontades da produção agrícola moderna. (REIS e CUNHA, 2009, p.1)

Nesse sentido a cidade de Bom Jesus passa por grande processo de urbanização e isso pode ser verificado quando se observa que a população urbana de Bom Jesus possui um total de 17.632 (IBGE, 2010), representando assim cerca de 78% da população total do município, o que de certa forma evidencia o caráter urbano do município, porém essa concentração está ligada à produção da moderna agricultura.

O crescimento populacional na cidade é motivado pelo aumento do fluxo migratório, em razão da expansão da fronteira moderna agrícola, nesse sentido a cidade vem sofrendo grandes mutações e se destaca atualmente como o principal centro comercial da microrregião Alto Médio Gurguéia e também um dos mais importantes do Sudoeste Piauiense. A produção agrícola de Bom Jesus e Uruçuí podem ser observada na tabela a seguir:

**Tabela 4: Produção Agrícola de Milho e Soja de Bom Jesus e Uruçuí em 2007**

Município	Bom Jesus		Uruçuí	
Grão	Soja	Milho	Soja	Milho
Área Plantada (Hectares)	24.994	2.830	66.657	1986
Quantidade Produzida (Toneladas)	60.512	5.517	125.483	6832
Rendimento Médio (Quilograma por hectare)	2.421	3395	1911	3578

**Fonte:** Dados IBGE Produção Agrícola em 2007- Elaborada pelo autor.

Observa-se que o rendimento médio da produção de soja e milho em Bom Jesus possui um rendimento em quilograma por hectare maior do que o de Bom Jesus, o que pode contribuir para a atração de mais agentes vinculados à produção moderna da agricultura, revelando a tendência de ganho de centralidade de Bom Jesus no contexto mesorregional.

Atualmente o município é segundo maior produtor de grãos de agricultura moderna do estado do Piauí, com crescimento potencial muito grande devido à grande vocação para a produção agrícola em decorrência da sua localização no Vale do Gurguéia, que será destacado no tópico seguinte, gerando assim uma riqueza única em águas subterrâneas, porém essa potencialidade ainda é mal explorada pelos diferentes agentes ligados à gestão pública e pela falta de incentivo, sendo assim os recursos hídricos são desperdiçados nas áreas dos baixões do Sudoeste Piauiense.

No entanto o crescimento da produção de grãos em Bom Jesus vem crescendo de forma impressionante nos últimos anos e revela uma tendência de centralização maior do município na produção de grãos, podendo inclusive no futuro superar a produção agrícola

municipal de Uruçuí. Nesse sentido Bom Jesus vem se consolidando cada vez mais como um centro financeiro e comercial do Sudoeste Piauiense<sup>41</sup>.

Recentemente a modernização da agricultura no Sudoeste Piauiense vem recebendo grande destaque de reportagens de diferentes emissoras de televisão. Em uma delas, o Programa Globo Rural, com a reportagem intitulada *“Todo o potencial dos cerrados piauienses para a agricultura, exibida em 29 de Maio de 2011”* destaca algumas modificações na rede urbana mesorregional em virtude da modernização da agricultura. Dentre essas considerações pode-se citar o destaque para Bom Jesus como o principal centro comercial do sul do Piauí, localizado nas áreas dos baixões próxima a serra do Uruçuí, onde se concentra a produção moderna da agricultura.

A reportagem destaca primeiramente o grande potencial do Vale do Gurguéia<sup>42</sup>, a maior reserva de águas subterrâneas da região Nordeste do país, ocupando uma área equivalente a 19% do território piauiense (EMBRAPA MEIO NORTE, 2006). Onde existe água em abundância, no entanto, essa grande disponibilidade de águas subterrâneas não vem sendo aproveitada da melhor forma possível e uma grande quantidade de água é desperdiçada nessas áreas de influência do Vale do Gurguéia, na qual existem municípios e cidades que possuem problemas de abastecimento de água originados pela seca. O que revela uma grande especificidade da realidade dos municípios e cidades do Sudoeste Piauiense.

Essa problemática representa um fato muito curioso, pois alguns municípios que possuem problemas no abastecimento de água ficam próximos aos chamados poços jorrantes da região. Grande parte dos mesmos possui enorme capacidade de abastecimento, tendo inclusive potencial de abastecer uma cidade de aproximadamente 130.000 habitantes, segundo reportagem do Globo Repórter, exibida em 24 de Maio de 2013. A capacidade é tão grande que os poços jorrantes não necessitam de bombeamento para retirada da água e acabam

---

<sup>41</sup> Muitos consideram que se houvesse a criação do estado do Gurguéia, Bom Jesus tem grande possibilidade de ser uma eventual capital do novo estado.

<sup>42</sup> Ao todo o Vale do Gurguéia abrange um total de 28 municípios: Cristalândia do Piauí, Corrente, Sebastião Barros, Parnaguá, Júlio Borges, Avelino Lopes, Gilbués, Curimatá, São Gonçalo do Gurguéia, Riacho Frio, Redenção do Gurguéia, Morro Cabeça no Tempo, Bom Jesus, Santa Luz, Guaribas, Currais, Cristino Castro, Palmeira do Piauí, Alvorada do Gurguéia, Manoel Emídio, Colônia do Gurguéia, Bertolândia, Eliseu Martins, Canavieira, Sebastião Leal, Jerumenha, Canto do Buriti e Monte Alegre do Piauí.

aflorando naturalmente à superfície da terra com uma velocidade muito grande, sendo que alguns poços chegam a jorrar de 20 a 30 metros de altura.

Além do problema do desperdício, há também presença de usos inadequados dos recursos hídricos da região. A água de alguns poços jorrantes é utilizada em restaurantes, no comércio local e em hotéis e pousadas de alguns municípios, em especial o município de Cristino Castro, muito conhecido pela existência de inúmeros poços jorrantes e com enorme potencial turístico devido a grande presença de hotéis, pousadas, restaurantes e atrativos naturais. No entanto muito dos poços não tem aplicabilidade e funcionalidade e funcionam apenas como atrativo do ponto vista turístico.

A reportagem do Globo rural também destaca o potencial do Poço Violeta, o maior poço jorrante do Sudoeste Piauiense, possuindo 1000 metros de profundidade e vazão de 8000 mil litros de água por hora, sendo capaz de abastecer sozinho uma cidade de 260 mil habitantes. No entanto, essa riqueza grandiosa não é aproveitada da forma como deveria. Na reportagem do Globo Rural, um pequeno agricultor entrevistado destaca o seguinte sobre os poços jorrantes: *“Isso aqui era para estar cheio de plantios, de frutas, mas infelizmente está assim”*. Observe a foto do poço Violeta, no município de Cristino Castro-PI:

**Foto 9: Poço jorrante Violeta- Cristino Castro (PI)**



**Fonte: Valdimiro Rodrigues de Carvalho (2013)**

Outro ponto interessante é que a maioria das cidades do Sudoeste Piauiense, com destaque para Bom Jesus, é abastecida por produtos originados do Vale do São Francisco na Bahia. Essa grande contradição também é destacada por uma moradora local entrevistada pela reportagem do Globo Rural: *“Eu não sei por que. Porque chuva não faltou, água aqui em Bom Jesus não falta, nós estamos consumindo produtos que vem da Bahia, o quanto nós podíamos produzir aqui em Bom Jesus. Água nós temos o suficiente e mão de obra também. Tem gente aí sem fazer nada na rua, só jogando sinuca e não quer produzir para ficar mais barato. Isso é falta de estímulo! O gestor tinha que ter uma política voltada para estimular as pessoas a trabalhar”*.

Nota-se grande contradição presente na realidade do Sudoeste Piauiense, onde há um grande potencial para produção familiar nas áreas dos baixões em virtude da abundância de recursos hídricos, no entanto verifica-se uma grande falta de capacidade das gestões públicas e de programas de incentivo à pequena produção como forma de estímulo ao pequeno produtor, para dessa forma baratear alguns produtos consumidos nas cidades do Sudoeste Piauiense.

Focando especificamente na rede de cidades do Sudoeste Piauiense, verifica-se a existência de inúmeros problemas relacionados à falta de infraestrutura, onde a falta de saneamento ambiental adequado é uma grande deficiência, na qual não há presente abastecimento de água tratada e coleta de esgoto. Além disso, as cidades do Sudoeste Piauiense caracterizam-se pela quase ausência de serviços de saúde, com uma quantidade muito reduzida de médicos, hospitais e postos de saúde no contexto mesorregional.

Sendo assim a maioria das cidades do Sudoeste Piauiense apresentam graves problemas relacionados à proliferação de doenças relacionadas à falta de saneamento básico, como a dengue e a malária. Além disso, os municípios apresentam uma rede de telefonia fixa e móvel desconectada e fragmentada no contexto mesorregional, onde há também ausência de transporte público ligando as diferentes cidades.

Outra fragilidade está no sistema bancário, que se caracteriza pela ausência em algumas cidades, até mesmo de instituições como Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e lotéricas da Caixa (MMA, 2005). Sendo assim se observa que a rede urbana do Sudoeste Piauiense ainda carece de uma série de melhorias principalmente ligadas à infraestrutura e

integração da rede urbana mesorregional, tanto fisicamente como imaterialmente através de redes de comunicação.

Em decorrência do grande aumento do tráfego de caminhões e outros veículos pesados para o transporte da produção, de maquinários e insumos vinculados à moderna agricultura, as estradas e rodovias do Sudoeste Piauiense vem passando por rápidos processos de deteriorações, devido também às fracas redes de escoamento de águas pluviais. O que acaba provocando o surgimento de processos erosivos nas encostas das rodovias e estradas, além do surgimento de buracos que acarretam na maior dificuldade no transporte e circulação, gerando também alta no preço de fretes e prejuízos aos grandes produtores (MMA, 2005).

Além disso, a grande quantidade de carretas trafegando nas rodovias piauienses aumenta a ocorrência de acidentes, prejudicando também os moradores locais das cidades do Sudoeste Piauiense que precisam se deslocar com automóveis particulares para outras cidades próximas. Esses problemas tornam-se mais evidentes no período de férias escolares no fim do ano, onde o Piauí recebe grande número de viajantes de outros estados do país, especialmente de Brasília, Goiás, São Paulo e Minas Gerais.

### **3.2 Impactos da modernização agrícola no meio ambiente e nas comunidades e a presença Núcleo de Desertificação de Gilbués: dicotomias e processos contraditórios emergentes no Sudoeste Piauiense**

A modernização da agricultura caracteriza-se como um processo contraditório, pois ao mesmo que dinamiza a economia local e influencia diretamente no surgimento de novas realidades no campo e nas cidades, também impacta de maneira negativa o meio ambiente e exclui uma grande parcela da população local dos processos produtivos modernos.

No Sudoeste Piauiense, região de produção moderna nas áreas dos platôs piauienses verifica-se um contraste muito grande, pois com o passar dos anos a produção da agricultura moderna cresce de maneira rápida e impressionante, porém se observa grande presença, nas áreas dos baixões, de uma grande parcela da população se alimentando muito mal, muitas delas dependentes da renda obtida em programas sociais como a Bolsa Família, do Governo Federal.

A crescente implantação de projetos de agricultura moderna na Mesorregião do Sudoeste Piauiense origina inúmeros problemas ambientais em decorrência da remoção da

vegetação dos cerrados para a efetivação dos projetos de agricultura moderna de soja, milho, algodão e arroz. Os impactos no meio ambiente no Sudoeste Piauiense revelam grandes problemáticas consequentes onde se observa uma crescente diminuição da biodiversidade dos biomas.

Nas áreas dos platôs piauienses, com presença da vegetação dos cerrados, nota-se que o desmatamento vem causando inúmeras consequências negativas no contexto mesorregional e isso é verificado quando se observa o desmatamento das bordas das chapadas. Essas últimas são locais de extrema importância no contexto ambiental, pois é exatamente nesses locais que se observa uma grande presença de nascentes que originam os principais cursos d'água das regiões dos baixões. Em relação às alterações verificadas no contexto do Sudoeste Piauiense, Alves destaca que

Na nova organização da área dos gerais, a paisagem anterior desaparece rapidamente, no lugar onde havia vegetação original com grande variedade de espécies da flora e da fauna, instalam-se elementos da agricultura moderna. Os sistemas técnicos tornam-se os principais elementos presentes e auxiliam o ritmo da produção de mercadorias fiscalizadas por satélites; grandes galpões capazes de armazenar milhares de toneladas de grãos monitorados sob rígido controle de qualidade; escritórios controlando em tempo real o preço das commodities nas principais bolsas mundiais; unidades de recebimento de grãos das grandes empresas instaladas em pontos estratégicos, e próximo delas um movimento intenso de caminhões despejando ou retirando produtos para as fábricas esmagadoras ou para os pontos exportadores. (ALVES, 2006, p.178)

Observa-se que houve total reconfiguração do uso do solo com o advento da agricultura moderna, sendo assim as áreas anteriormente destinadas ao uso comunitário são convertidas em áreas produtoras da agricultura moderna ligadas à dinâmica global do mercado financeiro e da dinâmica da produção da agricultura moderna brasileira e internacional, com forte presença da degradação ambiental. Nesse sentido as áreas de cerrados piauienses cedem lugar para os grandes projetos e máquinas agrícolas, como pode ser observado na figura a seguir:

**Figura 10: Máquinas agrícolas no município de Monte Alegre-PI**



**Fonte:** [https://www.facebook.com/suse.ar/photos\\_all](https://www.facebook.com/suse.ar/photos_all). Modificada em 02 de dez. 2013

O problema do desmatamento ilegal e indiscriminado é muito amplo, impactando diretamente na biodiversidade da região dos cerrados piauienses, pois a região da moderna agricultura dos platôs piauienses é rica em algumas espécies animais, dentre eles diversas ramificações de tatus, de aves, de emas, veados, pacas, porco-espinho, macacos, onças pintadas e suçuaranas, além de espécies vegetais características dos cerrados, como o jatobá, a cagaita, pequi, etc.

Os impactos nas espécies animais dos platôs piauienses atualmente torna-se cada vez mais evidente, pois em decorrência do grande desmatamento, nota-se que há uma grande tendência dos animais buscarem refúgio nas áreas mais rebaixadas (baixões), no fundo de vales de rios e cursos d'água em geral e nas poucas áreas de reservas.

Em razão disso, a caça indiscriminada tem crescido cada vez mais nos cerrados piauienses, pois há uma grande facilitação dessa atividade predatória em decorrência da concentração dos animais em áreas mais reduzidas e de fácil acesso. Observam-se inclusive inúmeros casos de aparecimento de onças pintadas em regiões anteriormente inabitadas por esses animais.



Além dessas questões o desmatamento das bordas das chapadas e de extensas áreas intensifica os processos erosivos presentes nas áreas dos cerrados, além de influenciarem diretamente no aumento do assoreamento dos cursos d'água e um aumento dos riscos ambientais em decorrência de práticas relacionadas ao uso de agrotóxicos e inseticidas em áreas próximas às nascentes de rios. Além disso, nota-se cada vez mais o aumento de práticas como a pulverização aérea e de pivôs para irrigação de grandes áreas que podem culminar na contaminação do ar, das águas e dos solos da região dos cerrados piauiense.

Outro grande problema está na emergência de processos erosivos nas áreas dos platôs piauienses em decorrência da circulação de máquinas, equipamentos, caminhonetes, tratores e circulação de veículos no geral que acabam provocando a compactação do solo, intensificando assim o escoamento superficial originado pela diminuição da infiltração da água no solo, o que gera a formação de áreas alagadas em áreas mais rebaixadas do terreno, acumulando bancos de areia (Olimpio e Monteiro, 2005).

Em decorrência do maior escoamento superficial, há também a formação de sulcos que podem originar processos erosivos mais graves nessas áreas, podendo comprometer áreas de belas paisagens dos baixões, como da figura a seguir, em decorrência do assoreamento dos corpos d'água e poluição dos mesmos, onde se observa uma área alagada de brejos no município de Monte Alegre do Piauí, localizado nas áreas dos baixões que atualmente sofre possíveis ameaças de degradação e de processos de assoreamento dos rios.

**Figura 11: Área de brejos no município de Monte Alegre do Piauí**



**Fonte:** o autor (2013)

Os impactos ambientais acabam originando problemáticas sociais, o que demonstra a ligação entre os aspectos ambientais no espaço (OLIMPIO e MONTEIRO, 2005). No entanto, deve-se considerar que qualquer atividade produtiva, qualquer que seja, impacta diretamente no meio ambiente de alguma forma, seja direta ou indiretamente. O que vai diferenciar é a intensidade dos impactos ambientais e sociais nas diferentes atividades.

A degradação ambiental na região dos cerrados piauienses pode desencadear inúmeras problemáticas para a Mesorregião do Sudoeste Piauiense, afetando principalmente os cursos d'água da região e diminuição da biodiversidade com o avanço da fronteira agrícola na região do bioma cerrado. A falta de consideração em relação aos impactos ambientais, por parte dos grandes produtores, é evidente nas áreas de agricultura moderna, havendo intensos processos de desmatamento e uma consequente diminuição do habitat de inúmeros animais da região.

A redução dos corpos hídricos da região dos cerrados piauienses, especialmente das áreas dos baixões, também é intensificada pela grande utilização da agricultura irrigada de

forma descontrolada e sem planejamento prévio. Fato que gera grande preocupação, pois em determinados anos, a estação seca é longa e gera inúmeros problemas tanto na grande produção moderna da agricultura, como para os pequenos produtores das áreas dos baixões.

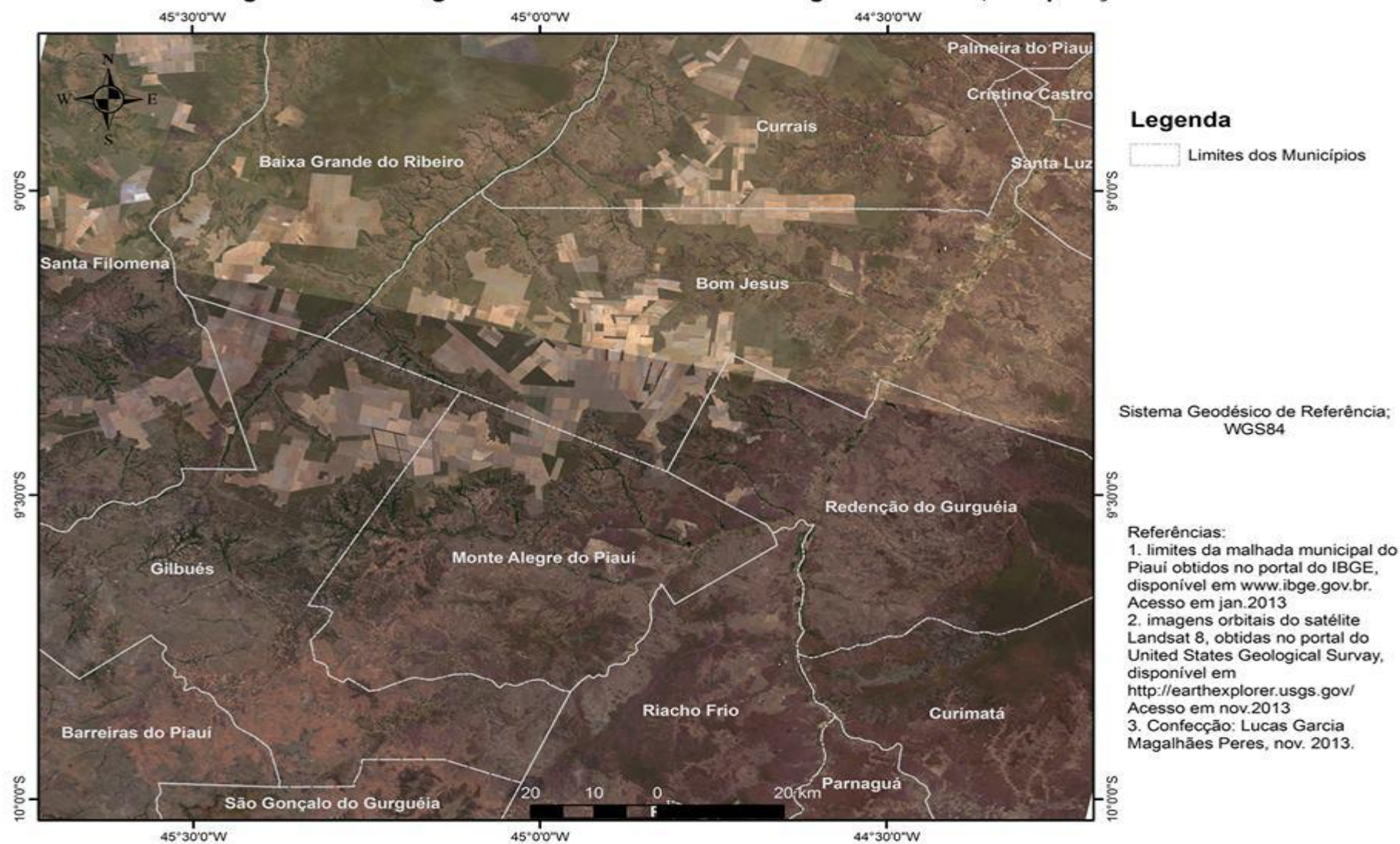
Há no Sudoeste Piauiense uma associação da produção da agricultura moderna ao desenvolvimento econômico. No entanto, que há na verdade apenas um crescimento econômico, pois o grande objetivo dos grandes agricultores é o aumento da produtividade e produção, não havendo consideração dos impactos sociais e ambientais provocados pela moderna agricultura na realidade do Sudoeste Piauiense.

Dentre os problemas destaca-se o agravamento da pobreza, intensificação do êxodo rural e principalmente impactos no meio ambiente como degradação dos solos, intensificação de processos erosivos e contaminação/degradação dos recursos hídricos.

Para ter ideia da dimensão e da localização geográfica dos projetos de agricultura moderna observe a figura a baixo, referente a um recorte da Mesorregião do Sudoeste Piauiense, com concentração da agricultura em Bom Jesus e sua área de influência:

**Figura 12: Carta Imagem do Sudoeste Piauiense**

**Carta Imagem da Mesorregião do Sudoeste Piauiense-Imagens Landsat8, composição RGB321**





Pode-se notar, a partir da carta-imagem anterior, uma grande extensão das áreas dos projetos de agricultura moderna (coloração clara), sendo que a localização dos projetos fica exatamente em áreas mais elevadas, nos chamados platôs, verificando uma grande existência do desmatamento nas áreas das bordas das chapadas e uma continuidade dos projetos de agricultura moderna nos diferentes municípios.

Nota-se também grande concentração das áreas de moderna agricultura no município de Bom Jesus, que atualmente vem passando por inúmeras transformações na área urbana e rural, onde pode-se notar a presença de impactos ambientais consideráveis, como o desmatamento ilegal. A problemática do desmatamento das áreas de bordas de chapadas pode ser observada na figura a seguir:

**Figura 13: Desmatamento das bordas de Chapadas da Serra do Uruçuí**



**Fonte:** Google Earth em novembro de 2013.

O desmatamento verificado em algumas áreas de encostas de chapadas no Sudoeste Piauiense é uma grande problemática, pois a vegetação está diretamente relacionada à função de proteger as áreas de encostas, além de ajudar na contenção e regulação do fluxo de água (OLIMPIO, 2004).

Com a retirada da vegetação das áreas de encostas, há maior probabilidade da existência de processos erosivos e degradantes, pois o solo acaba ficando exposto, sendo assim há uma grande possibilidade da terra ser carregada pelas águas das chuvas ser deposita em áreas de rios em áreas dos baixões piauienses, gerando assim o assoreamento de cursos d'água em algumas áreas dos cerrados piauienses e também provocando o aparecimento de volumosos sedimentos em suspensão na ocorrência das chuvas na região, como pode ser observado na figura abaixo de um dos afluentes do Rio Contrato no município de Monte Alegre do Piauí, que deságua no Rio Gurguéia:

**Foto 14: Sedimentos em suspensão no Rio Contrato- Monte Alegre do Piauí**



**Fonte:** Valdimiro Rodrigues de Carvalho (2013)

A foto mostra clara alteração da sedimentação em suspensão dos rios, no povoado Conceição dos Martins, localizado na área rural do município de Monte Alegre. Trata-se de um problema verificado após o desmatamento de áreas dos platôs da Serra do Uruçuí, principalmente de área de encosta, realizados com tratores no manuseio da terra para o plantio de grãos de agricultura moderna.

As populações locais dos municípios integrantes do Sudoeste Piauiense também recebem grandes efeitos da modernização da agricultura e isso é verificado em inúmeros fatores e realidades. Pois logo no início da ocupação das áreas dos platôs piauienses pelos migrantes sulistas já se observava uma total reconfiguração das relações socioespaciais e do uso do solo nas regiões dos cerrados. Anteriormente à agricultura moderna, as áreas dos platôs piauienses eram destinadas à pecuária extensiva, onde os pequenos pecuaristas realizam a queimada da vegetação para o rebrotamento das pastagens naturais para alimentação dos rebanhos de gado, que vinham para as áreas dos Gerais geralmente de outubro a abril.

Dessa forma houve uma reconfiguração no uso da terra, onde as áreas dos Gerais (platôs) tornaram-se espaços privados de agricultura moderna em substituição ao uso tradicional comunitário vinculado às populações locais. Dessa forma, a moderna agricultura reduz cada vez mais as áreas de uso comunitário destinado à pecuária extensiva.

Essa redução das terras dos platôs para o uso comunitário impacta diretamente as áreas dos baixões, pois os moradores locais criadores de gado avançam cada vez mais sobre as áreas próximas aos rios com maior umidade e água disponíveis para o gado (ALVES, 2006). A figura abaixo retrata muito bem a atual caracterização e complexidade das áreas de moderna agricultura nos cerrados piauienses:



**Figura 15: Composição colorida com imagens Lansat-TM 5 obtidas em junho de 2010- Bom Jesus-PI**



**Fonte: o autor (2013)- Elaborado na disciplina Sensores Remotos do Departamento de Geografia (UnB)**

As áreas com coloração rosa representam os grandes projetos de agricultura moderna e as áreas verdes claras próximos aos vales estão representando as matas de galeria, onde existem cursos d'água e drenagem, e as áreas com coloração verde escura estão representando a vegetação dos cerrados. Destaca-se ainda a existência de áreas de brejos e áreas alagadas em certas áreas do Sudoeste Piauiense.

Nota-se, a partir da composição colorida, que os projetos de agricultura moderna estão localizados em uma área mais elevada, nas áreas dos platôs piauienses (Chapadas), próximos a vales encaixados e bordas de chapadas, com altitude média de 400 a 600 metros, que, no entanto, eram anteriormente utilizadas comunitariamente pela população local, caracterizando assim uma reconfiguração do uso do espaço nessas áreas dos Gerais do Sudoeste Piauiense.

Como consequência dessas questões, tem-se notado a tendência de cercamento das propriedades dos Gerais e consequentemente redução da atuação dos moradores locais



relacionadas à coleta de frutos dos cerrados, de plantas medicinais e de extração de mel de abelha em virtude também do desmatamento (MMA, 2005).

Na atualidade notam-se claras transformações no cenário do Sudoeste Piauiense, pois os grandes agricultores começam a tentar adquirir terras nas áreas dos baixões, mais especificamente nas áreas rurais dos municípios, como forma de destinação para as reservas legais (obrigatório reserva de 20% segundo o artigo 16 da MPO nº 2.166-66, de Julho de 2001) (MONTEIRO, 2005). Muitas vezes as aquisições de terras nas áreas dos baixões são realizadas a preços irrisórios, onde os agricultores focam a compra de terras onde existam cursos d'água para bombeamento para as sedes das fazendas das áreas mais elevadas (platôs). Isso pode ser evidenciado na foto a seguir:

**Foto 16: Áreas dos baixões adquiridas por grandes produtores de terras dos platôs piauienses- Povoado Cedro em Município de Monte Alegre do Piauí**



**Fonte:** o autor (2013)

Nota-se na figura uma encanação que visa o transporte das águas mais rebaixadas para a sede de uma grande fazenda no município de Monte Alegre através da instalação de infraestrutura de motores de propulsão. A água é levada para as áreas mais elevadas, em cima da Serra do Uruçuí. A aquisição dessas terras foi realizada por um grande proprietário de terras das áreas de agricultura moderna da região de influência da Serra do Uruçuí, especialmente em Monte Alegre do Piauí e Gilbués-PI.

Isso acaba acarretando no aumento do desmatamento nas áreas dos platôs piauienses. Configurando assim uma grande pressão exercida pelos grandes produtores de agricultura moderna aos pequenos produtores familiares, prejudicando assim o extrativismo vegetal dos moradores dos baixões e fundos de vales, onde se destacava a produção de utensílios a partir dos buritizais, a coleta de frutos dos cerrados como o buriti e o pequi, além de impactarem nas áreas de vazantes destinadas à produção familiar (ALVES, 2006).

Além da compra das terras dos baixões para destinação das reservas legais dos cerrados, nota-se também que há na atualidade uma tendência de expropriação de pequenos agricultores das suas moradias em virtude do aumento do comércio de terras, onde os grandes agricultores adquirem novas terras dos baixões e acabam literalmente expulsando alguns moradores locais das suas terras em virtude da falta de regularização.

O processo de expansão e modernização da agricultura nos cerrados piauienses gerou inúmeras expectativas no contexto do Sudoeste Piauiense, pois a população local esperava uma grande geração de empregos e grande participação no processo de desenvolvimento econômico do Estado. Porém, no decorrer dos anos observa-se que a moderna agricultura gera poucas vagas de empregos formais. Sendo que algumas das vagas geradas exigem certo conhecimento e qualificação que parte da mão de obra do Sudoeste Piauiense não possui para o preenchimento de determinadas vagas geradas pela agricultura moderna.

No entanto a instalação de universidades, faculdades e escolas técnicas em alguns municípios, com presença cursos de técnicos e de graduação ligados à agricultura gera algumas perspectivas futuras em relação ao mercado de trabalho, pois nota-se uma tendência de incorporação da mão de obra piauiense no mercado de trabalho gerado pela agricultura moderna, especialmente de profissionais como agrônomos e engenheiros florestais.

Em virtude da proximidade de certas áreas dos baixões aos grandes projetos de agricultura, alguns pequenos agricultores têm adquirido pequenas sacas de soja e milho e

farelos dos mesmos para a alimentação e criação de peixes em tanques e também para a alimentação do gado na época da seca, além disso, para a criação de porcos, galinhas e criações de ovelhas e cabras. O que revela um ponto positivo da agricultura moderna em decorrência de certo fortalecimento da pequena agricultura.

A agricultura moderna também proporciona alterações no mercado de trabalho do Sudoeste Piauiense, pois os projetos de agricultura moderna geram algumas vagas de emprego na produção. Mas a maioria das vagas preenchidas por piauienses enquadra-se em trabalhos braçais e pesados, onde os pais de família permanecem por longos períodos longe das suas famílias. Porém alguns deles trabalham durante a semana e retornam aos fins de semana para suas casas.

A maioria das vagas de emprego é destinada basicamente aos catadores de raízes encarregados de remover as sobras de vegetação para maior eficácia das máquinas, além das vagas destinadas a caseiros e serviços gerais (ALVES, 2006). Porém pode-se considerar que as condições de trabalho nos projetos são precárias, inclusive com inúmeros casos de exploração demasiada e criminosos, o que configura uma ótica da acumulação de capital com a lógica da redução ao máximo das despesas no processo de produção.

Sabe-se que a Mesorregião do Sudoeste Piauiense apresenta inúmeras problemáticas ambientais, que também recebem grande influência dos problemas sociais. Dentre os problemas verificados no contexto mesorregional, há inúmeros pontos de intensos processos erosivos, dentre eles os processos de desertificação presentes no Núcleo de Desertificação de Gilbués.

Os processos erosivos existentes no Sudoeste Piauiense segue uma tendência de algumas áreas do Nordeste brasileiro, onde nota-se um avanço das áreas degradadas, na qual a salinização dos solos exerce papel de intensificador dos processos erosivos (OLIMPIO, 2004). Além disso, as práticas rudimentares ainda praticadas no Sudoeste Piauiense e no contexto nordestino contribuem fortemente para o aumento dos processos erosivos, degradação dos solos, tais como queimadas sem o devido controle, desmatamento indiscriminado e intenso uso dos solos sedimentares sem o devido controle.

Segundo IICA (2010, p.20)

“o processo de desertificação é causado por uma interação complexa de fatores físicos, biológicos, políticos, sociais, culturais e econômicos. A condição de pobreza das comunidades locais, que na luta pela sobrevivência exercem uma pressão antrópica adicional sobre os recursos naturais, os modelos de desenvolvimento que acentuam o quadro de pobreza e desigualdade, o manejo inadequado dos recursos, que descobrem os solos e os expõem à erosão e a adoção de tecnologias inapropriadas no manejo dos solos, que comprometem a produção agrícola, são alguns dos fatores que levam ao comprometimento dos serviços ambientais, o que afeta a estrutura e o funcionamento do ecossistema”. (IICA, 2010, p.20)

A região de Gilbués é reconhecida atualmente pelo Plano de Ação Nacional de Combate à Desertificação como um Núcleo de Desertificação (IICA, 2010). A região fica localizada nas áreas dos baixões do Sudoeste Piauiense, abrangendo os seguintes municípios: Barreiras do Piauí, Bom Jesus, Corrente, Curimatá, Gilbués, Monte Alegre do Piauí, Redenção do Gurguéia e São Gonçalo do Gurguéia (CREPANI, 2009).

Trata-se de uma área reconhecida nacionalmente e internacionalmente pelo processo de desertificação localizada exatamente entre o bioma dos cerrados do Brasil Central e as áreas semiáridas da região Nordeste do país, onde prevalece a caatinga. Segundo Carvalho e Almeida-Filho (2007) a área fica localizada nas bacias hidrográficas dos rios Uruçuí Vermelho e Gurguéia, que são integrantes da Bacia do Parnaíba.

As causas do processo de desertificação no Núcleo de Desertificação de Gilbués- PI são originadas primeiramente devido a práticas rudimentares e agressoras ao meio ambiente, como as queimadas sem o devido planejamento e uso em excesso do solo. No entanto, o processo de desertificação na região dos baixões do Sudoeste Piauiense é intensificado em meados da década de 1940 devido às descobertas da existência de diamantes nessas áreas (Carvalho e Almeida-Filho, 2007). Dessa forma houve grande atração e migração de minerados e garimpeiros para os municípios integrantes do Núcleo de Desertificação de Gilbués- PI, principalmente para o município que cede o nome ao núcleo.

Carvalho e Almeida-Filho (2007, p.4367) destacam que o processo de aceleração dos processos erosivos foi causado fortemente pela atividade exploratória de diamantes na região, enfatizando que *“os processos erosivos foram iniciados nas encostas e chapadas e nos leitos dos rios, com a abertura de cisternas, túneis e galerias subterrâneas, provocando o desmoronamento de encostas e revolvimento do solo, que se tornou inutilizável.”*

Na atualidade os processos erosivos e de desertificação são influenciados e intensificados pelo desmatamento da vegetação para a plantação de pastagens para a atividade pecuária, impactando diretamente os solos arenosos em decorrência da maior exposição dos mesmos às águas das chuvas e aos ventos, o que leva ao aumento do escoamento superficial no período das chuvas (Carvalho e Almeida-Filho, 2007).

Outro grave problema percebido nessa região é o assoreamento de rios em decorrência do desmatamento e processos erosivos, o que de certa forma, gera inúmeras preocupações em torno da problemática, necessitando assim de políticas de contenção do avanço das áreas degradadas pelos processos antrópicos e naturais. Segue a baixo uma figura das áreas de desertificação e solo exposto do Núcleo de Desertificação de Gilbués:

**Figura 17: Composição colorida com imagens de junho de 2005 Landsat-TM- Área de solos expostos e desertificação na região de Gilbués-PI**



**Fonte:** Carvalho e Almeida-Filho (2007)

Pode-se observar a grande existência de áreas de solos expostos e de desertificação nas áreas com coloração em roxo, mostrando assim que as terras dos baixões piauienses passam por grandes processos erosivos e de desertificação, o que de certa forma dificulta o uso do solo nessas áreas.

O Núcleo de Desertificação de Gilbués-PI empreende uma grande especificidade mesorregional, pois o problema contrasta com a grande produção da agricultura moderna mesorregional. Gilbués é o grande exemplo disso, pois possui uma vocação e capacidade



produtiva elevada, sendo na atualidade um dos municípios que se destacam na produção de *commodities* da agricultura moderna.

A população de Gilbués tem que conviver com as duas realidades ao mesmo tempo, o que empreende um contraste muito grande para o município. Sendo assim pode-se considerar que sua população tem que adaptar ao convívio devido às características impostas pelos processos erosivos de adversidades, inclusive dos processos de desertificação (BRASIL, 2010). Além de Gilbués, pode-se destacar também o município de Monte Alegre como outro exemplo da dicotomia entre desertificação e agronegócio. Segue abaixo uma figura de uma área degradada da zona rural do município de Monte Alegre:

**Foto 18: Área degradada- Povoado Pau de Pente- Monte Alegre do Piauí**



**Fonte:** o autor (2013)

Algumas ações têm objetivado a contenção da degradação ambiental e diminuir os impactos da desertificação em Gilbués. Dentre essas ações pode-se destacar o Núcleo de Pesquisa de Recuperação de Área Degradada em Gilbués (NUPERADE) da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Piauí, integrante do Programa de Ação Estadual de Combate à Desertificação e Mitigação aos efeitos da Seca, que foi inaugurada em 2003 e contou com o apoio do Governo Federal através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

O projeto consistiu basicamente na recuperação das áreas degradadas através do reflorestamento com mudas de árvores dos cerrados, como a aroeira e barbatimão, além de pequenos projetos de cultivo de hortas. No entanto, o NUPERADE não teve continuidade desejada devido à falta de recursos financeiros. Além disso, não houve expansão das áreas previstas para recuperação. As imagens a seguir mostram o início das obras de recuperação das áreas degradadas no município de Gilbués, próxima à BR-135:

**Figura 19: Trabalho de recuperação no NUPERADE-Gilbués**



**Fonte:** Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado do Piauí- Panorama da Desertificação no Estado do Piauí (2005)

Dessa forma os processos de desertificação do Núcleo de Desertificação de Gilbués caracteriza um Sudoeste Piauiense marcado por complexidades, pois expõe uma situação inusitada, pois por um lado convive com processos erosivos, existência de voçorocas e ravinas, desmatamento e assoreamentos dos rios. Por outro lado, há uma na atualidade um avanço da fronteira agrícola nesses municípios pertencentes ao Núcleo de Desertificação de Gilbués, com municípios como Gilbués e Monte Alegre se destacando pela elevação da produção de grãos de agricultura moderna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se a partir dessa pesquisa que a Mesorregião do Sudoeste Piauiense, teve sua formação socioespacial muito influenciada pela pecuária extensiva e pelo ciclo do gado vigente na época na região Nordeste do país como complementação à produção do açúcar na região da Zona da Mata no Nordeste brasileiro. Nesse sentido, a ocupação do atual território piauiense foi realizada inicialmente por aventureiros originários da Bahia.

As primeiras ocupações do território piauiense foram realizadas maneira isolada e próxima aos cursos d'água na região dos cerrados piauienses, onde havia pastagens naturais. Dessa maneira as primeiras ocupações foram focadas nas áreas dos baixões piauienses e as áreas dos platôs eram vistas como inutilizáveis para a prática da agricultura. Os primeiros ocupantes das terras piauienses começaram a inserção das primeiras ocupações na porção Sudoeste e extremo sul do Estado e posteriormente para o centro do estado.

Todas essas configurações influenciaram diretamente nas atuais características geográficas de localização isolada e distante de grande parte dos municípios do Sudoeste Piauiense. Essa característica atual revela-se um problema para a integração entre os diferentes municípios, pois há a existência de municípios que podem ser considerados isolados em relação aos demais. Nesse sentido, tornam-se necessárias políticas de integração entre os diferentes municípios do Sudoeste Piauiense através da implantação de meios de comunicação e transporte adequados.

Na década de 1970 e de forma mais intensa no fim da década de 1990 a agricultura moderna chega ao Sudoeste Piauiense e estabelece uma série de mudanças e rupturas no contexto anterior. As terras dos Gerais que eram destinadas ao gado passam a integrar as novas áreas da agricultura moderna imperante nas áreas do Brasil Central em decorrência da migração dos chamados “gaúchos” para as áreas dos cerrados piauienses. Estes foram incentivados e financiados pelo Estado, especialmente no Regime Militar, evidenciando a modernização conservadora do Brasil.

Nesse sentido o Estado brasileiro começa a incentivar a ocupação de novas áreas no Brasil Central com foco nas áreas dos cerrados. Surge a partir desse momento de expansão da agricultura moderna a nova região de agricultura moderna denominada MAPITOBA, que nada mais é do que a junção das siglas iniciais dos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia. Os migrantes sulistas ocupam os recortes territoriais do sul do Maranhão, Sudoeste



Piauiense, centro-norte de Tocantins e o oeste baiano. Dessa forma surgem os municípios “representantes” do agronegócio nessas áreas: Balsas no Maranhão, Uruçuí e Bom Jesus no estado do Piauí, Araguaina em Tocantins e na Bahia, os municípios de Barreiras- PI, Luiz Eduardo Magalhães e São Desidério.

As mudanças verificadas na região do MAPITOBA mostram-se extremamente abrangentes e importantes de serem consideradas na formulação de novas políticas públicas para a região. Sendo assim, a compreensão das atuais configurações e transformações nas áreas de agricultura moderna é determinante para o planejamento regional. Os impactos socioespaciais que a modernização da agricultura gera devem ser repensados visando o desenvolvimento pautando na sustentabilidade nessas novas áreas do agronegócio.

A Mesorregião do Sudeste Piauiense atualmente se insere na lógica de expansão da fronteira agrícola nas áreas do bioma no Brasil Central, onde se verifica intensas transformações em decorrência da modernização das atividades produtivas. As mudanças são amplas e únicas, impactando e alterando profundamente os aspectos sociais, econômicos, políticos, demográficos, ambientais e empreendendo em novas realidades.

Além disso, pode-se inferir que a migração sulista para a região dos cerrados piauienses proporciona novas realidades, pois os mesmos influenciam diretamente na mudança de alguns hábitos presentes na cidade e no campo. Já há no Piauí filhos de gaúchos nascidos no Piauí, conhecidos como piúchos (mistura de gaúchos com piauienses). Todas essas novas realidades empreendem uma diversidade muito grande no Sudoeste Piauiense, impactando diretamente no surgimento de novos agentes do espaço, como atração de empresas agrícolas, de grandes empresários, comércio e serviços diferenciados.

Nota-se na Mesorregião do Sudoeste Piauiense intensas transformações no uso do espaço, especialmente nas áreas dos Gerais (platôs ou chapadas), onde anteriormente havia um uso comunitário focada para a pequena atividade pecuária da região dos baixões. Atualmente essas áreas mais elevadas do ponto de vista do relevo foram totalmente reconfiguradas e inseridas na rota da produção da moderna agricultura. Essas mudanças impactam diretamente os modos de vida das populações locais da região dos baixões e altera profundamente o meio ambiente.

Os impactos ambientais são muito preocupantes, pois se evidenciam inúmeras agressões ao meio ambiente como desmatamento ilegal, assoreamento de rios, processo

erosivos e degradantes. Além disso, têm-se observado a diminuição dos habitats naturais de alguns animais presentes nos cerrados e o consequente aumento da caça ilegal de animais silvestres.

No Sudoeste Piauiense há no presente emergência de novas centralidades urbanas e novas reconfigurações na rede urbana regional, com a presença de cidades como Uruçuí e Bom Jesus elevando a cada ano os perímetros urbanos, além do intenso crescimento populacional e urbanização nesses dois municípios de maior produção agrícola do estado do Piauí.

Nesse sentido, com o advento da expansão das áreas de agricultura e elevados índices de produtividade e produção nos Gerais, surgem inúmeros novos agentes nas áreas urbanas e rurais da Mesorregião do Sudoeste Piauiense que acabam caracterizando uma mesorregião em total transformação e reconfiguração do seu espaço. Dentre esses novos agentes e modificações, surgem empresas agrícolas, empresas de serviços e comércio diferenciados, surgimento de hotéis nas cidades, maior tráfego de caminhões e máquinas agrícolas, maior fluxo de pessoas e bens, aumento da especulação fundiária e imobiliária na área urbana.

Pode-se considerar também que o processo de modernização da agricultura revela-se contraditório, pois gera tanto aspectos positivos para as novas áreas de produção moderna, como também aspectos negativos em virtude dos impactos sociais e em virtude também dos impactos no meio ambiente. De um lado há um crescimento econômico impulsionado pela alta produção e produtividade da moderna agricultura e do outro lado da moeda há uma série de impactos ao pequeno produtor, crescimento desordenado das cidades seguido de crescimento da urbanização. Dessa forma há ao mesmo tempo impactos positivos e negativos da moderna agricultura no contexto piauiense, que serviu nesse trabalho como um exemplo do processo evidente no Brasil Central.

O Sudoeste Piauiense pode ser considerado na atualidade a última fronteira agrícola brasileira, apresentando índices de crescimento econômico elevados. Uruçuí e Bom Jesus se destacam cada vez em virtude da maior dinamização econômica e crescimento das cidades. Porém, quando se analisa a questão da atração de novos investimentos, de novas realidades e centralidades, observa-se que, cada vez mais, Bom Jesus destoa atualmente como um centro comercial do Sudoeste Piauiense juntamente com cidades como Floriano e Corrente, além de São Raimundo Nonato e Cristino Castro com alto potencial turístico.

Em Bom Jesus, Uruçuí e Corrente há uma grande ampliação do ensino superior focado em cursos voltados ou ligados para a produção e isso é um dos pontos mais positivos possíveis, pois grande parte dos estudantes de municípios do Sudoeste Piauiense não possuía nenhuma expectativa de ingresso no ensino superior. Nesse sentido a expansão do ensino superior nessas cidades do Sudoeste Piauiense é uma importante ferramenta na diminuição das desigualdades sociais no estado do Piauí.

Atualmente verifica-se a existência de inúmeros estudantes universitários de origem humilde, com seus pais morando na zona rural, cursando cursos ligados às atividades agropecuárias como, por exemplo, o curso de Agronomia, Engenharia Florestal, Medicina Veterinária. Na maioria das universidades já há existência de convênios entre as mesmas e empresas agrícolas focadas no agronegócio, onde grande parte dos estudantes, quando formados, atuará no estado do Piauí ou até mesmo na fronteira agrícola do MAPITOBA. O que de certa forma pode conter um pouco da perda de mão de obra qualificada do estado para outras regiões do país, evitando assim a migração de jovens piauienses para outras regiões mais distantes do país, especialmente o Sudeste e o Centro-Oeste.

Com o advento da modernização da agricultura no Sudoeste Piauiense torna-se cada vez mais necessário o fortalecimento e incentivo da produção da agricultura familiar como forma de equilibrar os fatores produtivos mesorregionais e subsidiar a pequena agricultura. Mas para isso é preciso que haja uma mobilização muito grande por parte do Estado, além de possíveis associações aos grandes agricultores e empresas agrícolas como forma de incentivar a pequena produção familiar no Sudoeste Piauiense. Nesse sentido torna-se necessário o fortalecimento da gestão dos pequenos municípios, de forma a capacitar os gestores municipais no engajamento do fortalecimento das populações locais, especialmente as residentes nas áreas rurais municipais.

Pode-se inferir também que o Sudoeste Piauiense é marcado pela grandiosidade de situações que configuram uma mesorregião amplamente complexa do ponto de vista de processos emergentes e características atuais de transformações. Isso fica evidente na forte contraposição e dicotomia entre o processo de desertificação no Núcleo de Desertificação de Gilbués localizada nos baixões e a agricultura moderna presente nas áreas dos platôs piauienses.

Os processos erosivos e assoreamento dos corpos d'água passam a contrastar com a grande agricultura moderna presente no Sudoeste Piauiense, com a existência de municípios como Gilbués e Monte Alegre que apresentam processos de degradação ambiental marcados pelo processo de desertificação, mas possuem também grande produção agrícola. Evidenciando assim uma região marcada pelos contrastes e desigualdades nos âmbitos sociais e ambientais, que precisam ser entendidas de forma mais profunda e criteriosa.

Nota-se uma diversidade de problemas a serem enfrentados no estado do Piauí, dentre eles pode-se destacar que o uso adequado da água pode impulsionar o desenvolvimento da região e resolver uma série de problemas ligados ao abastecimento de água da Mesorregião Sudoeste Piauiense. Isso permite afirmar que o estudo das características e reais potencialidades do Vale do Guruguéia são essenciais para a tomada de decisões e para um maior conhecimento das necessidades e conjunturas dessa área.

Nota-se que o processo de modernização agrícola coloca uma região antigamente esquecida no centro das atenções do grande capital de vários agentes atuantes do espaço. Nesse sentido é necessário entender o Sudoeste Piauiense como uma área em transformação e reconfiguração que necessita de uma maior atenção quanto aos impactos negativos da moderna agricultura.

Espera-se que esse trabalho tenha contribuído para o entendimento de algumas questões existentes na realidade do Sudoeste Piauiense e nas áreas do Brasil Central. São inúmeras possibilidades de discussão e abordagem. Sendo assim, essa pesquisa é apenas uma possível nova contribuição à temática. O maior conhecimento e aprofundamento de novos estudos tornam-se necessário para uma melhor compreensão da nova fronteira agrícola no país. O estado do Piauí passa por grandes transformações que se inserem na lógica das transformações do Brasil Central, no entanto, é necessário entender as características próprias e especificidades do espaço socioespacial piauiense de maneira mais intensa em novos estudos visando uma maior contribuição ao planejamento regional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, V. E. L. **Mobilização e Modernização nos Cerrados Piauienses: Formação Territorial no Império do Agronegócio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Tese de Doutorado, 2006.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. “A mobilidade sulista e a expansão da fronteira agrícola brasileira”. In: **Agrária**. São Paulo, nº 2, 2005. pp. 40-68. - HAESBAERT, R. (2010): Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. In: **ANTARES** 3, p.2-24.

ALVES, V. E. L.; A Consolidação da Fronteira Agrícola na Região Centro-Norte do Brasil e as Transformações nos Espaços Rurais e Urbanos. 07/2012, **XVII Encontro Nacional de Geógrafos - XVII ENG - Entre escalas, poderes, ações, Geografias**, Vol. 1, pp.1-10, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2012.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. **As bases históricas da formação territorial piauiense**. Geosul, Florianópolis, v.18, n.36, p.55-76, jul/dez 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/13577/12450>>. Acesso em: 05 de maio. 2013.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. O Mercado de Terras nos cerrados piauienses: Modernização e Exclusão. **Agrária**, São Paulo, nº10/11, PP.73-98, 2009.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. A presença das grandes empresas do agronegócio nos cerrados nordestinos: O caso da Bunge Alimentos no sul do Piauí. **Boletim Campineiro de Geografia**. V.2, 2012.

ARAÚJO, Márcia Regina S; MORAES, Maria Dione Carvalho. Cerrados Piauienses: de Espaço Natural a Espaço Construído. **III Encontro da ANPPAS**. 23 a 26 de Maio de 2006, Brasília-DF.

ARAÚJO, Márcia Regina Soares de. Expansão da fronteira agrícola nos cerrados piauienses, (des) territorialização e os desafios para o desenvolvimento territorial: o caso do município de Bom Jesus / Dissertação de Mestrado. – Teresina, 2006.

CARVALHO, Carolina Monteiro de; ALMEIDA-FILHO, Raimundo. Uso de imagens Landsat-TM para avaliar a extensão da desertificação na região de Gilbués, sul do estado do Piauí. **INPE**, Santa Catarina, 2007. Disponível em: <<http://marte.dpi.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr%4080/2006/11.08.22.52/doc/4365-4372.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2013.

HAESBAERT, Rogério. A noção de rede-regional: reflexões a partir da migração “gaúcha” no Brasil. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 4, jan./jun.1998. Disponível em: [http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04\\_5\\_haesbaert.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04_5_haesbaert.pdf). Acesso em: 01 fev. 2013.

HARVEY, David. A Geografia da Acumulação Capitalista: Uma Reconstrução da teoria Marxista. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico de 2010- Retratos do Brasil e do Piauí**, 2010.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**. Vol. 1. Rio de Janeiro, 1990.

INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA. Formulação de subsídios para a elaboração do zoneamento ecológico – econômico do núcleo original de desertificação de Gilbués, estudo de caso dos municípios de Gilbués e Monte alegre, no estado do Piauí. **IICA – Brasília**, 2010. Disponível em: <<http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/Publicacoes/DispForm.aspx?ID=136>> Acesso em: 02 fev. 2013.

MATOS, Patrícia Francisca de; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar Pessôa. Territorialização do Agronegócio nas áreas de cerrado. In: PORTUGUEZ, Anderson P.; MOURA, Geruza Gonçalves e COSTA, Rildo A.(Org.). **Geografia do Brasil Central: Enfoques teóricos e particularidades regionais**. Uberlândia: Assis, 2011. p. 235-264.

MONDARDO, Marcos Leandro. Nova Agricultura, novo território: Mobilidade sulista e desterritorialização no oeste baiano. **Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos: Crises, práxis e autonomia: Espaços de Diálogos e Práticas**. Julho, 2010.

MONTEIRO, M. S. L. **Ocupação do cerrado piauiense: estratégia empresarial e especulação fundiária**. 2002. 250f. Tese (Doutorado em economia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

MOTA, Francisco Lima. Relação campo-cidade no sul do Maranhão. In: CHELOTTI, Marcelo C. et al (Org). **Geografia e diversidades territoriais do campo brasileiro**. Uberlândia: Assis, 2012. p. 279-295.

MOTA, Francisco Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. O Agronegócio como (re) produtor e um novo território: Balsas no Contexto do Agronegócio da soja. Disponível em: <http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completo/FRANCISCO%20LIMA%20MOTA.pdf>. Acesso em 02 de outubro de 2013.

OLIMPIO, José Adauto; MONTEIRO, Maria do Socorro L. Impactos modernos da agricultura sobre o solo e a biodiversidade no cerrado em Palmeira do Piauí e Currais. **Carta Cepro**, Teresina: Janeiro/Julho, 2005, vol.23, p-50-64.

OLIMPIO, José Adauto. A agricultura comercial e suas consequências sobre o ambiente nos municípios de Palmeira do Piauí e Currais. **Emater-PI**, Teresina: UFPI, 2004. Disponível em: <[http://www.emater.pi.gov.br/download/200812/EMATER01\\_02e42d437b.pdf](http://www.emater.pi.gov.br/download/200812/EMATER01_02e42d437b.pdf)>. Acesso em 03 fev. 2013.

PINA, Núbia Valéria Moreira; MONDARDO, Marcos Leandro. Duas Faces, uma região: Da pujança do agronegócio à pobreza e precariedade das populações locais no oeste da Bahia. **Revista GEONORTE**, Ed. Especial 3, V.7, N.1,P.1545-1556, 2013.

PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. 47ª reimpressão. São Paulo, Brasiliense, 2006.

QUEIROZ, B. G. *A mudança de centralidade urbana no oeste baiano: o caso de Luis Eduardo Magalhães e Barreiras (BA)*. 2012. 41p. Monografia (Bacharelado em Geografia). Orientador: Vicente Eudes Lemos Alves – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

REIS, Layara; CUNHA, Paulo. Influência do agronegócio no perímetro urbano do Município de Bom Jesus-PI. IV Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte e Nordeste de Educação Tecnológica. Belém-PA, 2009.

ROCHA, Jonas Romão. A soja transformando Chapadão do Sul-MS. In: CHELOTTI, Marcelo C. et al (Org). **Geografia e diversidades territoriais do campo brasileiro**. Uberlândia: Assis, 2012. p. 237-258.

SILVA, Antonio Joaquim et al. Geoprocessamento Aplicado ao estudo da dinâmica da produção agrícola e a organização do espaço da produção agrícola e a organização do espaço da mesorregião do Sudoeste Piauiense. **II Simpósio Brasileiro de Ciências Geodésicas e Tecnologias da Geoinformação**, Recife-PE: Setembro, 2008, p-1-7.

SOUSA, Marcelo Lopes de. Capítulo 3: Da cidade individual à rede urbana. In\_\_\_\_\_. **ABC do desenvolvimento urbano**. Bertrand Brasil, 2003. P.49-61.

SOUSA, Valfrido Viana de. Piauí: apossamento, integração e desenvolvimento (1684-1887). Disponível em: [http://pos-historia.historia.ufg.br/uploads/113/original\\_43\\_ValfridoSousa\\_PiauiApossamentoIntegracao.pdf](http://pos-historia.historia.ufg.br/uploads/113/original_43_ValfridoSousa_PiauiApossamentoIntegracao.pdf). Acesso em: 12 de Jul. de 2013.

Zoneamento Ecológico-Econômico da bacia do Rio Parnaíba: um foco nos cerrados do sul do Piauí e Maranhão: subsídios para o diagnóstico/MMA, Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável, Programa ZZE, Consórcio ZEE BRASIL- Brasília. MMA, 2005.

### **Sites consultados:**

Site Embrapa Meio Norte. Disponível em:

<http://www.cpamn.embrapa.br/gurgueia/index.php?id=1>. Acesso em 22 de junho de 2013.

Site G1- Globo Rural. Disponível em:

<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2012/12/governo-anuncia-construcao-da-transcerrados-para-inicio-de-2013.html>. Acesso em 20 de outubro de 2013.

Site Carta Geográfica. Disponível em:

<http://cartageografica.blogspot.com.br/2011/11/matopiba-nova-fronteira-agricola-do.html>

Site G1- Globo Rural: Disponível em:

<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/05/agua-jorra-dos-subterraneos-do-piaui-e-muda-vida-de-muita-gente-do-sul.html>